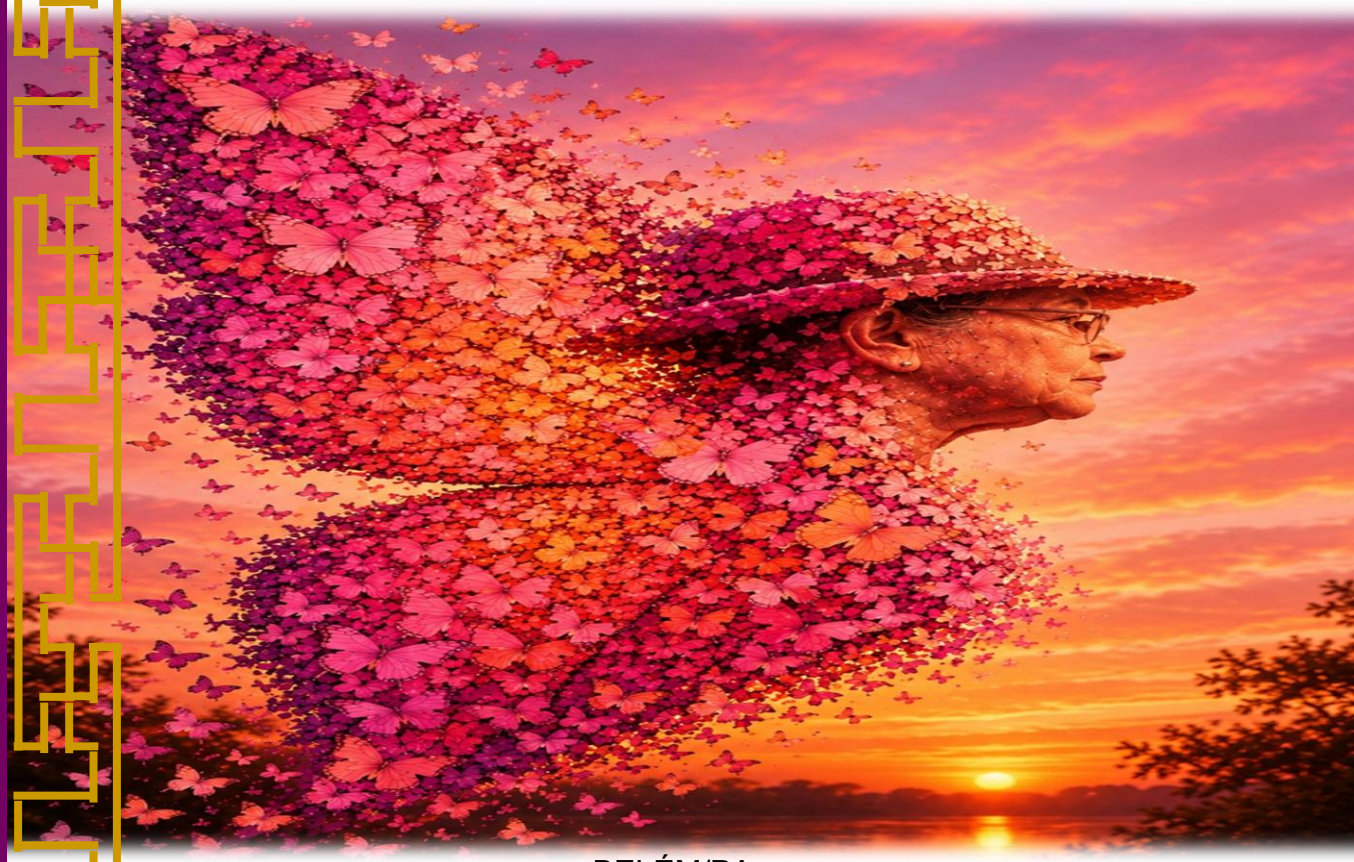
Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia

KARLA KAROLINA AZEVEDO DA CONCEIÇÃO

“CONTOS DE AMÉLIA” - narrativas populares marapaniense no contexto de apagamento dos saberes ancestrais



BELÉM/PA

2026

KARLA KAROLINA AZEVEDO DA CONCEIÇÃO

“CONTOS DE AMÉLIA” - narrativas populares marapaniense no contexto dos saberes ancestrais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará como requisito para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientador: Profº. Dr. João Colares da Mota Neto

BELÉM/PA
2026

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) de acordo com o ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade do Estado do Pará
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Azevedo da Conceição, Karla Karolina
"CONTOS DE AMÉLIA" : NARRATIVAS POPULARES MARAPANIENSE NO CONTEXTO DE APAGAMENTO DOS SABERES ANCESTRAIS / Karla Karolina Azevedo da Conceição. — , 2006.
144 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. João Colares da Mota Neto
Dissertação (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO(PPGED)) - Universidade do Estado do Pará, Campus I - Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE), 2006.

1. Amélias. . 2. Narrativas orais. . 3. Saberes marapaniense. . 4. Apagamento. . 5. Educação ancestral.. I. Título.

CDD 22.ed. 370

KARLA KAROLINA AZEVEDO DA CONCEIÇÃO

“CONTOS DE AMÉLIA” - narrativas populares marapaniense no contexto dos saberes ancestrais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. João Colares da Mota Neto

Data da defesa: 2/6/2026

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. João Colares da Mota Neto
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará, Brasil
Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade do Estado do Pará

Examinador Externo: Prof. Dr. Alexandre José Cadilhe
Doutor em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense
Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Examinador Interno: Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes
Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade do Estado do Pará

BELÉM/PA
2026

A minha *avó Amélia, maior contadora da sua história.(in memorian).*

A minha orientadora Socorro Cardoso (*in memorian*).

A minha criança ouvinte, que hoje é uma mulher que narra a sua história.

AGRADECIMENTOS

De início, peço perdão aqueles que ficarão de fora desta lista, mas não cabem todos aqui, porém, cabem todos em meu coração.

Minha fé não permitiria iniciar esta lista sem a força motriz que permitiu esta jornada, Deus, a este ser supremo agradeço pelo dom de nunca ter desistido quando todos diziam que eu não seria grande coisa e não sou mesmo, porque sou um grande ser. Ainda sob diagnósticos temíveis como um câncer, Deus foi o provedor das outras possibilidades!

A minha avó Amélia, indígena que não permitiu que outros falassem sua história e mesmo analfabeta em língua portuguesa era letrada na língua do mundo, inclusive, saudades.

A elas, colaboradoras e contadoras de suas histórias, principalmente Nazaré Bentes, narradoras de Marapanim, que eu tenha conseguido manter intacto seus saberes e suas identidades linguísticas, culturais, tradicionais e históricas, mas peço perdão se não consegui.

Mesmo sem apoio à educação que tive, agradeço a minha mãe, que foi um grande auxílio em momentos necessários, com aquilo que ela podia, no momento que ela pôde!

Agradeço àquela que foi por dezoito anos minha PEDRA de alicerce, minha filha Penélope, que foi o foco de nunca ter desistido da minha educação, eu não admitiria ser uma mãe que não conseguiria ajudá-la nas tarefas básicas da escola.

Agradeço aos meus pequenos tijolos de concretos, irmã e sobrinhos.

Agradeço a todos os amigos que estão e estiveram na minha vida, desde o tempo da palmatória. Mas agradeço, em especial, aquela que conheceu minhas dores, temores e fez-me sua amiga, ROSALDA.

À Antônia, uma mulher de respeito e minha vizinha, uma pessoa que não há outra, nem parecida. Ela me ensinou a amar minhas raízes africanas, assim como minha avó me ensinou a fortalecer meu DNA indígena.

Por último, a eles, no plural sim, MEUS orientadores: Minha Mamá Coco (Professora Socorro Cardoso) que me disse sim; que disse, você consegue; que confiou e deu o passo inicial nesta pesquisa, mas devido ao mestre dos tempos, foi chamada para transcender deste plano-Eu não a esqueci. E a ele, o único homem que me disse, sim, João Colares da Mota Neto, ele foi a certeza no meio da dúvida, ele foi a força na minha fraqueza, ele permitiu que eu concluísse esta etapa, prometi me comportar e espero que eu tenha conseguido (foi uma tarefa difícil). Obrigada, professor, e esse agradecimento é o mais especial de todos, pois eu tive a oportunidade de ter os melhores orientadores que no percurso acadêmico poderia me dar.

RESUMO

A presente pesquisa faz uma análise de narrativas populares oralizadas na cidade de Marapanim, narradas por mulheres do triângulo central, povoados do Abacate, do Surubiju e Ruas Centrais, como Lauro Sodré. A temática se alicerça no contexto de apagamento de narrativas protagonizadas por mulheres que no início do século XX, por meio do neologismo metafórico adicionado ao nome Amélia, tiveram adjetivadas o seu arduoso trabalho e sua identidade ao contexto de trabalhos domésticos e fragilidades femininas. A escolha pela cidade de Marapanim se deu por ser um lugar requisitado nos períodos de férias julhinas e de finais de ano e por ter reconhecimento na área cultural carimbolista, deixando outras áreas como a linguagem, a educação e as histórias orais em um subplano de identidade ancestral. O elo pessoal que tenho com a cidade, foi um ponto fundamental para escolha da pesquisa *in loco*. Como objetivo geral a pesquisa consistiu em identificar a existência de métodos/processos educativos populares "amelisando" narrativas orais de autoria feminina marapaniense, a ocorrência do apagamento identitário feminino nas narrativas populares locais, com metas específicas de definir a existência de "Contos de Amélia" de autoria ou narração feminina; registrar e analisar o discurso das narrativas no contexto popular como forma de identidade local; correlacionar o papel da narradora com o estigma da educadora primordial no contexto da Amélia. O referencial teórico apoia-se em autores como Carlos Rodrigues Brandão (2007), Mikhail Bakhtin (2010), Eni Orlandi (2022) e Irlemar Chiampi (1997), no que diz respeito aos estudos sobre narrativas populares, análise do discurso e apagamentos (identitário, social e linguístico). Metodologicamente, adotou-se a abordagem qualitativa, de campo, com foco na análise do discurso por meio da pesquisa etnográfica. A culminância da pesquisa contempla 4 narradoras, com o foco de análise nas narrativas de mulheres de 49 a 94 anos de Marapanim. Os dados foram coletados por meio de registros das narrativas orais, visando analisar, sob a ótica discursiva e etnográfica. Os resultados demonstraram que quanto mais idosa, mais histórias são preservadas e quanto mais jovem, mais elementos femininos são inseridos no texto.

Palavras chaves: Amélias. Narrativas Orais. Saberes Marapaniense. Apagamento. Educação ancestral.

ABSTRACT

The present study analyzes popular oral narratives in the city of Marapanim, narrated primarily by women from the central triangle, the communities of Abacate and Surubiju, and central streets such as Lauro Sodré. The theme is grounded in the context of the erasure of narratives protagonized by women who, at the beginning of the 20th century, through a metaphorical neologism added to the name Amélia, had their arduous labor and identity characterized within the context of domestic work and female fragility. The choice of the city of Marapanim was due to its popularity during the July vacation period and end-of-year holidays, as well as its cultural recognition in the field of carimbó, leaving other areas such as language, education, and oral histories in a secondary plane of ancestral identity. The personal connection I have with the city was a fundamental factor in choosing to conduct in loco research. The general objective of the research was to identify the existence of popular educational methods that "amelisize" oral narratives authored by women from Marapanim, as well as the occurrence of female identity erasure in popular Marapanim narratives. The specific objectives were: to define the existence of "Tales of Amélia" in narratives from Marapanim authored or narrated by women; to record and analyze the discourse of these narratives within the popular context as a form of local identity; and to correlate the role of the female narrator with the stigma of the primordial educator within the context of the Amélia. The theoretical framework is based on authors such as Brandão (2007), Santos (2023), Bakhtin (2010), Orlandi (2022), and Chiampi (1997), particularly regarding studies on popular narratives, discourse analysis, and identity, social, and linguistic erasure. Methodologically, a qualitative, field-based approach was adopted, focusing on discourse analysis through ethnographic research. The culmination of the research includes four narrators; however, the analytical focus is on narratives by women aged between 50 and 94, primarily from Marapanim. Data were collected through recordings of oral narratives, aiming to analyze them from a discursive and ethnographic perspective. The results demonstrated that the older the narrator, the more stories are preserved, whereas the younger the narrator, the more feminine elements are incorporated into the text.

Keyword: Amélias. Oral Narratives. Marapaniense Knowledge. Erasure. Ancestral Education.

LISTA DE FIGURA

Figura 1 Localização de Marapanim 23
Figura 2- Entorno do Mangue em confluência com a cidade 25
Figura 3– Portal da entrada da cidade de Marapanim 25
Figura 4– Localização do povoado Abacate 26
Figura 5– Comunidade do Surubiju 27
Figura 6– Triangulamento das visitas etnográficas 28

LISTA DE FOTOS

Foto 1- PA 318 no alto de Curuçá 24
Foto 2- Casarão Museu 31
Foto 3- Estrutura urbana da rua Lauro Sodré 32
Foto 4- Igreja Matriz: Nossa Senhora das Vitórias 35
Foto 5- Orla revitalizada de Marapanim 38
Foto 6- Mural Cultural de Marapanim- Carimbó 40
Foto 7− Barraca da sorte- estande de entretenimento 42
Foto 8- Vendedor de balões 42
Foto 9- Praia do Lembe na Ilha de Camará Popularizada 46
Foto 10- Praia do Lembe- Paisagem antes da popularização 46
Foto 11 -Rio Marapanim em revoada do Guará-Vermelho 50
Foto 12- Narradora Nazaré Bentes 89
Foto 13- Entrada com letreiro de Marapanim 91
Foto 14- Dona Nazaré Bentes em entrevista em Marapanim no dia 22 de março de 2025 99
Foto 15- Narradora Ivaneide Bentes Monteiro- Comunidade Abacate 103
Foto 17- Local onde apareceu o fogo no Abacate 116
Foto 18- O lugar onde a mulher de branco apareceu em Juçateua. 117
Foto 19- Lugar onde o homem de branco apareceu e desapareceu 119

LISTA DE IMAGENS

Imagem- 1 Festival do Carimbó em Marapanim 33
Imagem- 2 Estátua de Mestre Lucindo 34
Imagem- 3 Regata- 2025 36
Imagem- 4 Ancoramento da Regata dos pescadores 37
Imagem- 5 Trapiche Municipal Reformado 38
Imagem- 6 Placa de inauguração do espaço público da orla 39
Imagem- 7 Temporada de Férias de julho na Praia de Marudá- Barraqueiros 41
Imagem- 8 Pescadores do Crispim 41
Imagem- 9 Movimentos da Maré ocasionada pela invasão de água e destruição da barricada 43
Imagem- 15 – Ponto da Van em castanhal para acessar a cidade de Marapanim ..44

Imagem- 16 Catador de caranguejo 45
Imagem- 12 Praia de Algodoal- Lago da Princesa 48
Imagem- 13 Vila de Algodoal 48
Imagem- 14 Matapiquara- Lago revitalizado do Mato Grosso 49
Imagem- 17 Dia de Finados no Cemitério Municipal de Marapanim 69
Imagem- 18 Escola na comunidade Abacate 90
Imagem- 19 Comunidade Abacate 92
Imagem- 20 Comunidade Surubiju 92
Imagem- 21 Obra de Agripino Almeida da Conceição- Marapanim, Reconstituição Histórica, Cultural, Mística e Chistosa 94
Imagem- 22 Narrativa de são Raimundo Nonato no livro de Agripino Conceição- Conto de Arapijó. 95
Imagem- 23 Sítio Juçateua cenário da narrativa 4 100
Imagem- 24 Socador de acordo com os relatos das narradoras. 107
Imagem- 25 Encantamentos, imaginários e educação em Marapanim 108

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Morfologia da palavra Marapanim 29
Quadro 2- Estado da arte de narrativas orais amazônicas no contexto literário 53
Quadro 3- Estado da arte de narrativas orais no contexto discursivo feminino 53
Quadro 4- Estado da arte de narrativa orais com contexto educacional do saber ancestral 54
Quadro 5- Estado da arte de narrativas orais marapaniense 54
Quadro 6- Estado da Arte de narrativas orais em repositórios de programas de pós-graduação 54
Quadro 7- Característica dos Contos Marapaniense 109
Quadro 8- Característica dos Contos Marapaniense Continuação 110

LISTA DE ABREVIATURAS

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

IFPA- Instituto Federal do Pará

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

LDB- Lei de Diretrizes e Bases

NO- Narrativas Orais

NOS-Narrativas Orais

PA- Pará

PPGED- Programa de Pós-Graduação em Educação

PPLSA- Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia

PPGLA – Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes

PPGL- Programa de Pós-Graduação em Letras

PPGCOM- Programa de Pós-Graduação em Comunicação

SEDUC- Secretária de Educação

TCLE- Termo Consubstanciado Livre Esclarecido

UEA- Universidade do Estado do Amazonas

UEPA- Universidade do Estado do Pará

UFPA- Universidade Federal do Pará

UFPB- Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 NO COMEÇO, TUDO É MARAVILHOSO-INTRODUÇÃO 14

1.1 Narravidas- o construto do objeto de pesquisa e suas justificativas..... 14

1.1.1 MINHA PRÓPRIA NARRAVIDA- CAMINHOS TRILHADOS ATÉ O MESTRADO 16

1.1.2 POR QUE PENSAR NAS NARRATIVAS DE MARAPANIM COMO CONTEXTO EDUCACIONAL? 17

1.2 Por onde começar? -objetivos e breve apresentação teórico-metodológica 19

1.3 Metodologia 20

2 BORBOLETINHA DO MAR- CONHECENDO OS LUGARES E OS FALARES-MARAPANIM 23

2.1 Onde fica Marapanim? 23

2.2 Origem do nome e da cidade- "Borboletinha do Mar" 29

2.3 O Carimbó é daqui-Marapanim 33

2.4 A Princesa do Salgado e seus coletivos 37

3 ECOS DA PESQUISA- O ESTADO DA ARTE 52

4 AS TEORIAS NASCEM ONDE A CRENÇA FALHA- Fundamentação teórica .. 58

4.1 Quem ensina, também aprende: saberes não escolares nas narrativas populares 60

4.2 Não é historinha para boi dormir- o narrar, também é saber 64

4.2.1 NASCI AQUI E AQUI ME CRIEI, DE ONDE VIM E PARA ONDE IREI: NARRATIVAS POPULARES E SEUS *STATUS* (APAGADO) 68

4.2.2 "MANINHO, DEIXA EU TE DIZER": A ORALIDADE NAQUELES E NESSES TEMPOS 74

4.3 "Contos de Amélia" - O discurso do antagonismo da narradora 76

5 "AMELISANDO I": PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E NARRATIVAS MARAPANIENESE. 84

5.1 A chegada-procedimento de conhecimento do campo e autores 88

5.2 Os passos e os caminhos-detalhamento dos procedimentos 96

5.2.1 SUBJETIVIDADES- CRITÉRIO DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO..... 96

5.3 As sujeitas que narram: quem são essas Amélias? 98

5.3.1 QUANDO EU ERA... - NARRADORAS POPULARES DE MARAPANIM..... 98

Narradora 2 101

5. 4 E~~ra uma vez...~~ "Era verdade..." Narravidas do cotidiano no passado de marapanim 104

6 “AMELISANDO II” - ANÁLISE NARRATOLÓGICA E EDUCATIVAS DAS NARRATIVAS POPULARES.....109
6.1 Análise das narrativas populares de Marapanim no contexto do “Conto de Amélia”.....109
6.2 A importância do discurso nas narrativas populares da Princesa do Salgado 113
6.2.2 ANÁLISE DO DISCURSO DA NARRATIVA FEMININA MARAPANIENSE ...113
7 APRENDI ASSIM, COM AS CRÔNICAS DE MARAPANIM- RESULTADOS.....122
7.1 Resultados bakhtinianos e orlandianos.....125
8 CHEGAMOS AO FIM, SERÁ? - CONCLUSÕES 128
GLOSSÁRIO.....135
ANEXO A- REFERÊNCIA DO ESTADO DA ARTE 136
ANEXO B-Termo de Consentimento Livre Esclarecido 138
ANEXO C- Diário de Bordo.....140
ANEXO D- MODELO DA ENTREVISTA 142
ANEXO E- CATÁLAGOS DAS HISTÓRIAS 143

1 NO COMEÇO, TUDO É MARAVILHOSO-INTRODUÇÃO

"Quem fez caro a vida é nós
Ninguém quer mais plantar
a nossa mãe é a terra"
Nazaré Bentes

A presente pesquisa, assim como infere o título, traz como temática uma reflexão sobre o apagamento das narrativas femininas amazônicas em contexto educacional não escolar, com ênfase na pluralidade do saber de contadoras da cidade de Marapanim.

A metáfora descrita no título "Contos de Amélia" é uma crítica ao termo que objetifica a mulher na sua identidade e autonomia. A semântica que foi adquirida no século XX por meio da canção *Ai, que saudades da Amélia de* 1942, popularizou um contexto social e econômico, no qual a mulher iniciava sua equiparação laboral e autonomia sexual. Nesta canção, o compositor Mário Lago exorta a mulher que se dedica exclusivamente aos afazeres domésticos e cuidados com sua família.

Essa percepção sobre o nome Amélia, levou-me a pensar, academicamente, em como as histórias orais percorrem o abismo do esquecimento, levando ensinamentos, saberes, culturas e línguas diversas. Por isso, contextualizamos o nosso objeto de pesquisa a seguir.

1.1 Narravidas- o construto do objeto de pesquisa e suas justificativas

O objeto de estudo desta dissertação está envolto às diversas narrativas amazônicas usadas na educação oral de mulheres que nascem como um saber popular não escolar que tem forma, língua, estrutura e objetivos. Tais histórias moldam a cultura e tradição de um povo.

As narrativas não foram vistas aqui como mais uma "estória" contada por populares onde a mitologia prevalece ante a crença e vivência das pessoas. Elas foram apresentadas como identidade cultural de comunidades centenárias e históricas que persistiram diante a colonização e exploração cultural.

A princípio, as narrativas atravessaram infâncias, onde vislumbravam a pobreza iminente dos traslados da década de 80 para 90. Em meio as ações

governamentais, pequenos corpos de crianças, que nasciam na década da fome, eram vistos nas comunidades subalternizadas e dividiam a realidade com os velhos, vindos de comunidades, muitas vezes desconhecidas. Essas anciãs, em seus traços, lembravam tantas outras pessoas que construíram este espaço amazônico e foram retirados de seus lares pela pressão estrangeira e apagadas por uma imposição de uma religião, cultura, costumes e línguas europeias.

As lendas e mitologias que permeavam as memórias dessas velhas narradoras corriam a imaginação infantis, como o rio aflua para o mar. Nunca sabíamos ao certo se era verdade ou mentira. Mas isso, pouco importava, pois, aquelas histórias, para uma contadora que nunca aprendera a desenhar seu nome em um papel, eram suas próprias vivências.

Façamos um recordo de quando a agulha e a linha serviam na arte do croché como indicador de histórias a serem iniciadas. À cadeira, reuniam-se todos os filhos, netos e bisnetos, que não nunca eram poucos, e sob a luz do velho lampião- porque acabara de faltar a energia- traçando os caminhos do croché no escuro, lá vinha a "Vovó". Com sua voz arroqueada do tabaco, a vovó contava de como um dia encontrou a mãe d'água ou como aquela escuridão, iluminada pelos vagalumes, era perigosa, "pincipalmente para meninas". As histórias eram únicas porque pertenciam a ela, na sua língua, na sua cultura na sua vivência.

No campo da pesquisa, as narrativas amazônicas foram, por muito tempo, estudadas, pesquisadas e analisadas na perspectiva literária a partir de produções que deixavam claro a ficcionaliddae daquelas experiências. A oralidade era considerada para a história um documento fácil de manipular ao mesmo tempo que, na falta da escrita, era o único a ser tratado como informação. Por isso, essas construções, filosoficamente, eram também um acesso educacional de comunidades, muitas vezes periféricas.

As narrativas eram tão organizadas culturalmente, que tinham hora e lugar para serem contadas. À noite era o melhor momento e ao pé do mais velho que sempre estava em lugar superior. Algumas se tornaram tão popular que assumiram um patamar diferenciado, são os casos das lendas.

A linguagem usada nessas narrativas era identitária e formada por suas experiências culturais e sociais. Não era uma regra, contudo, durante pesquisas sobre o objeto, identificamos que, particularmente, esses narradores eram iletrados e que

detinham um conhecimento linguístico e discursivo inerente, comunicavam-se como seus ancestrais falavam.

Logo, tornar a narrativa popular nosso objeto de pesquisa é perpassar por vidas antigas que, em muitos casos, eram as únicas fontes de saber que a comunidade tinha. Todavia, a chegada à academia não foi fácil, por isso, considerei importante fazer uma breve passagem do meu percurso acadêmico até o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

1.1.1 MINHA PRÓPRIA NARRAVIDA- CAMINHOS TRILHADOS ATÉ O MESTRADO

Esta subseção tem o objetivo de fazer um relato do meu trajeto até o PPGED da UEPA.

Essa história, começa bem antes do processo seletivos de 2023. Recordo que quando tinha 12 anos, estava próximo de minha terceira reprovação na 4ª série, veredito “comportamento”. Eu não aceitava ter o futuro que minha mãe desenhava para mim, “casar” ou “trabalho de doméstica”; para ela, não tinha como ser diferente. Foi neste período que chegou as minhas mãos, por meio do meu padrasto, um livro que muitos conhecem *Os Miseráveis* de Victor Hugo, achei o título propício para minha vida.

Ao finalizar a leitura, entendi o que devia fazer, estudar. Mudei meu comportamento e iniciei meu processo de aprovação. Cheguei ao Ensino Médio e tornei-me leitora voraz. Ainda, no Ensino Médio, percebi que no bairro que moro até hoje, necessitava de uma escola de educação infantil gratuita, como eu fazia parte da Comunidade Católica do bairro, reuni um grupo de jovens com a Pastoral da Criança e iniciei um projeto educacional infantil. Meu primeiro contato com o ensinar, e com a educação popular. Mas quis o destino que eu engravidasse, saísse do projeto e da comunidade.

Maternei por 5 anos ininterruptos, mas sempre tentando uma vaga na Universidade Federal do Pará (UFPA), depois de dois anos de lista de espera sem ser chamada, passei. Dediquei-me às aulas de alfabetização particular. As crianças que eu educava no Projeto, agora sustentavam minha filha.

Levou exatos cinco anos para eu ter minha primeira aprovação de outras 5. A primeira em Licenciatura em Letras Português no Campus de Castanhal da UFPA,

minha filha era parceira de viagem todos os dias, foram momentos tenebrosos. A segunda foi em Letras Espanhol, já no campus de Belém e mais uma vez minha parceira ia comigo.

Neste meu processo, tentei por três vezes mestrado na UFPA em Educação, em Letras e em Inovações, não consegui. Entendi que Jean Pierre não desistiria, foi então, que em 2022, numa Amazônia pós pandemia, passei na primeira especialização no Instituto Federal do Pará (IFPA). Logo em seguida, passei na segunda Especialização na UEPA, conheci a professora Thalita Rodrigues de Sá, que indicou o PPGED como programa para Mestrado. Interessei-me e pesquisei sobre as linhas de pesquisas.

A linha de Saberes Culturais foi na qual eu me visualizei, principalmente na área de Diversidade linguística sob orientação da professora Socorro Cardoso, porém no ano de 2025 a professora ancestraliza e eu continuo minha caminhada, agora com a orientação do professor João Colares, que conheci em uma disciplina, *corazonada, Pensamento Social e Educacional Latino-Americano*.

A história contada, ainda não explica o porquê escolhi a cidade de Marapanim como campo de pesquisa, para entender as motivações pessoais e acadêmicas da escolha, apresento as justificativas a seguir.

1.1.2 POR QUE PENSAR NAS NARRATIVAS DE MARAPANIM COMO CONTEXTO EDUCACIONAL?

Durante a realização de uma especialização feita no Instituto Federal do Pará (IFPA), intitulado *Linguagens e Artes na Formação Docente*, mais especificamente na disciplina, *Teorias do Fantástico: ficção, cultura e mídias*, levantou-se uma importante reflexão sobre como o Realismo Maravilhoso no século XXI se tornou restrito de lugares interioranos, distantes de centros urbanos e relacionados a baixa escolaridade. Além disso, pensou-se sobre como as pessoas que contavam essas narrativas, mesmo sem escolarização, detinham por meio da diversidade linguística formas de se expressar e de passar conhecimentos, cuidados e alegrias a outrem.

Ademais, percebeu-se que desde o início do século XXI as narrativas orais criaram versões escritas que as moldaram para a contemporaneidade, muitos livros que narram a vida amazônica, corrigem falas e expressões para se enquadrarem em

padrões gramaticais. Tais mecanismos criaram um processo de constrição das falas dessas pessoas, que são características do contador de história.

Para entender tal processo, elaborou-se a seguinte questão: Quais as relações das narrativas populares femininas marapaniense com contexto educacional ancestral? Acreditamos que tanto as histórias como a língua pelas quais elas são repassadas são construtores de identidade e saberes que devem ser refletidas em ambientes acadêmicos como forma de valorizar os saberes inerentes e perpetuar conhecimentos não formais.

A escolha por Marapanim não se deu por motivos afetivos, somente, levamos em consideração um espaço que fica relativamente próximo à capital, que teve um projeto colonizador e que sua população estivesse em progressão urbana. Entende-se que as principais cidades com essas características fazem parte da região metropolitana de Belém, ou estão tão próximas que suas estruturas urbanas já estão concentradas na modernidade- o caso de Castanhal, Santa Isabel, Santo Antônio do Tauá- Marapanim surge nesta relação como o local mais propício para pesquisa.

Ademais, Marapanim faz parte do seleto grupo de cidades centenárias do Pará com títulos culturais como a Terra do Carimbó, sendo um dos pontos turísticos mais solicitados nas férias escolares (julho e dezembro). Essa concomitância de receber visitantes e logo ter que retornar ao cotidiano, tornou-se um ponto relevante pela escolha da pequena cidade.

No que diz respeito à relação interpessoal, a cidade faz parte da minha construção pessoal e profissional, foi por meio das histórias que escutei neste local que agucei as memórias de narradora da minha avó, Percebi, naquela época, como a cidade crescia a beira mar e como a forma de vivências daquela população estava alicerçada na segurança contra os crimes dos vivos e na insegurança dos atos dos encantados.

Necessitamos reforçar que o contexto social de Marapanim e sua história têm nas mãos de mulheres pacajás afromazônidas as primeiras formações de sociedade em retirada do centro-urbano para o interior praiano. Academicamente, as narrativas femininas marapanienses não tiveram espaço que acompanhasse áreas do saber e do educar. A literatura demonstrou que as áreas que mais são usadas nas universidades são lugares que ficaram conhecidos por meio de escritores como Dalcídio Jurandir, Paes Loureiro e Inglês de Sousa.

A partir dessa informação e de apontamos feitos durante a qualificação desta pesquisa, optamos por colocar essa parte da Amazônia no mapa acadêmico, sob o viés da autoria oral das mulheres.

1.2 Por onde começar? -objetivos e breve apresentação teórico-metodológica

Como descrito na titulação, esta seção apresenta os objetivos fundamentais da pesquisa, bem como, seus autores principais, os demais foram apresentados no decorrer do texto.

Com intuito de responder tal questão- Quais as relações das narrativas populares femininas marapaniense no contexto educacional ancestral?- Elaborou-se os objetivos a seguir.

O objetivo geral da pesquisa é: Identificar a existência de métodos/processos educativos populares “amelisando” narrativas orais de autoria feminina marapaniense.

Como objetivos específicos têm-se:

Definir a existência de “Contos de Amélia” em narrativas de Marapanim de autoria ou narração feminina;

Registrar e analisar o discurso das narrativas no contexto popular como forma de identidade local;

Correlacionar o papel da narradora com o estigma da educadora primordial no contexto da Amélia.

Para que os objetivos sejam alcançados, escolheu-se o município Marapanim que será apresentado na seção dois dessa pesquisa. Em continuação está uma breve apresentação metodológica.

1.2.1 BREVE APRESENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Além dos objetivos, esta seção tem o compromisso de apresentar os teóricos que compuseram a parte bibliográfica, principalmente aqueles que definiram a metodologia.

Carlos Rodrigues Brandão: *O que é Educação*? (2007). O autor contribui para os debates na área dos conceitos de popular.

Mikhail Bakhtin: *A estética da criação verba*l (2010); A partir dele a metodologia foi pautada na análise do discurso, na perspectiva estrutural e social da população marapaniense.

Além de Bakhtin (2010) há Eni Orlandi (2020) e sua obra *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*, por meio desta autora a pesquisa adentra nos procedimentos da análise do discurso como processo de coletas e análise dos dados coletados.

Paulo Zumthor: *Introdução à poesia oral*(1997), trouxe para a pesquisa um olhar nostálgico da posição das narradoras diante do envelhecimento e da memória apagada pelo tempo.

O objeto e a relevância não terão nenhum sentido se não houver uma metodologia adequada e pautada na legitimidade dos participantes, por isso, apresentamos, brevemente a metodologia aplicada.

1.3 Metodologia

A metodologia do trabalho esteve pautada nas definições de Bakhtin (2010) e Orlandir (2020) sobre o tipo, os procedimentos e as coletas de dados. A pesquisa é de cunho qualitativa, pois esteve centrada na finalidade comportamental do objeto e no alcance que o *corpus* de realização tem dentro dos *lócus*. Com seis meses de inserção cultural a pesquisa passou de analítica discursiva para etnográfica

Além disso, a pesquisa é descritiva pois estabeleceu as relações entre objeto, *corpus* e existência. A pesquisa é de campo por termos tido a necessidade de ir além dos materiais bibliográficos. Elegemos as comunidades conforme fomos guiados pelos entrevistados

Sobre o processo de contato, detalhamos de forma específica na seção 5. Cada micro-comunidade foi reorganizada, devido as dificuldades de autorização do uso de áudio e imagem. Se houve uma dificuldade nesta pesquisa, foram a desconfiança e a negativa dos moradores em participar barreiras enfrentadas e superadas por quatro narradoras.

Por isso, selecionamos, a princípio, quatro falantes pertencentes as comunidades de Marapanim e uma falante que emprestou suas histórias para ser um guia do que esperar, essa participante conhece a cidade e seus elementos culturais, mas mora atualmente em Ananindeua. Os critérios principais para participar da

pesquisa era ser moradora de Marapanim ao menos 40 anos e ter mais de 40 anos de idade.

1.4 Divisão de apresentação da dissertação

Esta dissertação está dividida, prioritariamente, em oito seções, na primeira encontra-se a Introdução intitulada- 1 No começo, tudo é maravilhoso-introdução com 4 subseções: 1.1 Narravidas- o construto do objeto de pesquisa e suas justificativas, a qual se desmembra em-1.1.1 Minha própria narravida- caminhos trilhados até o mestrado e 1.1.2 Por que pensar nas narrativas de Marapanim como contexto educacional?.

A seguir estão as subseções: 1.2 Por onde começar? -objetivos e breve apresentação teórico-metodológica composta pelo título- 1.2.1 Breve apresentação teórico-metodológico.

Em continuação está a subseção 1.3 Metodologia, a qual apresenta sucintamente os principais metodólogos fundamentadores da pesquisa.

Por fim a última subseção desta seção: 1.4 Divisão de apresentação da dissertação.

Após, está a seção dois com objetivo de apresentar o local da pesquisa com o título 2 Borboletinha da água- Conhecendo os lugares e os falares- Marapanim e as subseções: *2.1 Onde fica Marapanim?*; *2.2 Origem do nome e da cidade- "borboletinha do mar*"; 2.3 O Carimbó é daqui-Marapanim; 2.4 A princesa do salgado e seus coletivos.

Com a finalidade de apresentar as pesquisas que abordassem a temática central e subjacentes definimos nossa terceira subseção. *3 Ecos da pesquisa- o estado da arte*.

Em seguida, está a seção 4 na qual definimos quais epistemologias teóricas seriam nosso alicerce central, para esta, intitulamos: *As teorias nascem onde a crença falha- fundamentação teórica*. Dentro desta seção, encontram-se as subseções: *4.1 Quem ensina, também aprende: saberes não escolares nas narrativas populares*; *4.2 Não é historinha para boi dormir- o narrar, também é saber*, *4.2.2 "Maninho, deixa eu te dizer": a oralidade naqueles e nesses tempos*; *4.3 "Contos de Amélia" - o discurso do antagonismo da narradora.*

Em continuação está a seção cinco com nomenclatura: "*Amelisando I": procedimentos metodológicos e narrativas marapanienese*. A qual está dividida em

quatro subseções: *5.1 A chegada-procedimento de conhecimento do campo e autores*; *5.2 Os passos e os caminhos-detalhamento dos procedimentos*; 5.3 *Os sujeitos que narram: quem são essas Amélias?,* aliada a sua subseção *5.3.1 Quando eu era... - narradores populares de Marapanim e a última subseção 5. 4 E~~ra uma vez... "era verdade..." Narravidas do cotidiano no passado de Marapanim~~*.

Em completude está a seção 6 corrobora com a denominação "*Amelisando II" - análise narratológica e educativas das narrativas populares, sendo amparado em subseções sequenciais*. *6.1 Análise das narrativas populares de Marapanim no contexto do "Conto de Amélia* e 6.2 a importância do discurso nas narrativas populares da "Princesa do Salgado".

Respectivamente está a seção 7 de título: *Aprendi assim, com as crônicas de Marapanim- resultados* e com a subseção *7.1 Resultados bakhtinianos e orlandianos*, as quais objetivam fortalecer o discurso da mulher e sua representatividade.

Para a finalização textual estão nossas conclusões: 8 Chegamos ao fim, será? – Conclusões.

No contínuo pós-textuais, estão o glossário, os anexos e as referências do estado da arte.

Essa organização visa facilitar a leitura e a compreensão textual. Por isso, segue a segunda seção para que Marapanim seja conhecida em geografia e morfologia.

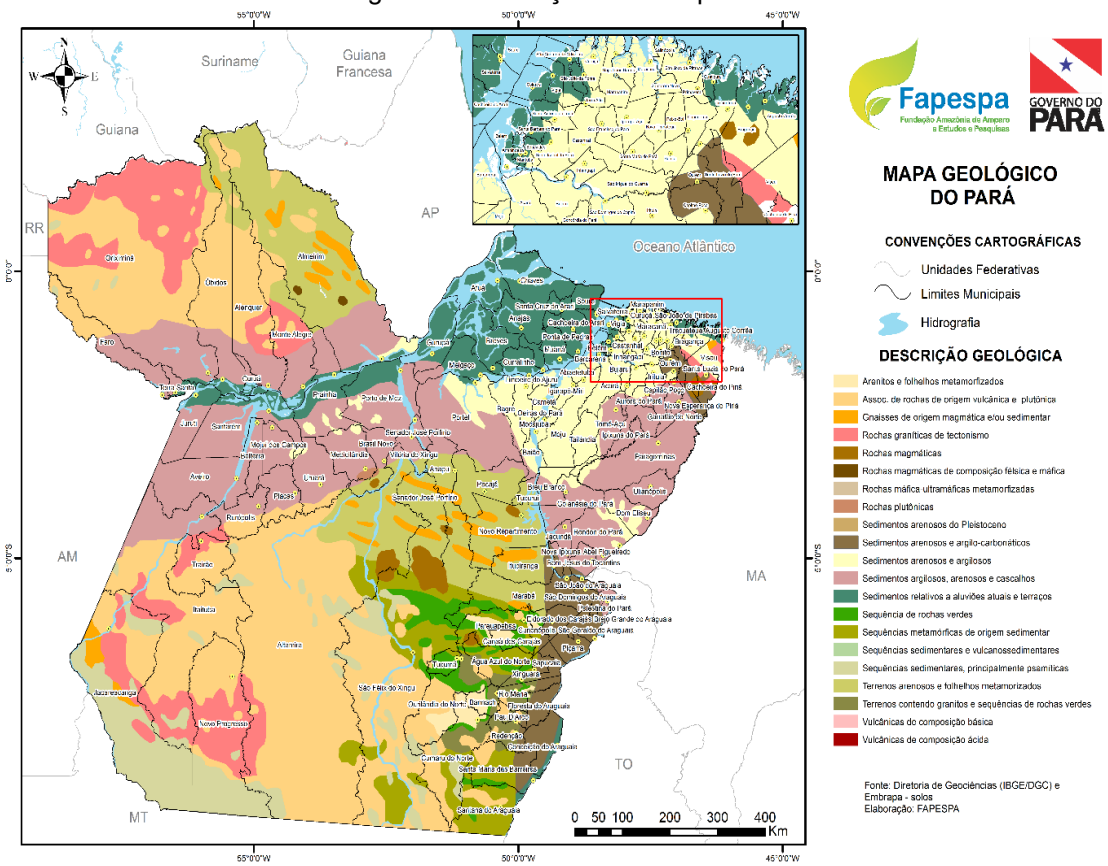
2 BORBOLETINHA DO MAR- CONHECENDO OS LUGARES E OS FALARES-MARAPANIM

Uma pesquisa que passeia pelo âmbito social deve se aprofundar nas características mais originárias possíveis do local e da população que ali vivem. Além disso, não podemos pressupor que a população de um Estado como o Pará conhece as coordenadas de um de seus pontos turísticos mais famosos da Região do Salgado. Dessa forma, esta seção traz a localização e um breve histórico da “Princesa do Salgado”.

2.1 Onde fica Marapanim?

O estado do Pará possui várias regiões praianas conhecidas como a Região do Salgado Paraense, essa região reúne praias oceânicas e paradisíacas, é o caso da região nordeste do estado, banhado pelo oceano Atlântico. Nesta localidade está o município de Marapanim (figura 1).

Figura 1 Localização de Marapanim



Fonte: https://www.fapespa.pa.gov.br/sistemas/anuario2017/mapas/territorio/ter6_mapa_geologico_do_para.png.

A figura do mapa demonstra a localização do município de Marapanim no Estado do Pará e sua proximidade com as águas oceânicas. Para chegar ao município é necessário acessar a PA-318 que conecta a região à capital.

Para chegar a Marapanim, é necessário seguir pela BR-316 até o Município de Castanhal ou até o Município de Santo Antônio do Tauá e acessar a PA-318. Recentemente, a PA- recebeu recapagem asfáltica (foto 1) do governo estadual, o que facilita a entrada e saída de transporte, de insumos e pessoas.

Foto 1- PA 318 no alto de Curuçá



Fonte: Izabela Bentes

Geograficamente, o município de Marapanim, conforme Abreu (2011, p. 42), “é constituído por várias unidades socias (vilas, povoados, distritos) e de produção (agricultura, pesca, aves e outras)”. Por sua localização, não é incomum a atividade econômica ser a pesca ou catação de mariscos e caranguejos, inclusive, as boas vindas em Marapanim são por meio do bioma mangue (figura 2) dos dois lados. Além desse aspecto territorial, a localização do município está na Região de Integração Guamá.

Figura 2- Entorno do Mangue em confluência com a cidade



Fonte: GOOGLE Maps

Ao chegar à cidade, há o portal (figura 3), simples, indicando que você chegou a uma cidade comum do interior paraense. Do lado direito está a vila do Abacate e lado esquerdo está a Vila Novo Camará (Surubiju). As duas vilas estão iniciando uma ocupação e desbravando entorno do mangal, uma política expansionista da prefeitura.

Figura 3– Portal da entrada da cidade de Marapanim



Fonte: Google imagens

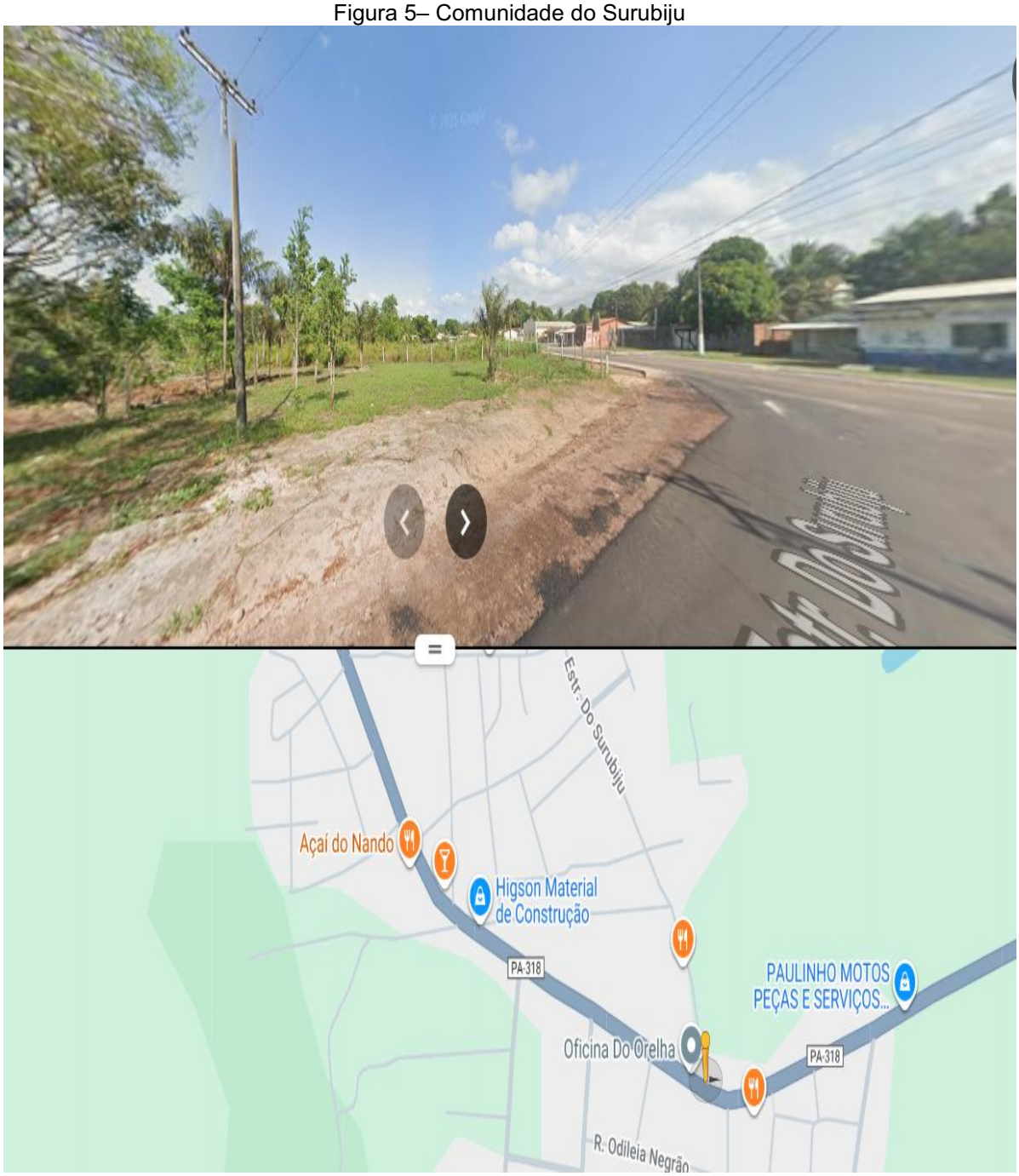
A figura mostra a visão de quem está saindo da cidade retornando a Castanhal ou a Santo Antônio do Tauá. A área verde é o bioma mangal que se estende nas laterais da PA-318 e recobre parte da cidade. As vilas citadas encontram-se mais adiante, antes do portal, porém fazem parte do centro da cidade. Foram nessas duas localidades onde houve o maior tempo de pesquisa e coleta de histórias (figuras 4 e 5).

Figura 4– Localização do povoado Abacate



Fonte: GOOGLE Maps

Figura 5– Comunidade do Surubiju

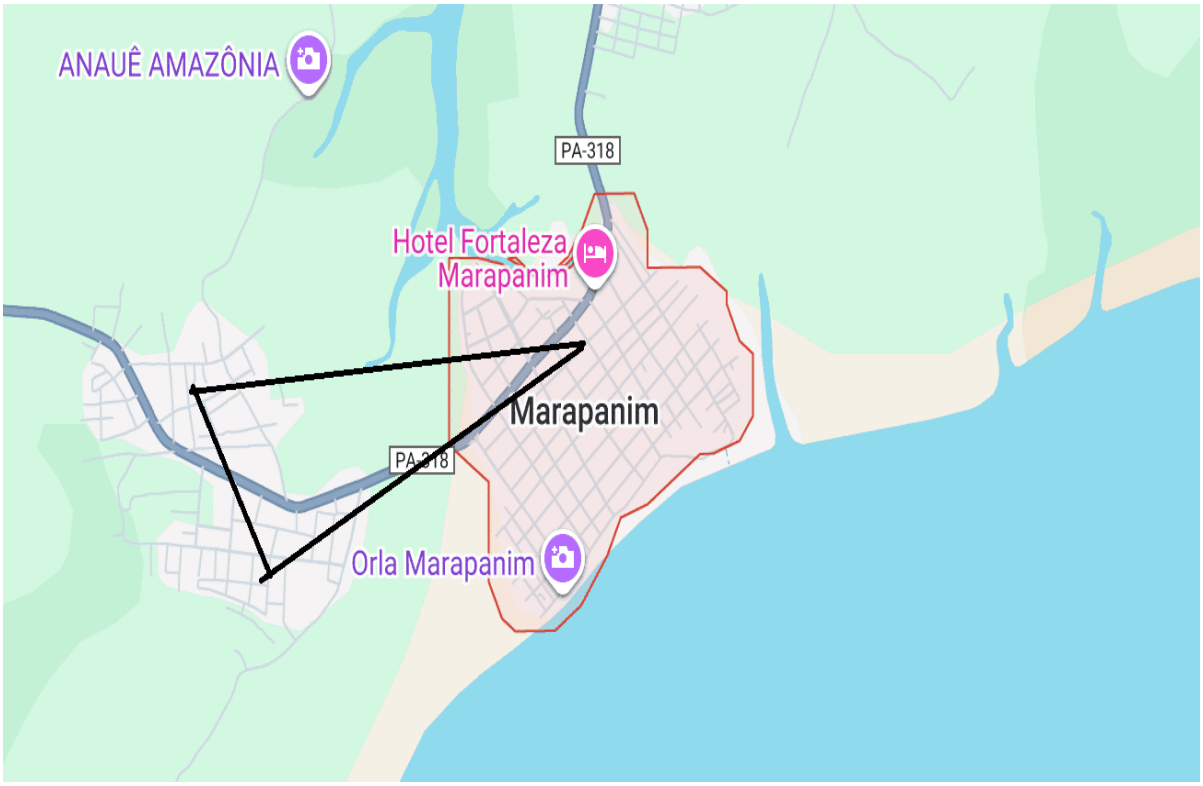


Fonte: GOOGLE Maps

Por orientações dos avaliadores no processo de qualificação, resolvemos mostrar uma localização mais geográfica. Contudo, entendemos que há um cuidado com essas informações, elas pertencem ao cotidiano de toda uma cidade que não deve ser afetado de forma negativa, pelo contrário, conhecer o espaço etnográfico é perceber como a triangulação das narrativas ocorreram na formação socioespacial de Marapanim.

Nas figuras, as três partes formam uma espécie de figura geométrica (Figura 6), que denominamos de triângulo narrativo, por se tratar de uma área peninsular tendo a PA como único espaço de terra que faz com o município seja descrito como área litorânea.

Figura 6– Triangulamento das visitas etnográficas



Fonte: GOOGLE Maps (adaptada)

Os mapas ilustram a geografia de um lugar que teve suma importância na reconstrução social paraense. A cidade é espaço de divulgação cultural e suas relações com a capital são únicas e indissolúveis.

Durante a pesquisa, perguntamos aos moradores se conheciam o significado de Marapanim, as duas contribuintes mais idosas responderam que os antigos (indígenas, quilombolas, anciões) que ali viviam deram esse nome porque havia muitas borboletas no local, com isso, fizemos um estudo etimológico e toponímico para alcançar as origens do nome e tematizarmos na subseção a seguir.

2.2 Origem do nome e da cidade- “Borboletinha do Mar”

Esta subseção faz uma relação da construção do município de Marapanim com os povos que ali viviam antes do processo de remodelagem urbana no nordeste paraense, ato que Santos (2023, p.37) chamou de “Fruto da boa intenção” como ambiguidade crítica dos métodos de embelezamento da cidade.

Segundo Santos (2023, p. 42) Marapanim é popularmente conhecida como “Princesinha do Salgado”, “Terra do Carimbó” e “Terra do Mestre Lucindo”. Tais nomenclaturas são devido aos tempos áureos da cidade. Momentos que o investimento turístico era lucrativo e o êxodo não era frequente.

O nome oficial do município requer uma compreensão de morfologia linguística toponímica. A versão mais aceita é a descrita pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE). Conforme a biblioteca de topônimos do IBGE, Marapanim significa borboletinha da água, o nome faz jus, uma vez que a cidade é uma pequena área peninsular cercada por praias amplamente conhecidas na região metropolitana.

De origem tupi, a palavra Marapanim pode ser decomposta em étimos prefixais (mará-mbará), radical (panim ou panã) mais o sufixo (-i) ligado ao radical –panã-.

Quadro 1- Morfologia da palavra Marapanim

Mara	pan	im
Mbrá(mar ou água)	Panã(borboleta ou grupo de borboletas)	i
Prefixo	Radical	Sufixo formador de diminutivo

Fonte: Produção do autor com base em Conceição (1995)

A lógica da composição nominal em tupi segue a composição de palavras para formar um sentido, no caso “do mar” seria um adjetivo para a palavra borboleta e na evolução linguística houve a transposição da locução adjetiva para depois do substantivo. Assim, a construção mais gramatical na língua portuguesa é o adjetivo vir após o substantivo. Mas como a língua carrega seu trajeto original, a palavra Marapanim manteve organização étnica.

A hipótese para que os léxicos se confluíssem na palavra Marapanim é a ocorrência de metaplasmo e a evolução diacrônica fonética da língua, por parte da miscigenação. Outro aspecto é a sonorização nasalada do sufixo –i em -im, uma adaptação usual de pronúncias.

A partir dessa versão, apresentamos uma segunda possibilidade. Com base em Conceição (1995) a palavra Marapanim é da Língua Nheengatu que faz parte do tronco Tupi-guarani, de mesmo significado “Borboletinha do Mar” e a comunidade que deu tal denominação foi o Povo Pacajá. Tal informação do autor, levou-nos a concluir que o povo Pacajá seria uma das comunidades “originárias” dessa localidade. Logo, constata-se que o fato de Marapanim não ter ficado alheio ao processo de colonização europeu resulto em um percurso de nomenclatura semelhante a outros municípios do Pará, como Ananindeua, Juçateua e Murinim.

Historicamente, a cidade foi uma fazenda jesuítica no final do século XVIII, que perpassara a propriedade particular com a saída da ordem de Jesus da localidade. Sob a ordem do Padre José Maria do Vale, a ilha tornou-se uma freguesia (uma forma de divisão comum na Europa), mais tarde, o lugar foi descrito como parte da Vila de Cintra (outra divisão territorial comum dos europeus). Em 1869, recebe a nomenclatura, novamente, de freguesia com o nome Nossa Senhora da Vitória, era comum que as pequenas localidades colonizadas recebessem nomes iguais as das cidades colonizadoras ou de santos, devido a manifestação católica.

Marapanim foi emancipada em 1879, mas somente recebeu o título de cidade em 1895, tornando-se um dos municípios mais antigos do Pará e um jovem centenário.

Uma das particularidades do Município é a grande região do salgado, formado por praias circundantes de Crispim, Marudá, Lembe e a travessia para Algodoal.

A população de Marapanim, assim como, do Brasil, é miscigenada, prevalecendo os traços indígenas e afros. A sobrevivência vem do turismo praiano, pesca e roçado, principalmente da mandioca. Com a urbanização, outros meios de sobrevivência constroem a caracterização social, como o comércio.

Linguisticamente, Marapanim tem a língua política que é o português e a língua variacionista que é construída socialmente, tanto fonética quanto lexical. Rica em diversidade cultural, esta cidade apresenta um falar específico de seus conterrâneos.

Para Abreu (2011), o processo de popularização da região fez parte do projeto europeu geopolítico do país colonizador, Portugal. Fica amplamente perceptível tal afirmação, quando comparamos as nomenclaturas que a localidade foi recebendo com as mudanças, como freguesia. Contudo, um fato que fica evidente é que a região marapaniense teve sua origem populacional a partir das comunidades originárias pré-

cabraliana, os registros mais contundentes titulam o povo Pacajá como primeiros habitantes da região, não tendo registros de outras comunidades.

Com o plano de expansão, outras comunidades formaram o campo ribeirinho de Marapanim, tornando-se a coletividade pesqueira artesanal a principal representante de identidade social no local. Antes de ser reconhecida como a Terra do Carimbó, Marapanim era território pesqueiro e marisqueiro. A pequena área também foi atingida pela explosão *Belle Epoqué* (foto 2), claro que a capital Belém, sofrendo as maiores mudanças, deixou que sua política de “embelezamento” transpassasse os rios chegando a outrora ilha. Abaixo alguns registros da modernidade europeia.

Foto 2- Casarão Museu



Fonte: AZEVEDO CONCEIÇÃO. Acervo pessoal

Outro ponto que faz parte da construção de um lugar e que nos diz muito de sua história são suas obras arquitetônicas (foto 2). Como já foi dito, os tempos áureos

de Marapanim teve um longo período de construção colonial e em versões francesas. Esse fator histórico foi percebido *in loco*, no entanto, as imagens de registros foram cedidas pela pesquisadora Mírley Santos, uma de nossas pesquisas no Estado da Arte.

Os momentos áureos ficaram no passado e a cidade entrou em uma decadência estrutural. (Foto 3).

Foto 3 Estrutura urbana da rua Lauro Sodré



Fonte: AZEVEDO CONCEIÇÃO -Acervo pessoal

As ruas estão estagnadas no princípio de sua urbanização moderna, esta área da imagem tem asfaltos com postes e iluminação elétrica, mas a manutenção desses recursos básicos denuncia a negligência com a área central.

Como vemos, a rua desértica, no início da noite, revela que a tradição de interação entre vizinhos já não existe. Durante seis meses a rua tinha uma pequena movimentação no período do dia, até porquê, nesta rua se localiza um dos comércios mais populares do lugar com venda de alimentos a elétricos domésticos, mas todas as noites a rua caía no silêncio escurecido, sem crianças brincando ou conversando, sem momentos de sentar na calçada para escutar aquela história.

Ponto evidente da cidade e que não nos coube apagar nesta pesquisa, é a fama que a cidade requisita dentro e fora do estado paraense “A terra do Carimbó”.

2.3 O Carimbó é daqui-Marapanim

Marapanim já esteve nos holofotes turístico e cultural, sendo conhecida popularmente como a Terra do Carimbó (imagem 1).

Imagem- 1 Festival do Carimbó em Marapanim



Fonte: G1.Globo.com

Muitos municípios paraenses requerem a titulação “Terra do Carimbó”, no entanto, a cidade tem estudos acadêmicos que demonstram a importância de Marapanim na construção cultural de mestres carimbozeiros. Contudo, hoje, a região está em precariedade de sua cultura sem investimento ou movimento tradicional, o que faz com que a área seja pouco valorizada (foto 11).

Imagem- 2 Estátua de Mestre Lucindo

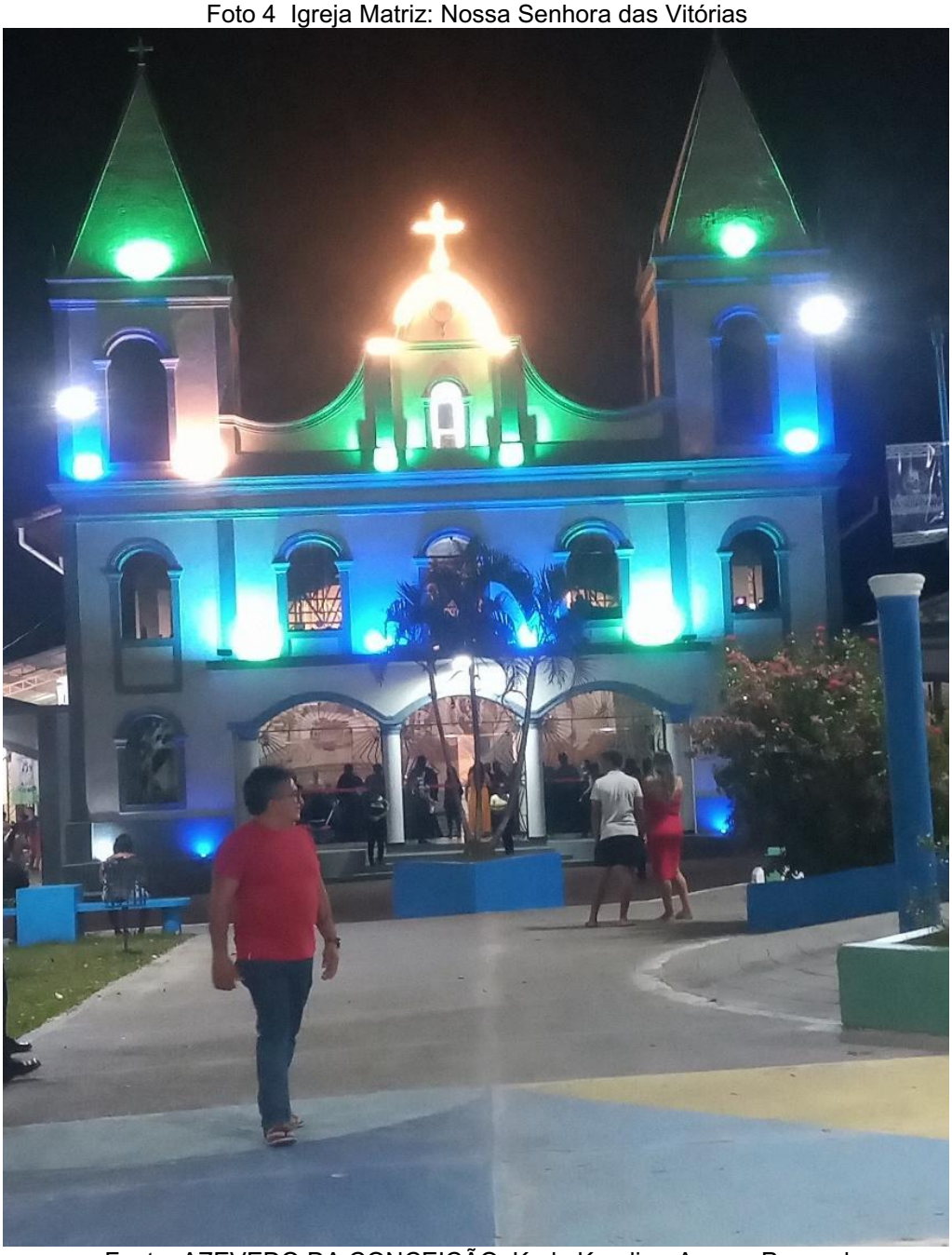


Fonte: G1.Globo.com

O Pará tem como fortes expostos culturais o Carimbó, o Círio e a culinária. O Carimbó, dança típica de origem indígena, tem no nordeste paraense sua perseverança, não falamos de berço, pois, historicamente, o Pará já foi Grão-Pará (Amazonas, Pará, Amapá e parte do Maranhão). A “Princesinha do Salgado” teve destaque na produção de ritmos e letras, muitas delas de coletivos de mestres do Carimbó, os quais, grande parte, não tiveram acesso à educação e tinham no saber popular a construção de aprendizagem.

As letras se tornaram populares e o ritmo ecoou pela PA, tornando-se marca cultural da pequena cidade. A partir das atividades dos mestres carimbozeiros (imagem 2), surgiram os festivais de Carimbó na cidade, principalmente na época de carnaval e no mês de novembro. As apresentações são destaques na festividade da padroeira (foto 4).

Foto 4 Igreja Matriz: Nossa Senhora das Vitórias



Fonte: AZEVEDO DA CONCEIÇÃO, Karla Karolina-Acervo Pessoal

Sumariamente, Chiampi (1997) afirma que as histórias das narrativas orais nascem sempre próximo de onde há a concentração populacional, no caso de Marapanim, surgem no salgado praieiro e é arrastado pela religião e projetos de urbanização. Nas imagens, temos uma visão antropológica social, a igreja no centro da Praça de frente para o Mar e com os casarões coloniais ao redor, centralizando a fé como nascimento e protetora. Tais símbolos são importantes para sentirmos as narrativas como sua população sentem, como fato verídico.

Em continuação a terminologia assumida por essa cidade, o Carimbó não é só uma manifestação cultural ritmada e de entretenimento, para os autores Conceição (1995) e Santos (2023), esse aspecto cultural da cidade de Marapanim é construtor de sua territorialidade, isto é, ele é um marcador de território. Por meio das letras e de suas batidas é possível identificar a qual região o Carimbó faz parte.

Enquanto, a colonização avançava com a erudição na cidade, nos interiores a música popular quase pecaminosa moldava o território e seu povo. Por isso, em Marapanim as cuícas e os curimbós narram o pesar do ribeirinho e a história da lavoura e seus causos com encantado, sobrenatural e as visagens.

Outra atividade que retrata a relação da população com suas tradições é aRegata, esporte que encerra as festividades da Padroeira, na segunda- feira pós comemorações, é uma das tradições seculares da cidade, introduzida com a chegada das ordens religiosas. Não temos registros próprios porque a Regata (Imagem 3) ocorreu no dia que tivemos que retornar para Belém. No entanto, as mídias locais e oficiais noticiaram que houve uma movimentação ampliada de pessoas na nova orla.

Imagem- 3 Regata- 2025



Fonte: Roilson Dias

Imagem- 4 Ancoramento da Regata dos pescadores



Fonte: Roilson Dias

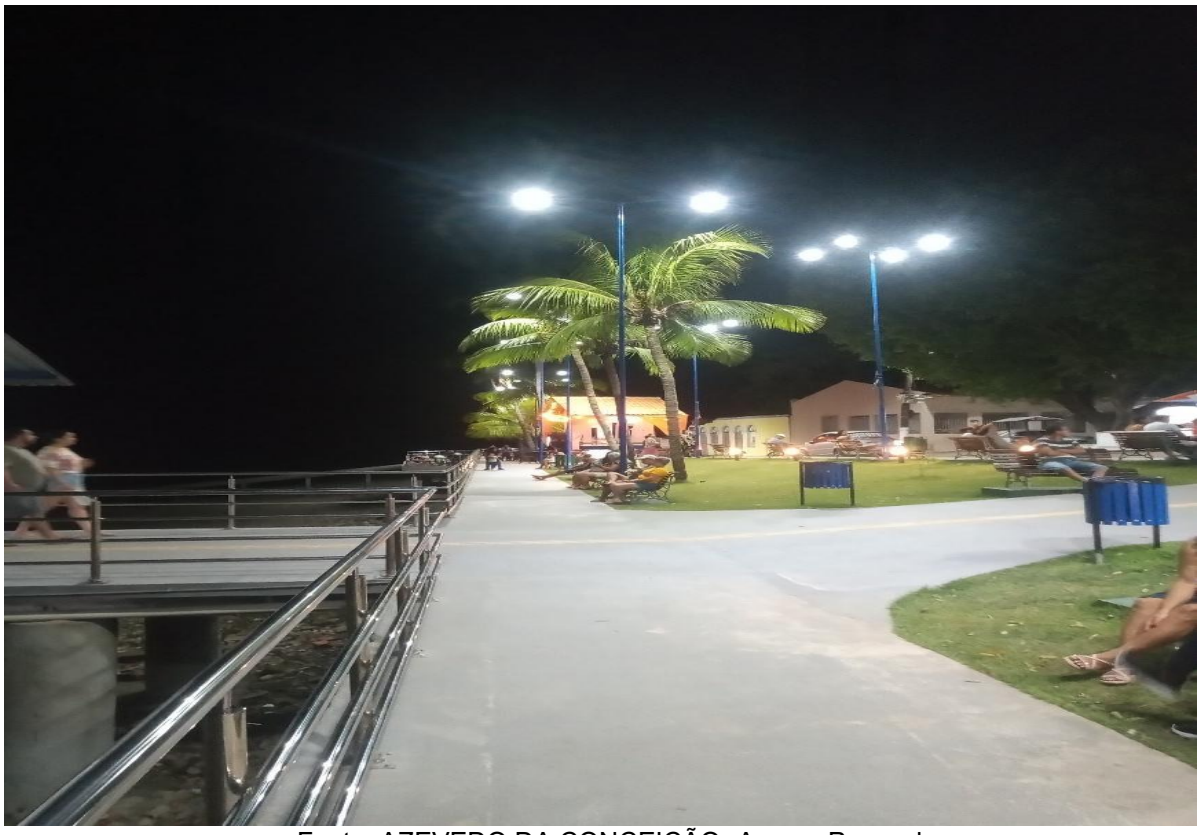
A Terra do Carimbó foi a nomenclatura popular que nasce da vivência indígena com os ritmos das florestas. Título reconhecido como patrimônio imaterial pela SECULT Pará.

Outra nomenclatura que Marapanim assumiu ao longo dos anos é de Princesa do Salgado, uma pequena visita a este município e entendemos o porquê, haja vista que suas praias receberam os títulos nacionais e internacionais. Para conhecer esta área passamos para a próxima subseção.

2.4 A Princesa do Salgado e seus coletivos

O título pesa na essência de uma comunidade que tem que viver sua história diária entre o progresso urbano e o trabalho praieiro. Marapanim, por sua geografia; tem acesso às várias praias, lagos e lagoas e a ele, o Rio Marapanim. As praias, em grande parte são distritais. Com a nova política de reestruturação, a porta de saída da cidade, a orla (foto 5) recebeu uma reforma e como toda reforma algumas áreas tiveram melhores investimentos. No entanto, as áreas requisitadas ainda não vislumbraram esse progresso, como visto anteriormente.

Foto 5 Orla revitalizada de Marapanim



Fonte: AZEVEDO DA CONCEIÇÃO -Acervo Pessoal

A orla marca um ponto referencial da cidade, sendo um dos principais locais de interação e convivência.

Imagem- 5 Trapiche Municipal Reformado



Fonte: Roilson Dias

Imagem- 6 Placa de inauguração do espaço público da orla



Fonte: Roilson Dias

Percebemos pelas imagens como os investimentos estruturais se concentraram no centro, porém, ao comparar com as áreas de distritos e agregadas ao município, conseguimos contrapor os títulos recebidos e onde o foco de suas coletividades estão no espaço de construção social da cidade.

A reestruturação da área da praça em Marapanim, também recebeu uma representação artística com os elementos da cultura de narrativas populares. Toda a extensão da orla foi colorida com uma pintura chamativa e narrativa. (foto 6).

Foto 6 Mural Cultural de Marapanim- Carimbó



Fonte: AZEVEDO DA CONCEIÇÃO (Acervo Pessoal)

No texto, (imagens 7,8 e fotografias 7 e 8) podemos perceber as coletividades que vivem do microcomércio, como os vendedores ambulantes, os pescadores que realizam a tarefa de manter viva a tradição da Regata e os grupos de carimbós. No entanto, outras coletividades devem fazer parte dessa pesquisa, pois elas estão distantes da área urbana de forma que convivem com o fluxo de estabilidade falha, muitas vezes, com uma esperança que se lança apenas aquela que sempre é recorrente, a natureza.

A primeira coletividade a ser vista são os barraqueiros (Imagem 7).

Imagem- 7 Temporada de Férias de julho na Praia de Marudá- Barraqueiros



Fonte: Santos (2023)

A segunda coletividade são os pescadores de Crispim (imagem 8).

Imagem- 8 Pescadores do Crispim



Fonte: Santos (2023)

Nas áreas centrais, encontramos os Barraqueiros da Padroeira (foto 7) e os vendedores de balões (foto 8).

Foto 7− Barraca da sorte- estande de entretenimento



Fonte: Azevedo Conceição (Acervo pessoal autor)

Foto 8- Vendedor de balões



Fonte: Acervo pessoal (autor)

Segundo Santos (2023) a maré alta não permite a pesca, enquanto isso o coletivo pesqueiro torna-se fonte de histórias vívidas em Crispim, fazendo com que as comunidades passem mais tempo em casa e ancestralizando suas memórias.

Imagem- 9 Movimentos da Maré ocasionada pela invasão de água e destruição da barricada



Fonte: Santos (2023)

Uma observação feita é que nesses 20 anos Marapanim deixou de ter transporte público coletivo de grande porte (ônibus) e passou a contar com os coletivos de van (imagem 15) com ponto em Castanhal, sendo o transporte particular alternativo os únicos meios de locomoção. Inclusive, uma ação ambígua para uma cidade que necessita de o turismo pontual, não ter transportes direto, isso deixa a população a mercê de perigos iminentes e custear viagens mais caras por meio do transporte particular que chega a ser 50% mais caro.

Imagem- 10 – Ponto da Van em castanhal para acessar a cidade de Marapanim



Fonte: Google Imagens

Um coletivo que por anos, conforme os relatos, foi essencial na construção social de Marapanim são os catadores de caranguejo (imagem 16). Esse coletivo tem uma função importante que é a proteção dos mangues por meio de seus saberes sobre reprodução e preservação das espécies. O controle e a subsistência são elementos fundamentais para que nos meses que a cidade volta a sua rotina, a população possa ter o alimento na mesa sem desconstruir a natureza.

Imagem- 11 Catador de caranguejo



Fonte: Mestre Rinaldo

O título de Princesa do Salgado não é à toa, há uma diversidade de possibilidade na costa amazônica. Praias e rios formam um cenário paradisíacos.

Quem conheceu a Praia do Lembe (fotos 9 e 10) antes do período de enfoque turístico, pôde viver a pequena travessia do coletivo canoeiros que formavam uma pequena fila para atravessar o pequeno recorte de água que separava a comunidade com suas casas e a praia, quase intocada, em toda extensão de faixa de areia branca e água azul no verão e barrenta no inverno, havia apenas 3 taperas e uma rede de nylon. Nesses momentos que não duravam nem 5 minutos, os canoeiros sempre contavam alguma de suas histórias, inclusive sobre o exótico nome da Praia, na pequena Ilha de Camará.

Foto 9- Praia do Lembe na Ilha de Camará Popularizada



Fonte: Azevedo Conceição (Acervo Pessoal)

Foto 10- Praia do Lembe- Paisagem antes da popularização



Fonte: Azevedo Conceição (2015) Acervo Pessoal do autor

Sem dúvidas, as duas paias mais famosas são Marudá (imagem 10) e Algodoal (imagem 11 e 12 e 13), a primeira por ser requisitada no final de ano pela população e a segunda por guardar o título de praia mais bonita da região o “Lago da Princesa. Além de ser uma praia requisitada é também parada obrigatória para atravessar até a Ilha de Algodoal, por meio de rabetas e barcolas. Somente por Marudá é possível acessar a ilha, isso se deu por um acordo entre os moradores para incentivar a escoação de produtos e manutenção turística.

Imagem 10- Entardecer em Marudá



Fonte: Izabela Bentes (Acervo Pessoal)

Imagem 11- Praia de Algodoal- Letreiro de identificação



Fonte: Rodrigo Diana

Imagem- 12 Praia de Algodoal- Lago da Princesa



Fonte: Rodrigo Diana

Imagem- 13 Vila de Algodoal



Fonte: Rodrigo Diana

Outra cidade conhecida e que faz parte do distrito é a Cidade de Matapiquara (imagem 14).

Imagem- 14 Matapiquara- Lago revitalizado do Mato Grosso



Fonte: Sem Destino 360

A pequena comunidade de Matapiquara aparece aqui por fazer parte de uma das ilhas integradas à Princesa do Salgado, sendo um dos igarapés mais famoso o de Mato-Grosso, o qual fui apresentada aos quinze anos, cinco anos antes de conhecer Marapanim.

Foto 11 -Rio Marapanim em revoada do Guará-Vermelho



Fonte: Izabela Bentes (Acervo pessoal)

Os coletivos aqui apresentados são autores historiográficos com crenças, pedagogias e tradições próprias. Cada nomenclatura atribuída à cidade, partiu de um coletivo que moldou os espaços possíveis da cidade, do mangue ao litoral.

Com isso, finalizamos o contexto histórico-social de Marapanim e continuamos com a próxima seção, que define o local dessa pesquisa no campo acadêmico.

.

3 ECOS DA PESQUISA- O ESTADO DA ARTE

O primeiro passo que damos em uma pesquisa é entender o lugar que nosso objeto ocupa em várias modalidades acadêmicas e socioculturais, mesmo que para Ferreira (2002), essa visão seja equivocada. Entretanto, percebemos que ao final da análise e da busca é exatamente o que procuramos, a relevância do nosso tema diante do novo ciclo acadêmico. A partir dessa visão, podemos descrever se a instigação é só nossa. A visão transpassa, muitas vezes, as barreiras acadêmicas e, sem intenção, esbarra num grito de identidade.

Neste contexto, compreendemos que o estado da arte é uma procura por trabalhos (dissertações, teses e outras publicações) que foram desenvolvidos com o mesmo parâmetro de nossa pesquisa. Tal percepção se deve ao fato da possibilidade de partirmos de um ponto ainda não mencionado e que, dentro da conjuntura total, poderia e faria diferença.

Mesmo que tenha sua fonte iniciada na bibliografia analítica, como sugere Ferreira (2002), este método de compreensão neutraliza a repetição ignorada, ou seja, evita que o mesmo tema seja abordado da mesma forma por diferentes programas de pós-graduação ou, até mesmo, pelo próprio programa do qual o pesquisador faz parte. Fazemos tal afirmação, porque ao iniciar o processo de busca, análise e leitura, principalmente na cidade de Belém, percebemos a recorrência de temas, lugares e abordagens metodológicas iguais.

A intenção em iniciar o texto por meio do estado da arte é por corroborarmos com Ferreira (2002) quando o autor afirma que em muitas pesquisas esta abordagem aparece como parte ou um tópico solto, pois não é feita uma análise circunstancial dos textos pesquisados. Nesta dissertação, optamos por fazer uma procura mais prolongada desde julho de 2024 até dezembro de 2024, para que cada texto fosse lido do início ao fim e definidos como um “possibilitador” para a nossa pesquisa.

Para definir o estado da arte do tema sobre narrativas de autoria e protagonismo feminino no âmbito popular, fizemos uma análise em quatro assuntos: narrativas orais femininas, educação oral, linguística e, por último, Marapanim como o local de análise.

Além disso, dividimos a organização em três fontes de buscas: universidades estaduais e federais do Pará; Amazonas e Outros estados. Definimos que o exame seria feito nos dois programas o de educação e o de letras, com ênfase na área

saberes ancestrais. Levamos em conta as mudanças que ocorrem normalmente nos programas (o currículo não é nosso foco) de forma ementaria, por isso, finalizou-se uma busca em repositórios por um período de dez anos (2014-2024).

Inicialmente, fizemos a pesquisa literária e linguística, para esse, encontramos mais de 100 dissertações e 15 teses. Para o tema de narrativa oral, encontramos mais 200 títulos, o que nos fez aplicar descritores para nos aproximarmos do tema central, como localidade, repetição e narrativas de população ribeirinha, quilombola, indígena ou de outros coletivos. As repetições foram associadas ao tema e à comunidade. A quantidade de vezes da repetição é codificada em parênteses após o título e deve ser lido da seguinte forma: dissertações (D) e Teses (T) após o título da pesquisa.

Quadro 2- Estado da arte de narrativas orais amazônicas no contexto literário

Título	Autor	Programa
Tessituras poéticas: educação, memória e saberes em narrativas da Ilha Grande/Belém–Pará (D)	Cozzi(2015)	PPGED(UEPA)
Tessituras sensíveis de fruição das poéticas amazônicas(D)	Lobato(2018)	PPGED(UEPA)
Narrativas de moradores da Baía do Sol–Mosqueiro/PA: posicionamentos éticos e saberes culturais(D)	Câmara (2021)	PPGED(UEPA)
Literatura regional e ensino: leitura e escrita de microcontos na educação básica(D)	Ribeiro e Amaral (2021)	PPGED(UEPA)

Fonte: AZEVEDO (2026) - Produção do autor

Quadro 3- Estado da arte de narrativas orais no contexto discursivo feminino

Título	Autor	Programa
Narrativas orais de mulheres pretas e quilombolas sobre o empoderamento feminino negro no sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais de Cametá-PA (D)	Silva.M (2023)	PPLSA(UEPA)
Monte Serrat e o desejo de ser: intelectual, escritora e educadora negra abaetetubense (D)	Trindade (2023)	PPGED(UEPA)
Narrativas orais na comunidade do Julião: volume único (D)	Saboia (2016)	PPGLA(UEA)
Educação sensível na voz de calados: Poesia e memória em regime crepuscular (D)	Favacho(2017)	PPGED(UEPA
A Matinta tem a cor da chuva: ludicidade como estratégia de ensino-aprendizagem para educação ambiental (D)	Dias(2015)	PPGED(UFPA)
Cartografia de afetos: as narrativas orais de sete mulheres em comunidades tradicionais nas/das Amazônia da região bragantina, no Pará' (T)	Pereira(2023)	PPGL(UFPB)

Fonte: Produção do autor

Quadro 4- Estado da arte de narrativa orais com contexto educacional do saber ancestral

Título (27)	Autor	Programa
Práticas de letramento e educação nas vozes de crianças: ler e escrever entre os sentidos e os bens culturais na ilha de Caratateua/PA (D)	Fernandes (2018)	PPGED(UEPA)
Saberes afro-brasileiros e educação sensível em cartografias amazônicas: vozes de Jambuaçu/PA (D)	Brasileiro(2019)	PPGED(UEPA)
A Poética de Eneida: cultura, imaginário e educação na Amazônia (D)	Oliveira(2022)	PPGED(UEPA)
Navegando nas águas dos poemas: prática de leitura e escrita no Rio Urumajó (D)	Silva.A(2023)	PPGED(UEPA)
Entidades e identidades no diálogo entre os seres fantásticos das narrativas orais tradicionais da Amazônia e dos RPGS (T)	Muinhos(2021)	PPGL (UFPA)
Entre o conto e o canto: os diálogos entre tema e memória em narrativas orais e narrativas cantadas dos mestres de Carimbó da Amazônia paraense (T)	Almeida(2022)	PPGL(UFPA.

Fonte: Produção do autor

Quadro 5- Estado da arte de narrativas orais marapaniense

Título	Autor	Programa
Narrativas orais: vestígios da história da Comunidade da Praia do Crispim-PA. (D)	Santos (2023)	PPGCOM

Fonte: Produção do autor

Quadro 6- Estado da Arte de narrativas orais em repositórios de programas de pós-graduação

Nível	Quantidade
Mestrado	70
Doutorado	23

Fonte: CAPES-catálogo de teses e dissertação

Com a aplicação dos descritores, apenas 18 pesquisas foram compiladas e adicionadas à análise do estado da arte, prioritariamente, a nível de mestrado, a nível de doutorado não encontramos trabalhos mais consubstanciados em temas que se aproximassem de algum dos focos desta pesquisa, finalizamos com 3 teses que mencionavam nossa temática. Essa organização foi necessária para não comprometer a relevância das pesquisas anteriores. Assim como nos quadros fizemos trajetória por temas.

Para as narrativas orais amazônicas no contexto literário não foi difícil encontrar dissertações e teses que se comprometiam em divulgar, refletir, compreender, evidenciar, analisar, por meio da literatura, essas narrativas. A ocorrência mais abrangente é também uma fugaz notoriedade de como o tema sobre narrativas populares não alcança os espaços de prestígio em programas de pós-graduações.

O enfoque de Cozzi (2015) e Lobato (2018) na poética tem motivações estruturais para os literários e o ensino das letras. A literatura, considerada como arte,

vagueia nos contextos mais diversos da epistemologia antiga, uma vez que é construída a concepção de texto facilitador de informação, com escolas literárias surgindo no início da idade média com o Trovadorismo. A poética era, como deixa claro os autores o texto popular oral. Contudo, na atualidade, a poética firmou seu status de texto da elite, não mais oralizado, agora firmado em documentos. A trova virou declamação e a oralidade passo à escrita. Mesmo que os traços de narrativas existam nas duas dissertações elas não aprofundam o foco desta pesquisa.

Das quatro dissertações que trazem em sua bibliografia temas sobre a NO, apenas Câmara (2021) se aproxima dos conceitos que aqui estão descritos, contextualizando a Ilha Grande por meio da comunicação. Em contrapartida, Ribeiro (2021) recorre as funções estéticas europeias como forma educacional. Ainda que pareça similar com “Contos de Amélia” os microcontos ressaltados na pesquisa tem uma finalidade divergente em seu trabalho, aqui, não a intencionalidade de formalizar as NOP. Isso, não quer dizer que a pesquisa está alheia a nossa, inclusive, por meio dela pudemos organizar o caminho que queríamos seguir, o de usar as narrativas como performance viva da construção de saberes e resistência feminina. Não encontramos nenhuma dissertação que especificasse alguma pesquisa em Marapanim.

Para as narrativas orais no contexto discursivo feminino, em Silva M(2023), encontramos títulos que usam o “modelo feminino de contrariedade”, são aqueles pensamentos em que as narrativas são pautadas na realidade sem espaço para o encantado ou sobre natural, mas caso ocorram é porque fazem parte da narrativa pessoal dos contrastes sociais, econômicos e religiosos.

Das obras de Trindade (2023); Saboia (2016); Favacho (2017); Dias (2015); Pereira (2023). As narrativas femininas são idealizadas para a representatividade da mulher e sua alta relevância para suas comunidades. No nosso contexto de visão e objetivo, Dias (2015) representa nossa temática de forma mais construtiva, na figura da bruxa da floresta, a Matinta é uma personagem que demonstra a função da mulher no contexto de Amélia, ensinando por meio do castigo, algumas vezes físicos, como se deve respeitar o espaço sacro da natureza, limitando o espaço do homem.

Para narrativas orais no contexto educacional do saber ancestral, coletamos sete obras sendo cinco dissertações e 2 teses. Esses textos performam a educação com base na oralidade, na cultura, imaginário. As localizações estão no centro-urbano de Belém e distrito como o Distrito de Mosqueiro. Trazem também a memória

ancestral como parte da temática. Neste grupo é possível ver a escolha de Marapanim na tese de Almeida (2022). Ainda assim a cultura do Carimbó, ainda é o tema mais citado quando se trata da Princesa do Salgado.

Para as narrativas orais marapaniense ficou claro, portanto, que a temática das narrativas marapaniense, só aparece em uma única dissertação, de Maria Mirley Santos (2023), e, há um rebuscamento para a comunidade de Crispim, foi sem dúvida, o texto onde conseguimos melhores informações e onde pudemos entender a história da pequena formação da cidade. Como essa dissertação conseguiu reunir os vários focos temáticos que também abordamos, mesmo com linha de criticidade diferente com metodologia a parte, ela foi nossa principal fonte de imagens e comunhão de ideias.

O resultado da pesquisa do Estado da Arte era esperado, pois antes de construir o projeto de pesquisa, já havíamos analisado o cenário acadêmico de pesquisas sobre o tema. Por isso, garantimos, que há de fato mais trabalhos no foco narrativo com intuito de mistificar a realidades e crenças. Assim como há vários títulos que propõem uma realidade paralela entre as sociedades. Contudo, as que foram selecionadas, estavam no âmbito amazônico de fácil acesso, os repositórios da CAPES. Visitamos os repositórios das principais universidades do eixo amazônico central, priorizamos os programas de Educação e Letras, mas como pode ser visto em Silva M (2023), a pesquisa nos leva para alguns caminhos não pensados, o programa de Artes da UFPA foi um deles.

Para o tema **educação,** encontramos pesquisas que ora estavam individualizadas e ora abordavam temas mistos como linguística, cultura, saberes, identidades. Os autores evidenciaram, primeiramente, a questão curricular sobre a educação, depois o tema subjacente, dentre os citados, a língua materna ou a língua adquirida é pontuada.

O fato de encontrarmos dificuldades para “garimpar” estudos sobre as narrativas como discurso e identidade educacional no eixo amazônico, foi um tanto reconfortante, pois demonstrou o quanto a temática é negligenciada fora dos eixos naturalizados do costume. Quando tratamos as narrativas orais como mecanismo imaginário individual e coletivo, como na literatura, ou como mera ferramenta de comunicação como a história vem tratando, entramos no processo de diminuir a ancestralidade e realidade de comunidades inteiras por meio da língua, do gênero. O

peso do tempo já fará isso, pois em áreas em que uma história não se populariza a tendência é que ela se apague na “evolução” da modernização.

Por isso, esta pesquisa elegeu trabalhos que deixaram lacunas sobre a língua, gênero e narradora, não só como as temáticas menos abordadas, mas como elementos da vida real.

Na próxima seção, encontram-se as principais teorias que construíram as reflexões sobre a temática da pesquisa.

4 AS TEORIAS NASCEM ONDE A CRENÇA FALHA- Fundamentação teórica

Esta seção constrói, de forma aprofundada, os conceitos de saberes, narrativas, discurso e protagonismos feminino, além da metodologia elegida e os métodos necessários para o alcance dos objetivos.

Nesta construção, entraram os conceitos sobre as bases filosóficas, linguísticas e identitárias sobre a narrativa popular em olhares epistemológicos e etnográficos. O alicerce principal esteve ancorado em pesquisadores do PPGED da UEPA, estudiosos que se tornaram embasamentos para a percepção e construção deste projeto, durante a ministração das disciplinas de Epistemologia; Práticas da Educação Socia; e Cultura e Saberes Amazônicos, bem como, os passos metodológicos de coletas das narrativas.

A ocorrência de uma narrativa tem algumas ramificações, no entanto, para interesse dos objetivos e com intuito de responder às questões problemas, os ramos que foram abordados são: narrativa enquanto tipologia textual, narrativa enquanto gênero do discurso feminino, narrativa enquanto gênero popular e narrativa enquanto saber.

Na primeira definição, Olívia Maurício Dornelles e Fernanda Filgueras Sauerbronn (2019) conceituaram a narrativa como:

> (...) textos que relatam acontecimentos de forma ordenada cronologicamente, com início, meio e fim, de forma que seja percebida a relação de causa e efeito entre os fatos. Diferem-se da descrição, da dedução e da poesia, pois apresentam um problema e sua resolução, e é isso que é narrado. (Dornelles e Sauerbronn, 2019, p.19)

Para toda narrativa, no conceito apresentado, haverá uma solução. Seria esse então o objetivo para narrar, solucionar? Construção de enredo com clímax gerador de conflito para ser solucionado. Nesse campo de Dornelles e Sauerbronn (2019) é fácil reconhecer a narrativa, porque os personagens devem vencer algo ou alguém.

Na segunda ramificação, os conceitos foram pautados em Mikhail Bakhtin (2010);

> No fundo, os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação. Em cada campo existem e são empregados

> gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. (Bakhtin, 2010,p.266)

Para Bakhtin (2010), a narrativa, enquanto gênero do discurso, faz parte de uma “esfera da atividade humana” cunhando um estilo, o narrar, então, é um estilo que depende do seu contexto de produção e por meio dele se caracteriza e subdividir-se-á.

> A perspectiva de gênero é discutida pelo âmago da alma feminina enquanto um fluxo ou um princípio universal, que participa da vida e da continuidade do planeta. Com base na reflexão teórica aliada aos aportes de uma pesquisa bibliográfica[...] (Silva e Oliveira, 2022,p. 255)

Silva e Oliveira (2022) propõem uma compreensão da perspectiva de gênero que ultrapassa uma abordagem meramente social ou normativa, ao situá-la no campo simbólico e filosófico, associando o “âmago da alma feminina” a um princípio de fluxo, vida e continuidade. Essa visão diáloga com concepções que reconhecem o feminino como força geradora, relacional e dinâmica, vinculada à manutenção da vida e à sustentabilidade.

Ao recorrer a uma perspectiva universal, o texto sugere que o feminino não se restringe a uma identidade biológica, mas representa um princípio que atravessa culturas, saberes e formas de existência.

E para Sodré (1988), o discurso narrativo é:

> [...] capaz de evocar, através da sucessão temporal e encadeada de fatos, um mundo dado como real ou imaginário, situado num tempo e num espaço determinados. Na narrativa, distingue-se a narração (construção verbal ou visual que fala do mundo) da diegese (mundo narrado, ou seja, ações, personagens, tempos). Como uma imagem, a narrativa põe diante de nossos olhos, nos apresenta, um mundo. O romance, o conto, o drama, a novela, são narrativas. (Sodré, 1988, p.34).

Barbosa (2011) encerra a sequência conceitual exemplificando como a narrativa é um saber.

> As narrativas orais são um meio de comunicação que requerem uma postura ativa do contador, pois, diferente do que ocorre no texto escrito, não há um processo passivo entre o leitor e a história lida. No contar, a ação se desenvolve através da *performance* do contador,

> que se encarrega de dar vida aos fatos e deixar que o ouvinte possa entrar no mundo narrado. Há, portanto, uma comunicação interativa: o contador conta seu causo, o ouvinte ouve, mas também pode interagir. Neste sentido, não apenas *o* contar, mas o *como* contar se tornam responsáveis no processo comunicativo. Neste caso, saber contar passa a ser sinônimo de experiência. (Barbosa, 2011, p.41)

Diante de múltiplos conceitos, evidenciamos, assim, a legitimidade da narrativa como um saber construído e não ensinado, passado e não inserido. A narrativa é a tipologia textual que o realismo maravilhoso aparece como o gênero. Nela, há estruturas que vieram do poema e do estilo dramático, principalmente o gênero teatral por meio da performance que Zumthor (1997, p.52) pontua ser “um saber-fazer e de um saber-dizer, a performance manifesta um saber-se no tempo e no espaço”, a performance é uma das características da narrativa e:

> Ela a aproxima, de algum modo, da ideia de catarse, proposta (em um contexto totalmente diferente) por Aristóteles! Comunicar (não importa o quê: com mais forte razão um texto literário) não consiste somente em fazer passar uma informação [...](Zumthor, 1997, p,52)

Não são metafóricas as identidades plurais que a narrativa popular assume. Com o último autor deixa claro, não é um simples repasse de informação, é uma relação inerente ao homem, contar é característica da humanidade e ferramenta única do saber dizer.

A inerência e a horizontakização de saberes têm nas narrativas seu principal veículo de confluência. Por isso, a próxima subseção demonstra a relação desses parâmetros da NP.

4.1 Quem ensina, também aprende: saberes não escolares nas narrativas populares

A palavra saber, sempre ocasionou relatividade. Intrigava-nos o fato do porquê somos medidos socialmente conforme aquilo que sabemos, lógico, nem todos têm saberes aprofundados para entender que pensar dessa forma é sentir inconformidade. Ao olharmos nossas famílias, vemos que sempre há alguém que sabe de um remédio, uma amarração, um prato específico, uma tessitura de crochê e até a hora que o diabo passeava pela rua, era a meia-noite, às três da manhã e ao meio-dia. Parece pouco acadêmico relatar tal fato, mas na verdade, só agora podemos dar nome ao que nós não entendíamos naquela época, **aflição** por não saber de nada.

Diante dos passos que demos para maternar esta pesquisa, foi que conhecemos a visão epistemológica sobre o que é saber. Para essa vertente filosófica a construção de conhecimento esteve, por séculos, relacionada à condição humana de poder construir ou como construir. É “medievalismo” acreditar que tal vocábulo se tornou ligado apenas à escolarização imposta pela “supremacia” europeia. O saber não é um ato de unidade, pelo contrário, é um ato de coletividade e relaciona-se diretamente com as questões epistemológicas, entendemos como conhecimento aqui na Amazônia aquilo que o saber constrói com ou sem a necessidade da educação formal.

Para nosso contexto amazônida, Albuquerque, França e Buecke (2021) descrevem que por quatro séculos, prevalecia o saber religioso, isto é, a Igreja Católica considerava certo aquilo que a Europa mantinha como fundamentos de conhecimento. Por isso, Pero Vaz de Caminha em uma de suas cartas, que por anos foi estudada nos livros de histórias, descrevia que “os índios pareciam não saber o que eram os objetos que os portugueses lhes entregavam” Vaz de Caminha, (Brasil, 1500/1969).

De fato, ao analisar o que os nativos de Pindorama tinham como conhecimento, realmente, não sabiam as utilidades do espelho, de uma arma de pólvora ou qualquer outro objeto que não fazia parte de sua utilização diária. Todavia, como aponta Albuquerque, França e Buecke (2021) o saber Europeu não era, nem em 1500, o único, assim como, não era absoluto, tão pouco soberano, antes da colonização.

A população das comunidades originárias, construíram ao longo de sua jornada, neste território, saberes que até outras comunidades, do que hoje é chamado Brasil, desconheciam. No Pará, como exemplo, existe a técnica da extração do tucupi, o preparo da maniçoba, o trançado da palha, entre outros que fazem parte da tradição deste território, que o Sul, até mesmo, outros estados nortistas desconhecem. Por isso, afirma Charlot (2000):

> Faz sentido para um indivíduo algo que lhe acontece e que tem relações com outras coisas de sua vida [...] é significante (ou por ampliação tem sentido) o que é comunicável e pode ser entendido em uma troca com os outros. Em suma, o sentido é produzido por estabelecimento de relações, dentro de um sistema, ou nas relações com o mundo ou com os outros (Charlot, 2000, p. 56).

Segundo Charlot (2000), algo só faz sentido para um indivíduo quando aquilo que lhe acontece se articula com outras dimensões de sua vida. Nessa perspectiva, o sentido não está no conteúdo em si, mas na relação que o sujeito estabelece entre a experiência vivida, sua história, seus desejos, seus conhecimentos prévios e seu contexto social. Aprender, portanto, não é apenas receber informações, mas viver situações que mobilizam o sujeito e dialogam com sua realidade.

Podemos afirmar que quando Charlot (2000,p.56) reforça seu pensamento com "algo que lhe acontece", ele enfatiza o caráter experiencial da aprendizagem. O conhecimento só se torna significativo quando o aluno se envolve ativamente, sente-se parte do processo e reconhece naquela situação algo que o afeta. Além disso, o sentido emerge quando o que é aprendido se conecta a outras experiências da vida cotidiana, como o trabalho, a cultura e os projetos pessoais, permitindo que o estudante compreenda a utilidade e a relevância do saber.

Essa concepção critica práticas pedagógicas baseadas na mera transmissão de conteúdos descontextualizados e reforça a necessidade de metodologias que promovam a contextualização, a problematização e a integração entre teoria e prática. Assim, para Charlot (2000), aprender com sentido é construir conhecimento a partir de experiências que dialogam com a vida do sujeito, tornando o saber significativo e socialmente relevante.

Um pensamento que nos ocorreu na etapa bibliográfica, foi compreender que o Saber não é um elemento que deve ser posto na balança e ser medido a régua daquilo que está correto ou não. Ele é uma essência construída no meio tradicional, na cultura territorial, nos valores adquiridos, enfatizando a própria descolonização.

> Tudo que é importante para a comunidade, e existe como algum tipo de saber existe também como algum modo de ensinar. Mesmo onde ainda não criaram a escola, ou nos intervalos dos lugares onde ela existe, cada tipo de grupo humano cria e desenvolve situações, recursos e métodos empregados para ensinar às crianças, aos adolescentes, e também aos jovens e mesmo aos adultos, o saber, a crença e os gestos que os tornarão um dia o modelo de homem ou de mulher que o imaginário de cada sociedade – ou mesmo de cada mais especifico – dentro dela idealiza, projeta e procura realizar (Brandão, 2007, p. 22 – 23).

A citação de Brandão (2007) destaca que o conhecimento não se restringe ao espaço escolar ou acadêmico, mas nasce e organiza-se no interior das comunidades, a partir de suas necessidades, valores e práticas sociais. Ao afirmar que tudo o que é

importante para a comunidade existe como saber, o autor reconhece a legitimidade dos conhecimentos populares, tradicionais e culturais, muitas vezes desvalorizados pela educação formal. Esses saberes são construídos coletivamente e transmitidos de geração em geração, mostrando que aprender é um processo social, histórico e cultural.

A partir da afirmação que “todo saber importante também existe como algum modo de ensinar” (Brandão, 2007,p.22), evidencia-se que as comunidades desenvolvem suas próprias formas pedagógicas, como a observação, a prática, a oralidade e o convívio. Essa perspectiva amplia o conceito de educação, mostrando que ensinar não é exclusividade da escola, mas acontece nas relações cotidianas, no trabalho, na família e nas tradições. Assim, Brandão (2007) propõe uma educação que valoriza os saberes comunitários e promove o diálogo entre o conhecimento escolar e os saberes da vida, tornando o processo educativo mais significativo e democrático.

Como forma de cultura secular, a narrativa oral é pertencente a este grupo que Brandão (2007) descreve como método de ensinar, provada e comprovada por vastos estudos sobre sua importância na formação dos sucessores desses saberes, as crianças. O autor aborda assuntos nos tornando expectadores de um futuro, baseado naquilo que nos foi apresentado como saber. No entanto, ainda tem força o contexto formal sobre a palavra popular, há sim uma espécie de repúdio quando o conhecimento não está alicerçado ao programa regular estatamentário.

Devido às pesquisas sobre a diversidade de significados que a palavra saber proporciona, percebeu-se que quando se trata do território amazônico a variedade de saberes é maior, pois não só é a maior região, do Brasil, como é uma das poucas que mantém fortes ligações com a ancestralidade. Isso ocorre, conforme Silva A (2022), porque há uma grande xenofobia por parte de outros estados e porque há um processo de retirada (migração), conclusão do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, Brasil, 2023) dos grandes centros e regiões metropolitanas para outros estados ou para o interior.

Outro significado que se une ao saber é o escolarizado, este, até mais fácil de ser definido, pois ele depende de um percurso educacional que faz parte de uma cultura, ou melhor, de uma legislação que promulga o que estudar e como aprender. O saber escolar é definido pela linha que gera conhecimentos específicos, porém, comum a todos, independentemente de onde estejam no território nacional (isso a

nível de Brasil). Tal realidade é definida com base nos documentos: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1996), Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) e a Lei de Diretrizes e Base (LDB) (Brasil, 1996).

Foi visto que não há como pegar uma palavra, como o saber, e definir a partir da perspectiva do que deve ser feito ou não, certo ou errado, pois ela carrega uma abundância de possibilidades. Há saberes que estão no dia a dia do lavrador, do batedor de açaí, das curandeiras, dos tarrafeiros e que, a partir de sua cultura de nascença, desenvolveram seus conhecimentos e técnicas, muitos sem adentrar uma sala de aula. De forma alguma, o saber acadêmico deva ser inferiorizado, ele tem o privilégio de tentar igualar norte e sul, porém o saber popular deve, igualmente, estar presente. Então, a próxima seção abordou o saber que inicia em casa e vai para a primeira etapa escolar, a contação de história.

4.2 Não é historinha para boi dormir- o narrar, também é saber

A história oral depende de atenção, poder de concentração e imaginação peculiar, bem como a performance necessária para que o narrador prenda a atenção dos ouvintes. Neste contexto, o narrador assume o papel sapiente daquele que tem como tarefa ensinar.

Quando fizemos o Estado da Arte, percebemos que os relatos partiam de experiências vívidas e marcadas num tempo onde as histórias, no território amazônico, eram construídas a partir das experiências com o encantado. São histórias, como Todorov (1989) delimitou, indefinidas no contexto de época, ou seja, não se sabe quando elas iniciaram, mas a realidade que era do indivíduo, logo se tornava uma história da comunidade. Assim, surgiram histórias como o *Curupira*, *Matinta Perera*, *O filho do boto*, essas são as mais conhecidas nas comunidades interioranas e escolares, exemplificado em Cardoso (2019). Outras, como *O velho do chapéu*, *As louças voadoras da Pedreira*, *O mar que chama* (narradas por estudantes do IFPA) não são tão conhecidas, mas partem da mesma verossimilhança.

Geograficamente falando, as histórias populares retratam partes da Amazônia e seu elo entre o divino e profano, o certo e o errado, a realidade e o sobrenatural. Por isso, a princípio, elas estão relacionadas às populações originárias, às comunidades ascendentes e às formações territoriais. Não excluímos aqui a necessidade de criticar o rótulo que essas narrativas são imaginárias, muitas eram tratadas pelas ciências

como impossíveis e irreais, erguendo uma muralha no que era definido como possível para a população.

O imaginário amazônico não se constitui como fuga da realidade, mas como uma forma própria de explicá-la e vivê-la. As narrativas míticas e imaginárias organizam o modo de ver sentir e interpretar o mundo, articulando natureza, cultura e experiência social. Por meio dessas narrativas, o sujeito amazônico constrói sentidos para a vida cotidiana e para sua relação simbólica com o território.

> O imaginário amazônico tem vocação alegórica. Busca a essência, numa atitude que faz lembrar as reflexões de Gilberto Durand, a propósito da relação entre imaginário e conhecimento: "O imaginário apareceu-nos, ao longo deste estudo, como a marca de uma vocação antológica. Há, nas alegorias produzidas pelo imaginário na cultura amazônica, uma permanente tentativa de compreender o homem, o amor, a vida, a morte, o trabalho e a natureza. (Paes Loureiro, 1995, p. 85)

Nesta perspectiva, Loureiro (1995) menciona, ainda, que a há dois olhares sobre Amazônia, o do natural, nascido, criado, imerso e do viajante, curioso, passante, turista, esta região não é vista e sentida da mesma forma. A mesma visão é feita a respeito das narrativas, sumariamente, Paes Loureiro (1995) critica a visão simplista que se tem das narrativas orais como uma história inventada, sem denotar a importância que os coletivos, que nelas acreditam, inserem na oralidade como seu patrimônio.

Além disso:

> Trabalhar com narrativas orais implica pensar nas histórias familiares, nas tradições orais que passam de geração a geração através da voz ou das vozes poéticas. Implica lembrar que, lá atrás, contar histórias não era apenas uma prática cotidiana, era um ofício comum do qual muitos se encarregaram e através do qual foram repassados ensinamentos e lições de vida. (Barbosa, 2011, p.11)

Barbosa (2011) traduziu no início do seu texto o papel das narrativas orais para essa pesquisa, um ofício comum. O trabalho deste pesquisador, parece um trajeto de resgate, mesmo com enfoques distintos, este estudo partilha do mesmo sentimento que Barbosa (2011), encontrar ensinamentos

Pensar que suas vivências não são consideradas fatos na sua família, no seu grupo de amigos, na sua comunidade e na ciência, que se formalizando "direito" de

contestar sua própria fé, traz, para qualquer pessoa, o desânimo de partilhar. Talvez seja por isso que o público mais fiel dessas histórias sejam as crianças.

Em outra visão, percebe-se que hoje, a tecnologia permite que se conheçam pessoas de outros lugares sem sair do seu quarto, o que mostra um distanciamento cada vez maior no entrelace cultural, acarretando uma maior descrença no ato vivido por esses coletivos. Por isso, o trabalho que as narrativas orais desenvolveram antes das definições de Todorov (1989) e Chiampi (1997) permitiram as trocas, ditas por Loureiro (1995) como simbólicas.

> Os personagens representados pelo ator-narrador podem comunicar-se por meio do diálogo, ou ao menos, de maneira dialogada. Existe, também, um processo dialógico que se estabelece entre o emissor a cadeia de emissores e os expectadores (Ferreras, 2007, p.55) Tradução nossa.

A partir de tantas definições acadêmicas, uma pessoa que não consegue escrever a primeira letra de seu nome, mas domina os conceitos da narrativa, sem ao menos ler algo a respeito explica-se pelo conceito do saber que diz:

> Na Grécia antiga, mítica e heroica, quando a poesia pelas manhãs de "róseos pés" dos poemas de Homero- começava a caminhar na infância de si mesma, já estava ela entranhada na alma das palavras e trazia o imaginário na essência da linguagem significante." (Loureiro, 1995, p.47).

"Entranhada na alma das palavras e trazia o imaginário", chama-se atenção para as duas palavras *entranhada* e *imaginário* que Loureiro (1995) selecionou, não haveria descrição melhor para a narrativa de pessoas que não são letradas, mesmo que o autor tenha destacado a poesia grega homérica. Os mesmos adjetivos podem e devem ser utilizados para as narrativas orais amazônicas- são entranhadas na língua, nos costumes e nas ações das comunidades e o imaginário- é um contraste enfático com imaginação, o primeiro é uma construção da vivência e o segundo uma construção da ciência.

O ato de narrar, citado, pode ser comparado, também, aos trovadores medievais, que formavam versos e não sabiam escrevê-los. Compara-se, também, aos repentistas nordestinos que rimavam, mas, muitas vezes, desconheciam as letras. Para Guinsburg, Neto e Cardoso (2006), esse saber é construído no convívio com o objeto da fala, a língua, e faz parte do cenário verbal na teatralidade.

> O cenário verbal, isto é, a representação teatral na qual o cenário que falta é descrito verbalmente para o espectador pelo ator, pode consistir na descrição de um objeto ou apenas de um ou de vários signos desse objeto. Entramos esse cenário verbal no antigo teatro da índia e na execução das cerimônias xamanísticas em toda parte onde realizam (Guinsburg; Neto; Cardoso, 2006 p.74).

A verbalização que os autores citam, são atos de falas usadas de forma técnica em busca de efeitos e sentimentos que proporcionam ao receptor uma relação com o que está sendo descrito em cena. Por isso, Guinsburg, Neto e Cardoso (2006) citam as cerimônias xamanísticas, pois são tradições que utilizam a narrativa e teatralidade para repassar os costumes de um determinado povo.

O papel das narrativas é ser o ato de ensino, isto é, sem essas narrativas não poderia existir aprendizagem, mesmo que ela divida espaço com a narrativa escrita, nos dias atuais. Além disso, são formas de construir identidade e passar conhecimentos, assim como os Grimm faziam com os contos de fadas. As narrativas populares tinham e têm a mesma função.

Durante a construção desta pesquisa, encontramos uma informação contundente sobre a formação dessas narrativas no território amazônico. Segundo Mendonça (2005) com a chegada do Marquês de Pombal, houve uma retração dessas narrativas da cidade para o interior, mas antes, essas histórias nasciam à beira rio, onde hoje estão localizados os Bairros da Cidade Velha, Reduto, Municipalidade e Batista Campos, por ironia, são polos de comércio e grupos elitizados.

Com a chegada da energia elétrica à cidade de Belém e à região metropolitana, iniciou um processo urbano acelerado na política 50 em 5 de Kubitschek. Entretanto, a modernidade ainda era obsoleta, durante esse período grandes apagões eram registrados na cidade, era cultural ir para rua e reunir-se ao máximo de pessoas possíveis para escutar as histórias de “visagens”, da cidade e do interior, já que a população migrava do interior para a cidade nos anos 80 e 90, com elas, migravam suas narrativas.

4.2.1 NASCI AQUI E AQUI ME CRIEI, DE ONDE VIM E PARA ONDE IREI: NARRATIVAS POPULARES E SEUS *STATUS* (APAGADO)

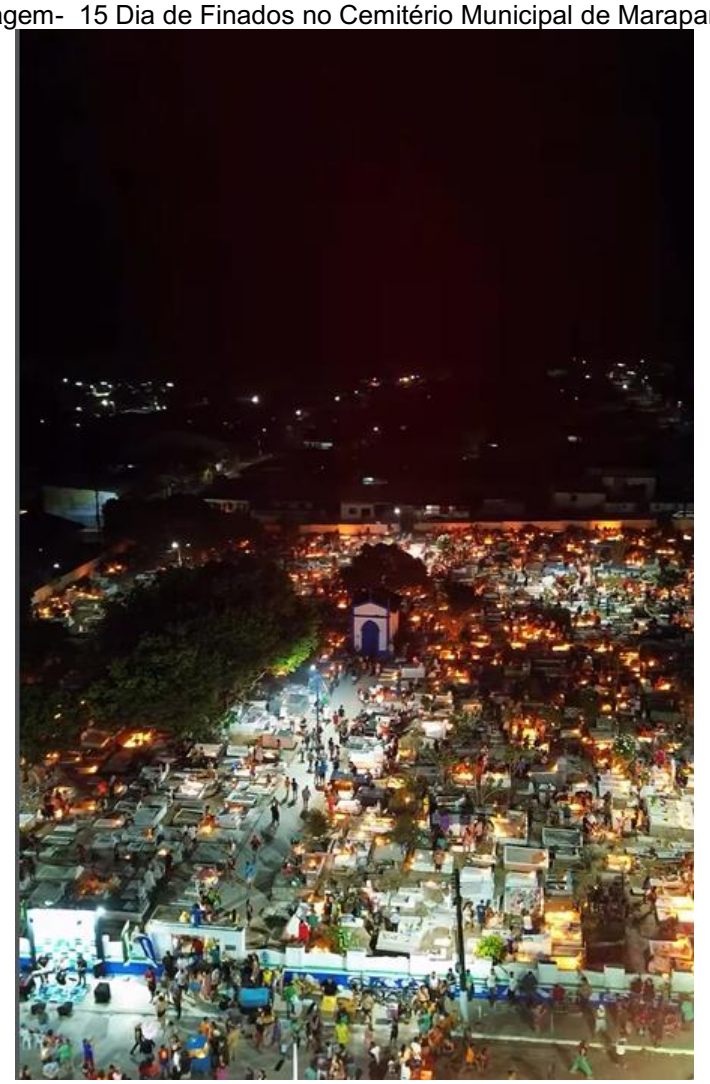
O conceito de popular não é tão relativo como o conceito de saber, tampouco é como uma construção social arcaica daquilo que não tem valor clássico. A palavra popular está ligada morfologicamente à população e nasce como conceito daquilo que se contrapõe ao erudito: festa popular; música popular, roupa popular, educação popular, nasceu como uma divisão do que é elitizado e do que pertence ao povo.

A procura por um conceito que exprimisse o significado de narrativa popular foi um processo desestimulante. Diante de conceitos europeus, latino-americanos, brasileiros e amazônicos o sentimento era que nada expressava o sentido que as narrativas populares universalizavam. Por um longo tempo e por muitas leituras, resolvemos expor pensamentos que mais se aproximaram do que a pesquisa objetivava. Isso ocorreu a partir de uma análise adjetiva dessa manifestação cultural.

Ao refletirmos as reais características dessa palavra, correlacionamos a tudo que vem da simplicidade e de coletividades não alcançadas por métodos políticos ou ganhos de herança colonial (títulos de nobrezas e terras aos brancos). Por exemplo, na cidade de Marapanim há o Dia de Finados (imagem 17) com visitas aos cemitérios à noite, essa atitude é construída política e culturalmente, no entanto, ao sair do espaço sacro, a população participava de um momento de alegria num parque que era montado em frente ao cemitério municipal.

Esse momento era conhecido na região como momento tradicional. No entanto, nos noticiários, era intitulado como momento popular. Em 2025, com as reformas infraestruturais o espaço de integração comunitária deu espaço a uma arena de esportes, e o momento de comemoração foi reconduzido para a praça.

Imagem- 15 Dia de Finados no Cemitério Municipal de Marapanim



Fonte: Prefeitura Municipal de Marapanim

Na imagem, Marapanim se assemelha a uma manifestação popular comum do México que consagra o Dia de Finados para um momento de alegria e felicidade. A icônica frase “Dê a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” fez sentido neste século quando o conceito perfeito não nos chegava à mente, a divisão entre momento de tristeza e de alegria em um só lugar. Diante desse fator, foi possível identificarmos um contraste social classicista entre os dois momentos, enquanto um é tratado como erudito e importante (culto aos mortos), o outro é tratado como inculto e irrelevante (se divertir na tristeza).

Outro parâmetro que trouxemos para as narrativas, é a relação de como os contos de fadas são considerados clássicos enquanto os relatos populares são tratados como falácias de uma população inculta. Tal comparação é visível em sala de aula, com a pedagogia de contação de história, aliás uma terminologia que estamos usando neste texto e não configura sinônimo de narrativa popular.

> Esta autora, acredita ser a contação de histórias um caminho promissor, pois, a partir de “uma atitude multidimensional” de contar ou narrar histórias, se atinge o plano prático da experiência, o nível do pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério. (Cardoso, 2019,p.53)

Para Frederico Fernandes (2002):

> A diferença principal entre o contador de histórias e o narrador está no fato de que o primeiro é um ator, que tem por objetivo principal a interpretação; o segundo é um membro da comunidade narrativa que está compartilhando experiências. Para o narrador, a potencialidade de materialização do texto é menos significativa do que a mensagem que ele visa comunicar. (...) A voz do narrador é dupla: ruído e discurso (Fernandes, 2002) p.329.

Narrativa popular envolve uma prática de vivência, um ato de resistência, uma promessa de fato incontestado. A contação é a narração de uma história já consolidada pelo próprio gênero, envolve a fantasia e a imaginação. Uma não se opõe a outra, como fica claro em Cardoso (2019), contar requer multiplicidade, preparo, construção, objetividade e finalidade antecipada (hora de dormir, hora de aprender). O mesmo não ocorre nas narrativas populares, um narrador popular não prepara o texto, ele começa com a conversa e pede tão somente um pouco de atenção, a natureza é o cenário, a lua é a iluminação, os braços e as bocas são os efeitos sonoros e ele é o autor e a personagem, não há o mal, há o natural.

A partir dessa constatação, feita com base na literatura discursiva e na literatura artística, saltamos para a história educacional paraense, na qual encontramos uma predileção para o ensino de conto de fadas nas escolas primárias, mesmo essa forma de ensino não ser legisladas como gênero exclusivo, tinham uma função alfabetizadora e de manutenção socioeducativa.

> 1.3. A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E O CICLO DA INFÂNCIA I
> O elo das crianças com a cultura letrada é germinado por meio do convívio com diferentes gêneros discursivos orais e escritos, em circunstâncias de enunciação e com sua adequada exploração. Desse modo, a Organização Curricular adequada faz-se necessária para melhoria da qualidade da educação no Estado, respeitando as diversas infâncias presentes na Amazônia Paraense (BNCC, 2018,p.21)

O gênero europeu era usado para aprendizagem das primeiras letras, principalmente nas décadas de 80 e 90, convencimento de comportamento moderado

feminino, discurso, protagonismo masculino e construção de caráter. Contrariamente, os contos populares não tinham espaços em livros didáticos, apenas era possível encontrar as lendas como Iara (punição a ousadia da mulher) o Uirapuru (construído por autores não amazônicos). Logo, o contraste entre os gêneros foi absoluto no arquétipo educacional paraense. Vejamos:

> Os bons anões, comovidos com o profundo sentimento do príncipe, se apiedaram dele e lhe entregaram o caixão. O príncipe mandou vir seus servos, a quem ordenou que pusessem o ataúde sobre os ombros e o transportassem. Mas aconteceu que tropeçaram em um arbusto e o solavanco desprendeu o pedaço de maçã envenenada alojado na garganta de Branca de Neve. Ela prontamente voltou à vida e exclamou:
> — O que aconteceu, onde estou?
> O príncipe, radiante de alegria, disse:
> — Você vai ficar comigo. – E contou-lhe o que acontecera. — Eu te amo mais que tudo no mundo! Venha comigo para o castelo de meu pai, seja minha noiva!
> Branca de Neve sentiu um grande amor pelo príncipe e partiu com ele. Em breve, as núpcias foram celebradas com enorme esplendor. (Grimm,1812)

> Os anões, ao retornarem para casa avistam a bela Branca caída no chão e ficam muito tristes. Eles então a colocaram em uma caixa de vidro no meio da floresta para poderem sempre admirar sua beleza.
> Passado um tempo, surge um príncipe com seu cavalo branco. Ao ver a linda moça adormecida, o jovem, não se contém e lhe dá um beijo.
> Nesse momento, Branca de Neve desperta do encanto e se apaixona pelo príncipe. Os dois se casam e vivem felizes para sempre. (Cultura Genial, 2024)

> Quando as meninas eram a mulecotas, a casa aqui era de táuba e lona, aquelas lonas pretas. Corria um bizum por aqui que o finado Pedro, da Dona Rufina, virava porco. Um dia, a gente tava dormindo e escutei aquele roncado, rom rom, de um bicho grande. Entre a casa da dona Rufina e a minha casa tem o chagão, a casa tremia, o bicho batia de um lado ao outro, eu olhei pela brecha e vi o velho Pedro. Aí eu lembrei o que a mamãe falava, que quando tem visagem, assim, a gente fica no meio de duas virgens e reza um credo. Assim eu fiz, coloquei a Karla de um lado e Katiane do outro e comecei “Creio em Deus pai”. Aquilo foi acalmando, olhei pela janela, e saiu um maita de um porco do chagão. (Jacira, 2024)

Nas histórias acima, temos respectivamente um conto popular europeu, um conto de fadas adaptado e uma narrativa que só quem conviveu com Jacira, conhece.

A presença da mulher nas três narrativas mostra fragilidade e recorrência à figura masculina e ao divino. No contexto pedagógico, apenas a segunda é lida,

contada e mantida na memória infantil, isso se confirma quando você pergunta a qualquer criança como termina a história de Branca de Neve e terão como resposta o segundo exemplo. Enquanto a terceira, fez parte de uma educação particular de crianças que conviviam com a narradora (neste caso, minha irmã e eu), mas recordo que durante aquelas épocas todas as crianças, evitavam o vizinho depois de escutar essa narrativa de minha mãe.

Até mesmo a construção do pensamento sobre o gênero “frágil” faz a mulher acreditar que é impossível que ela mesma tenha se salvado, ou que o possa fazer. Com os movimentos feministas e a participação de narrativas ambientalistas e com programas que visam ampliar estudos nas áreas do norte do país, essa “fragilidade” tornou-se coragem e o título de “mulher frágil” passou para de “mulher guerreira”, apesar dos dois títulos não conseguirem de fato definir uma mulher amazônica que ainda encontra barreiras para histórias autobiográficas de valentia.

Com as mudanças de protagonismo na história, houve também a necessidade de valorizar tais culturas não europeias, isso quer dizer, as indígenas, quilombolas, ribeirinhas e extrativistas. Com isso, devido às mudanças da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2018, o Brasil passa a delimitar as narrativas orais como projeto educacional e identitário, nelas a escola encontra oralidade indígena, coletividades campesinas e narrativas afro-brasileiras. Uma observação deve ser feita, a BNCC institui o ensino dessas culturas, mas deixa a responsabilidade para o campo de linguagens e ciências humanas, isso se for do “agrado” do professor.

> Ainda em relação à diversidade cultural, cabe dizer que se estima que mais de 250 línguas são faladas no país – indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural e linguístico é desconhecido por grande parte da população brasileira. (BNCC, 2018,p.70)

A lacuna descrita em “é desconhecido por grande parte da população” é hipócrita, pois diante do documento citado uma possibilidade não é abrir uma obrigatoriedade. Não há uma compreensão por parte do seleto grupo de governantes que a língua não formal só existe enquanto há falante, por sua vez, só há fala por meio das narrativas, é o que os estudos linguísticos chamam de língua materna. A partir do momento que o governo não tem um plano de conservação de línguas nativas em território nacional, por meio da inserção em grades curriculares, não tem como torná-las conhecidas, são dois afluentes que correm em lados apostos ao rio.

Faz parte dessa cultura multifacetada, que a BNCC cita, as narrativas não clássicas (realistas) que são substituídas pelas clássicas (as lendas). As literaturas mostraram que mesmo dentro de narrativas orais há predileção pelas alcançadas em projeto de escrita, lógico, que tais planejamentos auxiliam essas narrativas a se perpetuarem enquanto as populares são empurradas para a margem do desinteresse.

> Da mesma maneira, imbricada à questão dos multiletramentos, essa proposta considera, como uma de suas premissas, a diversidade cultural. Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente. (BNCC, 2018, p.70)

Mesmo que a proposta seja inclusiva a execução é meramente ilustrativa. Devemos pautar aqui que o foco deste trabalho são narrativas populares em que mulheres vivenciaram e foram apagadas por motivos estruturais da sociedade e não de fato o currículo escolar em que elas não aparecem com grau de relevância. Como a formação de identidade se conflui, na atualidade, com a educação escolar, cremos ser importante o exposto do problema.

Pesquisas realizadas no setor curricular paramentado da Secretaria Educacional Paraense, a SEDUC-PA, revelaram que o aprofundamento e valorização dessas narrativas estão mais relacionados ao “querer” do professor e suas metodologias que à legislação. Na pesquisa *in loco*, essa relação é ainda menor, pois você não tem um currículo municipal que reforce os conhecimentos tradicionais ancestrais.

Para Santos (2023) narrativas orais são fontes históricas de conhecimento dos costumes, tradição e cultura de uma determinada região. Por isso:

> A necessidade de contar história existe em todas formas de vida humana, sendo assim, é um ato elementar da comunicação humana, tornando-se, inclusive, uma capacidade universal. Pois, é por meio da narrativa que as pessoas recordam de acontecimentos, organizam sequencialmente uma experiência [...] (Santos, 2023, p.21)

A pesquisadora enfatiza o poder do contar como o mais importante processo de se informar sobre a cidade de Marapanim e seus distritos. Outro objetivo de narrar é o intento de comunicar sua história. A pesquisa foi realizada na praia do Crispim-Marapanim, zona distrital. Fazer um retrato do passado e da finalidade de narrar nos

confirma o peso que as comunidades orais tiveram na formação amazônica, onde a ferramenta era a voz.

A narrativa popular é uma experiência de conhecimentos sentidos na própria personalidade. O povo, como autor, também assume o protagonismo, ao mesmo tempo que é coadjuvante e antagonista. Não há heróis e príncipes, o que há são elementos naturais e metamórficos que rasgam o véu da construção real. Ela também trabalha o desconceituamento de suas próprias vidas, pois, por muitos anos, elas foram contadas por europeus, inclusive, na América Latina. Essas narrativas quebram laços com a colonização e assumem o papel de “donas”.

É na *Abya-yala* que o reconhecimento ocorre, os autores começam a entender o compromisso de honrar seus elementos místicos como em *Cem Anos de Solidão* de Gabriel Gárcia Marques, *A casa dos Espiritos* de Isabel Allende; *Como Água para Chocolote* de Laura Esquível e *Acauã* de Inglês de Sousa. Cada literatura utiliza elementos de suas regiões para compor suas narrativas, mas o elemento principal é a manifestação da natureza como prosopopeia.

Essa subseção teve como construção teórica o conceito de narrativa popular que define como ato de manifestação cultural, identitária construída por vivências e atravessadas pelas ações de comunidades estimuladas a esconderem seus pertencimentos.

4.2.2 “MANINHO, DEIXA EU TE DIZER”: A ORALIDADE NAQUELES E NESSES TEMPOS

Essa subseção foi elaborada de forma breve, apenas por entendermos que o discurso de uma narrativa oral se deve ao conhecimento sociolinguístico variacionista, originada em comunidades de fala.

A narrativa oral tendo a fala como sua principal forma comunicacional não se compromete com o que é descrito no âmbito da gramática. Esse método, foi por muitos anos e ainda é em outras populações a única forma de ensinar, o manejo da terra, das plantas e dos animais, a produção agrícola o artesanato, o grafismo, o curandeirismo e a história de seus costumes e origem de seu povo. Ferreras (2007) amplifica o discurso da narrativa oral definindo que:

> O discurso da narrativa oral literária se apresenta como um discurso narrativo, onde o narrador[...] organiza todo o material linguístico

> dispõe da voz dos conhecimentos do mundo narrado, estabelece a ordem dos feitos e elege as palavras que considera mais adequados para contar a história [...] (Ferreras, 2007, p.57)

As narrativas contadas na região amazônica só têm personagens do conhecimento regional, logo, só têm línguas circundantes dos coletivos que as produzem. Tais elementos seguem as crenças antigas: deuses, manifestações, alimentos, medicações ou qualquer outro produto de identidade, são criados na nossa infância por parte das escutas maternas. A premissa da fala está na audição, portanto, a lógica da variação linguística está na diversidade daquilo que se escuta em sociedade, ou seja, a sociolinguística.

Por isso:

> A existência de variação e de estruturas heterogêneas na comunidade de fala investigada está de fato provada. É da existência de qualquer outro tipo de comunidade que se pode duvidar...a heterogeneidade não é apenas comum, é também o resultado natural de fatores linguísticos básicos. Alegamos que é a ausência de alternância de registro e de sistemas multi-estratificados de comunicação que seria disfuncional. (Labov, 2008, p.203)

A citação de Labov (2008) evidencia que a heterogeneidade é constitutiva das comunidades de fala, e não uma exceção ou desvio. Ao afirmar que a existência de variação e de estruturas heterogêneas está comprovada, o autor rompe com a concepção de língua homogênea e idealizada, típica de abordagens normativas. A variação linguística surge, assim, como resultado natural de fatores internos à língua e de fatores sociais, como classe, gênero, idade, contexto e situação de uso, demonstrando que os falantes mobilizam diferentes recursos linguísticos de acordo com as condições comunicativas.

Nesse sentido, o linguista sustenta que a alternância de registros e a coexistência de sistemas linguísticos estratificados são funcionais e necessários à comunicação humana. A ausência dessa variação, segundo o autor, seria disfuncional, pois impediria os sujeitos de adequar sua fala aos diferentes contextos sociais. Dessa forma, a variação linguística representa como erro um mecanismo legítimo de adaptação e expressão social, fundamental para compreender a língua como prática viva, dinâmica e socialmente situada.

É, de fato, o que ocorre com narrativa do *Vira Porcos,* quando a narradora sinaliza palavras como “mulecotas, maita, chagão, bizum” ela recorre ao vocabulário que seu meio social fala comumente. Nós, enquanto ouvintes que passamos por

outros meios comunicacionais, ao relatar tal história utilizaríamos os vocábulos “menininhas, grande, lateral, conversa” e isso não alterará o fato ocorrido, mas mostrará quais raízes linguísticas e formação acadêmica o oralizador tem.

Por muitas vezes, ao tentamos manter intocadas essas histórias, infelizmente, esbarramos no construtor do preconceito linguístico, se não é o pior, aproxima-se de ser, preceito que esmaga uma identidade linguística, de gênero e regionão. É por meio dela que se constrói discursos lingofóbicos e apagamentos legalizados nas políticas nacionais, por isso, a vocalização de histórias femininas são menos ilustradas no contexto popular. Ainda sobre o tema:

> Defende-se, no Obiah, que a *linguofobia* do(a) brasileiro(a) foi construída e é atualizada e reafirmada, constantemente, pelas políticas de apagamento do *português brasileiro*, implementadas no período colonial, desde a chegada dos portugueses ao Brasil, passando pelas ações do Marquês de Pombal, no século XVIII, e, mais recentemente, pelas reformas ortográficas e reformas da educação, estando ainda em vigência, na escola e na sociedade. (Rezende, 2015, p.64)

Tal comentário reforça que o xenofobismo é um combustível para que as narrativas populares não alcancem, de fato, *status* no cânone literário e discursivo. Dito isso, o tema da pesquisa se revelou um evento de construção feminino para a manutenção do discurso da mulher como retomada de protagonismo. Desse aspecto das narrativas, nasce os “Contos de Amélia” o caule das narrativas ancestralistas e esse é o ponto da nossa próxima subseção

4.3 “Contos de Amélia” - O discurso do antagonismo da narradora

Durante nossos primeiros anos na escola, aprendemos a contar pequenas histórias e ouvir outras. Naquela fase, a professora é a voz que nos entrega uma das primeiras tipologias que temos contato, a Narração. A voz da professora é o discurso que certamente é interrompido por pequenas outras vozes que completam “Minha vó me disse que...”; “Minha mãe falou...”; “Quando viajei a vizinha falou que”, esses tópicos frasais são prenúncio de um relato iniciado geralmente no núcleo familiar, levados como inerentes às salas de aula, não é uma regra .

Mas ao contrário do que se pensa, as narradoras não aparecem como “peça” fundamental, elas sedem o protagonismo para as personagens da história, para a ação da história, para o coadjuvante da história e, às vezes, para incredulidade da história. Por isso, pensar no conto popular, no relato, no causo de mulheres, o olhar deve ser outro, um olhar “amelisado”.

A metáfora da Amélia como características das narradoras está no contexto em que a mulher narradora, era a mulher que cuidava do lar, vivia sob violência doméstica e o casamento era uma eterna prisão de dor e sufrágio. Nesse sentido, a mulher utilizava a narrativa como pedido de ajuda e como autobiografia de fuga.

> Durante o processo de busca por uma história silenciada, Perrot (2017) elucida que o apagamento das mulheres foi mantido pelo aspecto privado de suas vidas, uma vez que, às mulheres (abastadas) foi fornecido um letramento tardio e, quando alfabetizadas, elas produziam uma literatura doméstica e de sociabilidade, como cartas (quando autorizadas) ou diários, que as próprias não acreditavam possuir valor histórico. (Battiblugli *et al*, 2025,p.11)

A citação evidencia como o apagamento histórico das mulheres está diretamente ligado à divisão entre os espaços público e privado, que relegou suas experiências à invisibilidade. Ao destacar que o letramento feminino foi tardio e limitado, Perrot (1995) mostra que, mesmo quando as mulheres produziam registros escritos, como cartas e diários, esses textos eram desvalorizados por elas próprias e pela sociedade, por não se enquadrarem nos padrões tradicionais de produção histórica. Assim, a história oficial silenciou vozes femininas ao desconsiderar saberes e narrativas do cotidiano, reforçando a necessidade de revisitar essas fontes para reconhecer sua relevância histórica, social e cultural.

Agrega-se ao pensamento citado a mulher rural, sem permissão de ter voz e formar sua própria personalidade. Que o único recurso que elas têm à disposição é o próprio corpo, sua voz, muitas vezes substituídas, recortada e desconfigurada. Se olharmos com mais atenção para as oralidades femininas, não será difícil compreender sua colocação, a representação era sempre dada numa visão masculina de redução, fragilidade, sensualidade.

Na narratologia, chamamos de narrador onisciente aquele que sabe o que a personagem pensa e o tempo é considerado psicológico quando isso ocorre. Assim foram, por muito tempo, narradas as vivências de mulheres que se recolheram junto

com a família para áreas menos urbanizadas. Muitos adjetivos, dessa época, foram construídos por homens como o “mocinho da narrativa” encrustando na mulher o poder antagônico, a vilania.

> A maioria das concepções que temos sobre a figura da bruxa foi criada, de acordo com Vieira (2007), no passado e estão carregadas de preconceitos e estereótipos, pois a revela como uma mulher velha, cansada, solitária, de cabelos grisalhos, com verruga no nariz e dona de uma risada espantosa. Além dessas características físicas negativas atribuídas à bruxa, ela também é representada como mentalmente perturbada e louca. (Ramos, Oliveira e Simões, 2022,p.111)

A loucura, como descrito pelas autoras, sempre foi a prerrogativa da mulher que ousava ser alegre, não cumprir com os atos de submissão, ou, até mesmo, que tinha sua liberdade e não aceitava ser antagonista na sua vida. As bruxas sempre foram mulheres que detinham conhecimento e elos com a natureza, a nossa, por exemplo é a Matinta, mas a história de como se tornar uma mãe da floresta é também desvirtuada por narradores masculinos, você não nasce Matinta, você se torna Matinta, pelo sofrimento e pela tentativa de escapar.

Um fato que a pesquisa em Marapanim revelou é que não é tão fácil encontrar narrativas protagonizadas pelas narradoras. Isso ocorre porque a posição de Amélia apaga o próprio entendimento do ser. Há uma contenda do que deve ser dito em voz alta, enquanto as narrativas masculinas são construídas na coragem de se enfrentar o desconhecido a mulher sempre era vítima da histeria e incredulidade. Por isso, o público alvo eram as crianças, geralmente filhos, netos ou vizinhos.

Outra característica “amelisada” são as seletividades de fatos em que os homens, por serem o provedor principal, narram histórias do ambiente de trabalho e voltadas para seres geralmente femininos, Iara, Feiticeira, Matinta, Mulher de Branco, Mulher do táxi.

As mulheres narram dos trabalhos domésticos “estava indo lavar roupa no rio, quando...; “no dia que fui tirar macaxeira...”; “eu estava aqui aprontando a comida...”. Seus antagonistas são em primeiro plano as entidades masculinas e em segundo plano as personagens femininas, boto, mapinguari, curupira, mãe d’água. As narrativas de Amélia são carregadas de medo, ao mesmo tempo que algo pior fica subtendido como na narrativa do Boto.

> As entidades que podem causar mal à mulher nos seus "tempos" são os "bichos" ou "encantados-do-fundo", que habitam ou frequentam o mangal, o porto, os rios e igarapés, locais que por isso devem ser evitados pela mulher naquela situação.
> Entre os chamados "bichos-do-fundo" ou "encantados" estão as iaras e o boto, considerados os mais danosos para a mulher menstruada, sendo que o boto pode prejudicá-la mesmo em qualquer ocasião. Na menstruação, porém, ela atrai (sem saber) esses encantados (Mota-Maués, 1994, p. 116).

Sob a ótica feminina, com base no exposto por Mota-Maués (1984), até o fator biológico da menstruação é uma condição para se esconder e evitar as águas (o boto). Vejamos como essa narrativa foi objetiva, não precisa ser doutor em biologia, para entender o propósito da disseminação de homens comparar a loucura com a descamação uterina e consecutivamente uma gravidez. Na verdade, ao menstruar, acreditava os ribeirinhos, que a mulher ficava fértil na menstruação, ao adentrar a água qualquer toque assimilava uma possível gravidez, o que é transcrito como loucura, é na verdade as tensões hormonais do ciclo feminino e a gravidez, um ato consumado.

Ao retornar para a terra (solo) a descrição da esquizofrenia na verdade mascarava uma depressão pós-parto, até mesmo uma quebra de resguardo, período fundamental para recomposição hormonal pós processo de parir. Todavia, quando as narrativas foram criadas essas enfermidades não tinham esses nomes, então, era mais fácil recorrer aos culposos encantados que administrar uma dura verdade.

Por que o boto não leva homem? Porque o boto só leva as virgens? Porque a criança não nasce meio boto? Se procurarmos nestas águas que os relatos são contados por homens, eles irão dizer que até o boto prefere as puras. Se a pessoa a responder for uma mulher, ela vai dizer que desobedeceu e foi castigada. A lamúria do libidinoso das águas, é comum para qualquer aluno do Fundamental no eixo amazônico, mas muda conforme o narrador.

Do ponto de vista discursivo, as narrativas de “Amélia” têm no gênero do discurso o embasamento de elementos tipológicos, enfatizando a relação entre a contadora e ouvintes (público alvo). É por meio dessa relação que Bakhtin (2010) organiza seus fundamentos tendo o principal argumento o contexto histórico e os grupos sociais como ponto de diferença de um texto ao outro. Pensar nessas características presentes nas mulheres de Marapanim é entender que a narradora depende de seu papel diante da comunidade para passar veracidade.

> Cada esfera da utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas, porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é elaborado um repertório de gêneros que cresce e se diferencia à medida que o próprio campo se desenvolve e se complexifica.” (Bakhtin, 2010, p. 262)

A citação de Bakhtin (2010) corrobora que os gêneros do discurso são construções sociais vinculadas às diferentes esferas da atividade humana, como a educação, a ciência, a vida cotidiana e a cultura. Ao afirmar que cada esfera elabora tipos relativamente estáveis de enunciados, o autor destaca que a linguagem não é neutra nem homogênea, mas moldada pelas práticas sociais e pelos contextos históricos em que é utilizada. Assim, os gêneros do discurso refletem as necessidades comunicativas de cada campo, organizando a forma como os sujeitos produzem e interpretam sentidos.

Além disso, Bakhtin (2010) ressalta o caráter dinâmico e histórico dos gêneros, que se transformam à medida que as práticas sociais se desenvolvem e complexificam-se. Essa compreensão é fundamental para a educação, pois implica reconhecer que ensinar língua não se limita à gramática, mas envolve o trabalho com diferentes gêneros discursivos em situações reais de uso. Dessa forma, o ensino passa a valorizar a interação, o contexto e a intencionalidade comunicativa, promovendo uma aprendizagem mais significativa e socialmente situada.

Podemos relacionar os moldes bakhtinianos às práticas feministas, a concepção de gêneros do discurso evidencia que a linguagem é um espaço de disputa e de construção de sentidos socialmente centrados. Os gêneros discursivos, enquanto formas relativamente estáveis de enunciados, refletem relações de poder e hierarquias históricas que, muitas vezes, silenciaram as vozes das mulheres e de outros grupos subalternizados. As práticas feministas, ao valorizar narrativas pessoais, relatos de experiência e testemunhos, tensionam os gêneros tradicionalmente legitimados e ampliam o reconhecimento de outras formas de produção discursiva como conhecimento válido.

Nesse sentido, ao compreender os gêneros do discurso como dinâmicos e historicamente construídos, as práticas feministas se apropriam da linguagem como instrumento de emancipação e transformação social. O diálogo, a escuta e a circulação de múltiplas narrativas possibilitam a construção coletiva de saberes e a

ressignificação das experiências femininas, rompendo com modelos discursivos hegemônicos. Assim, a teoria de Bakhtin (2010) contribui para uma pedagogia feminista ao fundamentar a importância da pluralidade de vozes, da dialogicidade e da legitimação de discursos antes marginalizados.

Diante de autores que aprofundaram pesquisas na epistemologia desse tema, encontramos algumas situações que transformam a narratividade masculina em feminina, principalmente em comunidades que se distanciam da capital de um estado:

A resistência, quando a mulher cansada de ser “Amélia” foge de uma vida impiedosa e miserável, assumindo assim a posição de chefe, logo, traz para si o compromisso de ser a responsável de dar continuidade as histórias ouvidas, com o tempo ela sai do papel antagonista para assumir o protagonismo;

O distanciamento do trabalho doméstico para o trabalho na lavoura, principalmente para auxiliar no sustento da casa. Nesta mudança, as histórias são amplificadas para elementos da natureza;

A viuvez, diferente da primeira que a mulher tem o desejo de se afastar da união, neste ela aceita a natureza do relacionamento e por meio da morte do cônjuge ela passa a relatar as próprias histórias, pois assumiu o papel de benfeitora mor da família.

Essas situações, não são universais, nem numeradas, elas podem ocorrer de formas diferentes, porém com a mesma função, retirar o antagonismo das mulheres da posição de ouvinte para a posição de personagem.

A partir dessas mudanças as narrativas assumem papeis direcionais e tradicionais na educação. O primeiro papel é de resguardar a segurança feminina, as histórias eram contadas para proteger a comunidade das meninas de ações desconhecidas, antropologicamente, o cuidado era devido as ocorrências de abusos principalmente à beira rio, assim nascia o relato do Boto. Era mais fácil relatar o ocorrido sob a perspectiva observadora do ser a vítima que tem que relatar a violência e ser a mãe de um filho de um abusador.

A partir desse contexto, os “Contos de Amélia” surgem como um símbolo discursivo de ressignificação do papel da mulher como autora efetiva de suas vivências, atravessadas pelo seu conceito de realismo. A “Amélia” é cada mulher que ao contar uma história é apagada na construção da performance da realidade que busca passar. A narradora é sempre lembrada no início da história, mas pouco contada na sua própria realidade.

Como parte do discurso da Amélia, cada causo obedece a característica das pequenas coletividades. Se o coletivo é pescador, a pescaria é o ambiente de ocorrência e o discurso é moldado por vocabulários usados por pescadores, em contrapartida, se a coletividade é lavradora, o roçado é o ambiente de ocorrência e a linguagem sofre alterações.

Notamos que quando os causos ocorrem com as mulheres, elas são referenciadas como esposa de alguém ou filha de alguém “Amélia não tinha nenhuma vaidade”, esse verso revela como a metáfora, por nós construída, embasa o quanto as narradoras eram antagonizadas nos seus discursos. Na contribuição de Battibugli *et.al* (2025):

> [...]a fim de valorizar a presença das mulheres no cotidiano, promovendo noção de sujeito histórico e buscando reparar as experiências de avós, mães, filhas, irmãs, professoras e figuras femininas da comunidade, assim como mulheres reconhecidas em âmbito regional e nacional. (Battibugli et.al, 2025,p.26)

Com base nos aclaramentos dos autores, inferimos que as principais “Amélias”, são as nossas avós, uma teoria observada para este fator está no contexto tradicional de demonizar o ato de divorciar-se como “desgraça feminina”. As mulheres são a parte da parentalidade que cuida da educação dos filhos, elas não recebem este título de educadora por uma divisão familiar e sim por uma imposição política e machista. Enquanto o homem sai para trabalhar a mulher fica para cuidar, estamos falando aqui de imposição e não de escolha.

Outra construção de Amélia, são as mães, as mulheres que contam histórias de outras mulheres e até mesmo de homens corajosos que enfrentaram as mazelas do encantado. Por meio de sua narrativa o seu povo encontra cuidados e compreendem o respeito à natureza e passam a compreender sua identidade pessoal.

Faz-se necessário a compreensão, em sua totalidade, que os “Contos de Amélia” se caracterizam na centralização da figura feminina como antagonista da sua história, ao mesmo tempo que relata fatos de aprisionamento social, servindo um complexo paradoxo entre ser narradora e ser personagem secundário, pois tais oralidades têm no incomum o protagonismo do relato. O discurso é um veículo moldado do início ao fim nas comunidades étnicas e de desigualdade social.

Abrimos um espaço para apresentar o momento em que esta pesquisa se fez luz:

> Minha avó Amélia contava uma história toda vez que a luza faltava, o que naquela época era quase toda noite e sempre que chovia, a Celpa demorava a consertar o transformador sempre queimado. Recordo o cenário, na rua os vagalumes que vinham da mata na sala da casa 10 um lampião que minha avó fizera. Ela gritava “meninos, venham cá” sentávamos ao seu redor e ela começava a falar. Uma vez seu avô vinha da pescaria e encostou na mercearia para dar uns tragos. Lá em Viseu, tinha uma igreja, ele veio pelo caminho da igreja e encontrou uma criança, perguntou para a criança de onde ela vinha, mas o menino só chorava. Ele pegou a criança no braço e veio, no caminho, ele começou a senti o braço pesar e não ligava, chegou perto de casa quase na tapera, o braço dele pesou tanto que ele olhou para a criança no braço e era um maita de bode preto.Com o susto, ele largou o bicho no chão e correu. Chegou em casa quase sem respirar, quando eu vi um maita de um bode preto de olho vermelho falou bem assim “hoje, tu escaspaste!” (Relato da Autora, 2025)

Não é hiperbólico dizer que ouvi esta história centenas de vezes durante a infância. Foi essa história que em atividade da disciplina de Arte Educação no IFPA eu contei e foi nesta história que percebi como as narrativas orais de minha avó traçou um caminho desafiador, o de manter sua presença enquanto personagem e de manter sua língua. Seria eu a única a recordar tais oralidades? Quando questionei meus primos que faziam parte do público naquelas noites, diziam não recordar, apenas minha irmã disse que lembrava vagamente de como a história era. Trouxemos aqui essa narrativa como conclusão desta subseção e como um tributo a essa narradora nata.

A partir dos autores que aqui fizeram parte, organizamos como iríamos proceder para coletar as histórias dessa centenária litorânea, nossos passos metodológicos foram descritos a seguir.

5 “AMELISANDO I”: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E NARRATIVAS MARAPANIENESE.

Para alcançar os objetivos da pesquisa que consistem em: refletir sobre apagamentos de narrativas amazônica marapaniense no século XXI, utilizamos definições metodológicas de Minayo et.al (2002), Richardson (2012), Bakhtin (2010); Orlandi (2020) e Brandão (2012), prioritariamente. Entendemos que este trabalho devia trilhar caminhos metodológicos que partilhassem do conhecimento do outro de forma significativa e levassem em consideração a funcionalidade da proposta, isto é, que os participantes possam se reconhecer enquanto sujeitos culturais, de saberes e autoria.

Definimos a pesquisa como sendo de campo com base no exposto:

> Concebemos campo de pesquisa como um recorte que o pesquisador faz em termos espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação. (Minayo et.al, 2002, p. 53).

O campo de uma pesquisa divide partes que devem ser reunidas pouco a pouco, cuidadosamente, mantendo a identidade do espaço sociocultural sem muita interferência. Nas comunidades visitadas, a realidade mudava conforme o falante, por isso, a teoria descrita por Minayo et.al (2002), revela que o campo depende das internalizações do grupo, informação necessária para que qualquer pesquisa alcance seu objetivo.

Continuamente, para esta dissertação, definimos que a metodologia possui características que fazem parte da tipologia explicativa, tendo como método o estudo de caso, utilizando técnicas de coletas conforme a pesquisa de campo propõe como: observação, entrevistas e questionários, além de usar a técnica da análise qualitativa.

Ademais, atrelar a tipologia explicativa às características da pesquisa, dá-se, devido as considerações do autor Gil (2002):

> Essa pesquisa tem como preocupação central, identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso, mesmo, é o tipo mais complexo e delicado já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente. (Gil, 2002, p.41)

A descrição da tipologia explicativa é a que melhor define os caminhos adotados nesta pesquisa, uma vez que se procurou identificar quais fatores determinam o apagamento de narrativas em Marapanim. Ademais, para Minayo et.al (2002), a tipologia trata exatamente de analisar e estudar um fenômeno para entender as causas.

O método foi definido como estudo de caso, segundo Minayo (2002), é uma forma de compreender como cada situação é construída na perspectiva dos pesquisados e do pesquisador e vale ressaltarmos que um sinônimo para narrativa oral é causo. Esse método prescreve que a ação do pesquisador deva estar no contexto socioespacial e cultural do pesquisado. Esse método tem por objetivo responder à pergunta que reverbera a ação do fenômeno na construção de identidade de uma comunidade a partir da visão da língua como cultura.

A coleta dos dados de campo, deu-se por meio de entrevistas, questionários e transcrições em diários de bordos. Definiu-se, assim, porque os sujeitos deverão permanecer em seu lugar de origem (Marapanim). Além disso, as narrativas serão coletadas por meio de gravação e serão transcritas para este texto ao fim de realizar as análises.

> A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa neutra, uma vez que se insere como meio de coleta de fatos relatados, pelos atores, enquanto sujeitos-objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. (Minayo *et.al*,2015,p).

Para seriedade do trabalho, as participantes passaram pelo processo de entrevistas para que o objetivo seja alcançado, pois não há como adentrar um espaço sem conhecer a pessoa que será seu contribuinte. Escolheu-se duas pessoas para serem sujeitos-participantes da pesquisa. A caracterização desses sujeitos estará na próxima seção.

Para análise dos dados, a pesquisa se embasará nos critérios de Richardson (2012). A pesquisa qualitativa é o processo de examinar o papel da narrativa e o espaço que o sujeito tem. Para esta etapa, ainda não há a preocupação em quantificar o que cada falante diz e, sim, compreender como essa relação ocorre entre um e outro.

> A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada corno a tentativa de urna compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos. (Richardson, 2012, p. 91)

Para uma construção metodológica mais organizacional esta dissertação se apoiou na construção de uma abordagem que reunisse todo o contexto metodológico de forma única. As conclusões nos levaram a abordagem etnográfica, ou seja, construir uma pesquisa de campo no qual os autores não fossem apenas doadores de memórias, mas que houvesse uma participação ativa na pesquisa. Assim como descreve Laplantine (2003),

> A pesquisa etnográfica cujo objeto pertence `a mesma sociedade que i) observador foi, de início, qualificada pelo nome de folklore. Foi Van ¨uenncp que elaborou os métodos próprios desse campo de estudo, empenhando-se em explorar exclusivamente (mas de uma forma magistral) as tradições populares camponesas, a distância social e cultural que separa o objeto do sujeito, substituindo nesse caso a distância geográfica da antropologia "exótica". (Laplantine, 2003,p.16)

Como Laplantine (2003) deixa claro, a etnografia é uma ferramenta antropológica no qual o homem é o objeto da pesquisa, assim como, suas produções, as quais neste caso, são as histórias oralizadas por comunidades interioranas e ribeirinhas. Na proporção de se viver a cultura e os costumes do lugar pesquisado mantivemos viagens de curta duração a Princesa do Salgado, nesta cidade fomos ganhando a confiança e o interesse dos narradores.

Por fim, um passo metodológico essencial durante a pesquisa foi a Análise do Discurso, um procedimento necessário para analisar as narrativas em um contexto identitário linguístico. Como metodólogo, apoiamos esse procedimento de análise em Bakhtin (2010) e Orlandi (2022).

Para o filosofo da linguagem Bakhtin (2010) as formas sintáticas são as que mais se aproximam das formas concretas da enunciação, além de estarem ligadas às condições reais da fala (Bakhtin, 2010, p. 139). O autor se refere as comunidades de fala que são organizadas a partir das relações subjetivas. No mesmo contexto, discurso não é um fenômeno pautado em regras gramaticais, ele depende do saber internalizado do discursante, de suas experiências e sua relação com suas raízes. Ainda:

> a palavra penetra literalmente em todas relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios (Bakhtin, 2010, p. 41).

Por meio da palavra a comunidade de Marapanim expressou sua vivência e sua realidade de acordo com suas memórias. Bakhtin (2010) expressa tal fenômeno quando relata que a palavra penetra em todas as relações entre indivíduos. Em outra completude, Orlandi (2020) diz que a análise do discurso não procura dizer se algo é ou não verdadeiro e depende das interpretações e do contexto social.

Na construção metodológica da pesquisa, levamos em conta o como os narradores gostariam de se ver ou de se escutar dentro de espaços que já eram deles. A escolha etnográfica é particularmente um método que permite que tanto o objeto de pesquisa quanto seu interlocutor dispersam, por meio do seu discurso, os preconceitos de seus saberes e narrativas.

Tais escolhas metodológicas foram mais que elegidas, elas foram gestadas para que tanto a Análise do Discurso quanto a quanto a Pesquisa Etnográfica não trouxessem apenas o sentimento de dever cumprido e sim uma possibilidade de retornar à cidade de Marapanim com o projeto de reconhecimento para quem de fato é autor nesse texto. Metodologicamente, as narrativas não são construídas, são apenas retiradas da vida memorativa dos narradores para tomarem espaços maiores, porque já não podem ser histórias noturnas familiares.

Vale abrir um parêntese para descrever o processo de autorização da pesquisa. Antes de irmos ao campo, foi de extrema necessidade que o Comitê de Ética autorizasse. O processo demorou quatro meses entre reformulações e correções, confessamos que a desistência foi pensada, mas na época, minha orientadora Socorro Cardoso, deu o suporte e o incentivo necessário para insistir até a resposta positiva.

A partir do que foi visto na visita inicial e conforme os passos iam ficando burocráticos, foi necessário reconduzir os procedimentos metodológicos com calma, mantendo a identidade daqueles que aceitaram contribuir nessa jornada. Os procedimentos foram pensados para que cada narradora fosse ouvida com

naturalidade. A entrevista, era, na verdade. uma escuta atenciosa, justamente como planejado para tal etapa.

Após a resposta do Comitê de Ética, iniciamos a etapa de observação, em março de 2025, etapa descrita a seguir.

5.1 A chegada-procedimento de conhecimento do campo e autores

O procedimento inicial precisava ser de interação com o campo, sendo uma etapa crucial para que a pesquisa alcance estabilidade e naturalidade para existir. Nosso primeiro passo foi o que definiu como os objetivos seriam alcançados e não só pela finalidade do pesquisador, pois devemos deixar o campo de pesquisa satisfatório para aqueles que irão se expor e dedicar uma pouco de suas vivências.

Como já foi dito, o processo de reconhecimento do campo foi por meio de amizades duradouras. O contato com o campo foi inicialmente íntimo, pois perpassa por relações pessoais que construí ao longo da adolescência, Marapanim era minha cidade de refúgio, ou seja, não era um lugar desconhecido antes da pesquisa, pelo contrário, tive um contato aconchegante com a cidade no início dos anos 2000, logo após o falecimento de minha avó.

Para esclarecimentos, essa etapa será descrita em primeira pessoa do singular, por apresentar uma visão unilateral anterior ao início da pesquisa.

Conheci, em um tempo religioso da minha vida, Izabela Bentes Monteiro, no início do Ensino Médio.Com o tempo, fui apresentada a sua avó materna, Nazaré Bentes (foto 12). No início, escutava muitas histórias da cidade e, ali, recordei-me a minha própria infância. Foi por meio de Dona Nazaré, que iniciei minha pesquisa. Sua família permitiu que em todas as visitas que fazíamos a Marapanim, nós nos hospedássemos lá e com essa relação iniciei a imersão na pesquisa.

Foto 12- Narradora Nazaré Bentes



Fonte: Azevedo Conceição-Acervo pessoal

Durante as refeições, Dona Nazaré alcançava suas memórias sempre olhando para algo longínquo, com suas expressões, ensinou caminhos e formas de colher, com uma facilidade de quem tem na terna idade o conhecimento do passado. Com a atenção dada s suas falas, fui anotando os locais que ela citava com intuito de conhecê-los e por meio de sua neta Ivaneide Bentes, cheguei ao povoado Abacate, na lateral direita da PA-318. Do outro lado da PA encontramos a comunidade de Surubiju com um pouco mais de 70 casas na região fluvial de Novo Camará.

Enquanto a comunidade do Abacate era bem desenvolvida com uma organização territorial, escola (imagem 18), feira e igrejas. Os caminhos em Surubiju

relembravam os lugares bem antigos e remotos. Lembravam os entrecortados de rios e seus braços, próprio de um início de ocupação.

Imagem- 16 Escola na comunidade Abacate



Fonte: Google Maps.

Esses primeiros contatos ocorreram no mês de março de 2025. Utilizamos o tempo para entender as duas comunidades que centralizam o bairro do município; vivenciar o cotidiano dos moradores; entender sua relação com as narrativas e a construção de sua própria história. Com isso, identificamos as características do município na observação, método inicial para visualizar o município. a observação:

Lócus: Cidade de Marapanim (foto 13), localidade central. A escolha pela cidade de Marapanim se deu por ser uma cidade relativamente próximo a zona metropolitana que ainda preserva sua campestricidade, isto é, mantém as tradições do campo com uma cultura preservada no trabalho do campo, como roçado, pesca, catação de caranguejo, ao mesmo tempo que é atravessada pela modernidade, mantendo suas coletividades. Contudo, como toda cidade que o “progresso" toca, muda também os costumes do local.

Foto 13- Entrada com letreiro de Marapanim



Fonte: Santos 2023

Marapanim, nesta pesquisa, foi decomposta em três espaços observados que construíram na velha cidade uma novidade. A primeira parte, a região central, não apresenta mais o fulgor do passado, assim como há o retorno para lá, há também um esvaziamento da cidade. Sedes e casa abandonadas formam a arquitetura. Alguns hábitos, porém, permaneciam igual, como se sentar à frente da casa na noite quente para se refrescar.

O segundo local que visitamos foi o povoado do Abacate (imagem 19) em julho de 2025. Conforme a pequena equipe que montei chegava as pequenas vilas, que se concentravam na entrada da cidade éramos recebidos como um parente distante que chegava para uma visita. Ofereciam uma cadeira e um café e histórias de vida com memórias que não cabia duvidar.

A confiança e a desconfiança estavam na mesma proporção, alguns relataram terem sido enganados por outras pessoas, outros traziam documentos para que lêssemos e déssemos nossa opinião. Nossa presença não foi uma via única, o objetivo ali, de início era apenas observar, mas quis a vida que nós coletássemos saberes e vivências.

Imagem- 17 Comunidade Abacate



Fonte: Google Maps

O último lugar que estivemos foi o Surubiju (imagem 20) em agosto de 2025, nesta comunidade é como se os moradores tivessem parados no tempo com um toque de modernidade. Era uma comunidade pequena, na parte circular estavam uma quantidade de trinta casas, bem distantes uma das outras. Algumas já estavam estruturadas em alvenaria. Chegamos num momento que estavam demolindo uma construção em madeira, todo nosso registro do Surubiju se corrompeu após a tentativa de salvá-lo no drive.

Imagem- 18 Comunidade Surubiju



Fonte: Google Maps

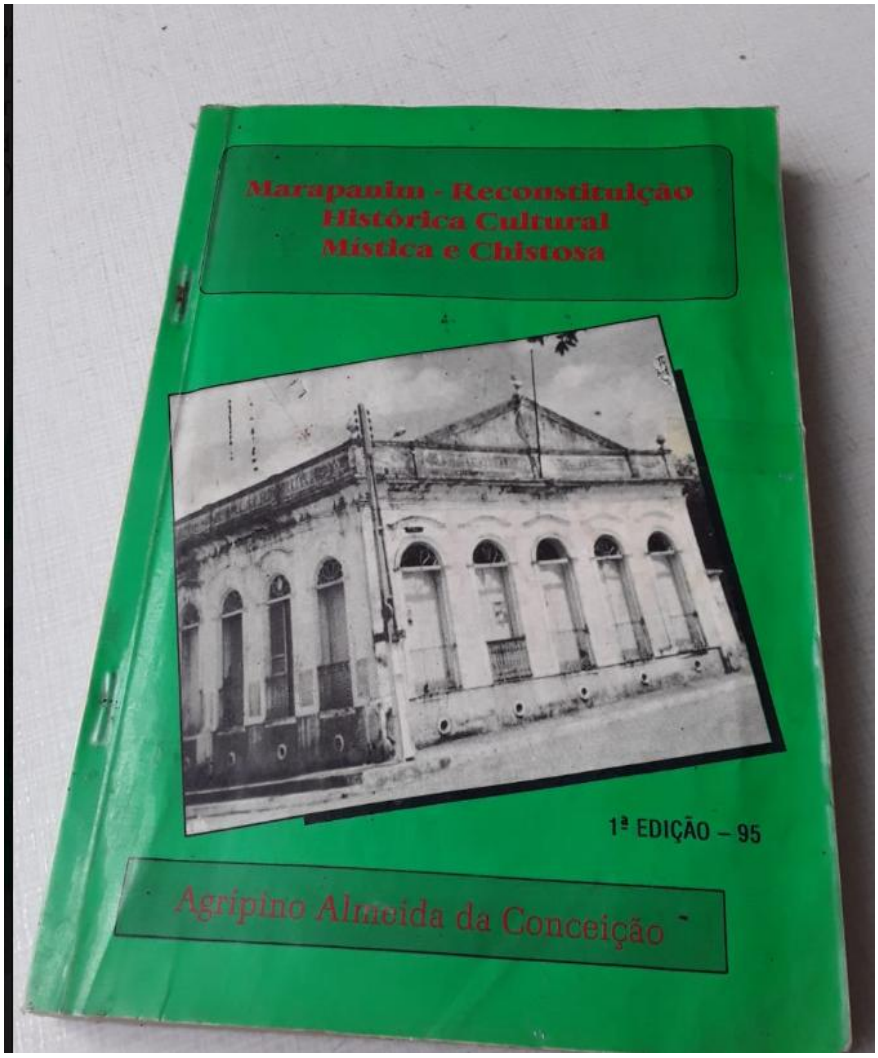
Denominamos este percurso de triangular marapaniense. Esses espaços têm oposições visíveis. A estrada asfaltada de Surubiju que dá acesso ao povoado é a única com essa estrutura. As vias nas microcomunidades são aberturas feitas com maquinário, como os moradores nos relataram. A manutenção de roçado é feita pela comunidade.

O conhecimento dos locais foi tão importante para pesquisa que nos permitiu ficar atentos atentas às vivências naturais e cotidianas. Passamos três dias nos vilarejos na primeira visita. Retornamos em mais duas visitas. Na segunda, ficamos quinze dias e na terceira uma semana. Durante os seis meses de viagens, dividimos a pesquisa para o presencial e sempre que possível on-line.

A parte on-line eram conversas que tínhamos com as netas de dona Nazaré, que sempre traziam informações de possíveis nomes para visitarmos. Em uma dessas informações, surgiu o nome do senhor Agripino da Conceição e sua obra, um historiador antigo já falecido que descreveu Marapanim em um grande livro histórico. A partir dessa informação, a pesquisa parecia ter tomado outro objetivo, encontrar a obra desse historiador, uma vez que as informações sobre a cidade eram escassas. Então, na nossa última viagem, dona Miraci, uma de nossas narradoras, contou-nos que havia um exemplar da obra, no entanto, foram necessárias muitas narrativas para convencê-la a emprestar.

A obra *Marapanim, Reconstituição Histórica, Cultural, Mística e Chistosa* (imagem 21), desdobra de forma resumida o histórico, nosso interesse nela, era que nela continha algumas narrativas famosas do lugar. Seria um achado para nossa temática e um comparativo significante.

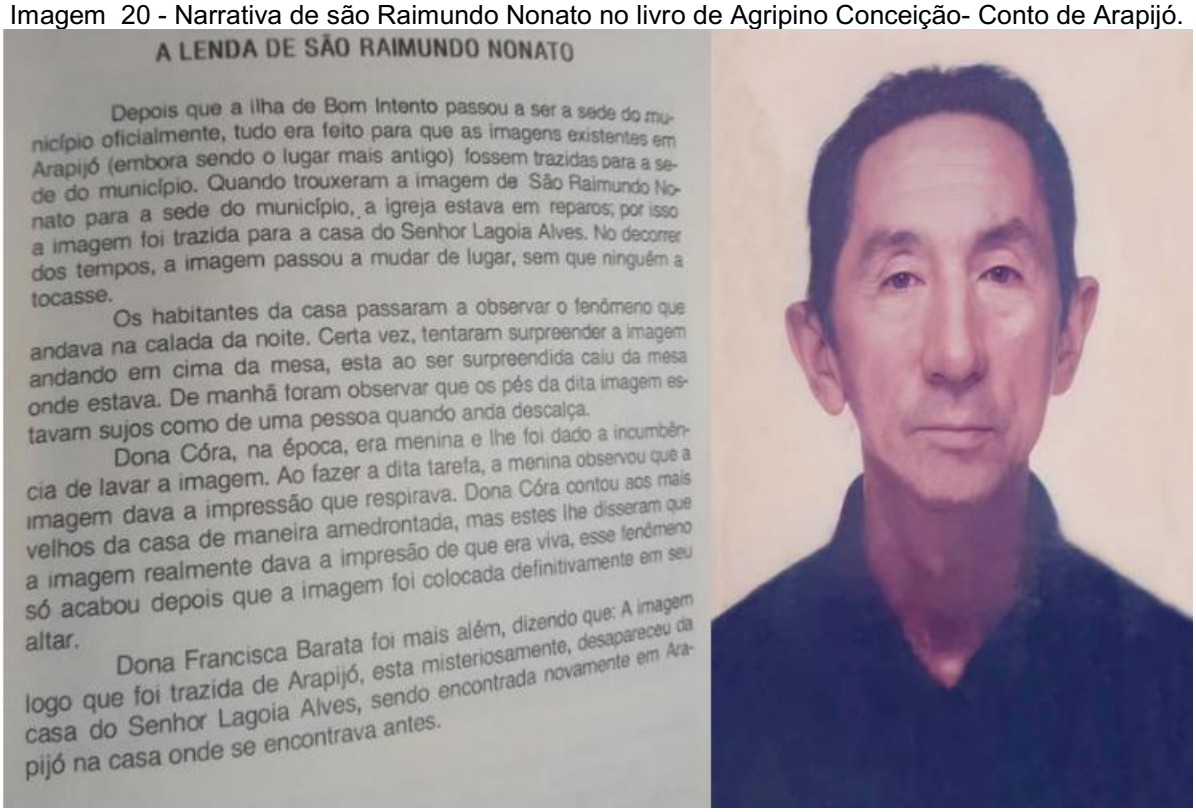
Imagem- 19 Obra de Agripino Almeida da Conceição- Marapanim, Reconstituição Histórica, Cultural, Mística e Chistosa



Fonte: Paulo Vasconcelos

O livro, de fato é um belíssimo exempla da valorização de uma cultura à beira-mar. Nesta obra, Agripino Conceição relata do início até a urbanização da cidade, detalhadamente. Inclusive o primeiro carro a circular, a primeira agência de telefone o Cabano que sobreviveu e ali viveu e foi enterrado. A única narrativa que encontramos foi a Lenda de São Raimundo Nonato.

Imagem 20 - Narrativa de são Raimundo Nonato no livro de Agripino Conceição- Conto de Arapijó.



A LENDA DE SÃO RAIMUNDO NONATO

Depois que a Ilha de Bom Intento passou a ser a sede do município oficialmente, tudo era feito para que as imagens existentes em Arapijó (embora sendo o lugar mais antigo) fossem trazidas para a sede do município. Quando trouxeram a imagem de São Raimundo Nonato para a sede do município, a igreja estava em reparos; por isso a imagem foi trazida para a casa do Senhor Lagoia Alves. No decorrer dos tempos, a imagem passou a mudar de lugar, sem que ninguém a tocasse.

Os habitantes da casa passaram a observar o fenômeno que andava na calada da noite. Certa vez, tentaram surpreender a imagem andando em cima da mesa, esta ao ser surpreendida caiu da mesa onde estava. De manhã foram observar que os pés da dita imagem estavam sujos como de uma pessoa quando anda descalça.

Dona Córa, na época, era menina e lhe foi dado a incumbência de lavar a imagem. Ao fazer a dita tarefa, a menina observou que a imagem dava a impressão que respirava. Dona Córa contou aos mais velhos da casa de maneira amedrontada, mas estes lhe disseram que a imagem realmente dava a impresão de que era viva, esse fenômeno só acabou depois que a imagem foi colocada definitivamente em seu altar.

Dona Francisca Barata foi mais além, dizendo que: A imagem logo que foi trazida de Arapijó, esta misteriosamente, desapareceu da casa do Senhor Lagoia Alves, sendo encontrada novamente em Arapijó na casa onde se encontrava antes.

Fonte: Azevedo Conceição Acervo Pessoal

O livro trouxe uma compreensão sobre o trajeto e as lutas dos coletivos de Marapanim, inclusive, traz essa terminologia em seu texto. Agripino faleceu em 2002, mas deixou na obra sua essência de quem viveu e ajudou a construir a cidade.

Após termos encontrado o livro, era hora de retomar os passos da pesquisa. Foi necessário fazer alguns “combinados” para que as pessoas pudessem contribuir espontaneamente.

Como aquela velha brincadeira de infância “telefone sem fio” nossa presença foi sendo divulgada nas comunidades e a guia Ivaneide nos levava porta a porta e os moradores se mostravam mais abertos a participarem, mas envergonhados em vivenciaram, falavam, mas não permitiam registro.

A pesquisa contou com relatos de 4 mulheres de 40 até 96 anos. A vergonha e o medo dos moradores não permitiram a filmagem e o uso de todos os áudios, por isso, tive que usar o diário de bordo, um recurso que foi improvisado, as transcrições foram permitidas por todos os participantes. Contudo, usamos apenas as narravidas femininas.

A seguir, encontram-se os procedimentos de forma mais detalhada.

5.2 Os passos e os caminhos-detalhamento dos procedimentos

Esta seção tem por finalidade descrever os procedimentos seguidos para coletar as narrativas.

Escolher como e quais pessoas iriam fazer parte dessa pesquisa não foi um procedimento fácil, entre objetivos e o que de fato encontraríamos era um abismo profundo de possibilidades. Cenários foram se delimitando na estrutura deste procedimento, precisava, então, definir quem seriam minhas Amélias e o porquê seriam, por isso, definir os critérios abaixo.

5.2.1 SUBJETIVIDADES- CRITÉRIO DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Durante a etapa bibliográfica, vimos que o principal critério a ser adotado era o da idade. Como Marapanim tem uma formação de colonização portuguesa, e pouco de sua história originária não tem documentação, estipulamos que o critério devia ser a idade, assim conseguiríamos compreender melhor a funcionalidade das narrativas no século XX.

O segundo critério, foi de moradia, os participantes deveriam ser moradores da cidade a pelo menos 40 anos, isso se deve ao processo urbano que a cidade passou na década de 80 e início dos anos 2000, quando se tornou percurso turístico ativo.

Apesar de não ter sido o critério inicial, as mulheres se tornaram o foco principal da pesquisa.

Para os critérios de exclusão, mantivemos todos que não estavam enquadrados no perfil definidos pela pesquisa.

Seguimos os procedimentos para efetivações da prática do trabalho de pesquisa. Por meio deles, que cada objetivo foi alcançado e a execução foi primordial para que houvesse o mínimo de falhas na análise e, assim, garantir resultados esclarecedores.

Os procedimentos foram objetivados e organizados nas etapas construtivas, isto é, no início que esta pesquisa foi pensada e aperfeiçoada durante a etapa bibliográfica e avaliação pelo comitê de ética.

Procedimento 1- Observação-teve o objetivo de identificar as formas de interação que poderíamos usar durante a execução dos outros procedimentos. Na

etapa da observação foi realizada uma viagem até o município de Marapanim no dia 20 de janeiro de 2025, nesse primeiro acesso pudemos traçar qual o melhor método de aproximação. Ficou claro que a aproximação direta não era uma opção. Etnograficamente, participar de algumas atividades do município, como as caminhadas até a igreja pela rua mais subestimada, a do cemitério, foi essencial para gerar a ambientalização local.

A observação durou 3 dias, nesses dias exploramos o espaço, a orla que havia sido reformada, visitamos a região do mangue e praieira, fomos acolhidos pela família Bentes, uma das mais antigas da região. A etapa de observação também foi a coleta da amostra inicial.

Procedimento 2- Entrevistas- teve o objetivo de construir um trajeto de memória sobre a cidade, o participante e a própria história contada. As entrevistas contaram com perguntas pouco invasivas (anexo), pois o objetivo era instigar a memória e não a conduzir. As perguntas, inicialmente, eram padronizadas, porém se tornaram livres de acordo com cada narradora. Algumas eram mais detalhistas e outros eram mais reservados. Esta etapa objetivou, também, responder à questão: Quais as relações das narrativas populares femininas marapaniense no contexto educacional ancestral?

Assim como a primeira, esta etapa necessitou da autorização dos participantes para a gravação transcrição e análise. As autorizações foram orais e audiovisuais, o TCLE eram lidos por alguns e autorizados audiovisualmente e aqueles que não sabiam ler, liámos e explicávamos o termo, a partir das autorizações, assinalavam o documento, após os relatos os narradores assinavam o diário de bordo, preferimos fazer dessa forma, pois a apresentação do documento estava gerando vergonha, por não entenderem de fato a formalidade. Na forma oral, o TCLE foi mais aceito.

Procedimento 3- Análise qualitativa, teve por objetivo apontar dentro dos relatos os saberes educacionais nas narrativas amazônicas. O *corpus* da pesquisa foi selecionado de acordo com os critérios de inclusão e as características orais apresentadas.

A análise embasou-se nos relatos das cinco narradoras, o intuito foi encontrar elementos pertinentes às características das narrativas populares e refletir como essas narrativas estão contextualizadas no conceito metafórico “Contos de Amélia” Após, analisamos as entrevistas para comparar o contexto socioespacial de cada sujeito.

Esta análise se estabeleceu por ser um fator construcionista dos narradores. O meio social não pode ser contado como um simples número na vida de populações como as de Marapanim, porque são populações iguais a essas que mudam diretamente o espaço e a história e consequentemente a educação, o saber e suas narrativas.

5.3 As sujeitas que narram: quem são essas Amélias?

As participantes são pessoas humildes das comunidades centrais de Marapanim, chamadas de narradoras para as narrativas amazônicas, falantes para a linguística, guardiãs pelos encantados e ancestrais pelos familiares. As profissões eram diretamente relacionadas à terra como roceiras, pescadoras, secretária do lar, professora e dona de casa.

As histórias foram “amelisadas” separadamente e ao final da análise descrevemos as características e os impactos na educação popular que essas histórias criaram no município. Selecionamos uma história de cada entrevistado ao todo foram 15 narrativas femininas.

Para essa escolha, eu fui levada pelas circunstâncias desdobradas do trabalho inicial. A escolha por apresentar as mulheres como parte processual da pesquisa é intimamente interessante para que haja a coerência entre os procedimentos de exclusão e inclusão. Além disso, foi a própria pesquisa que elencou suas participantes, não houve interferência delimitando quais personagens socias eram “apropriados”, caso a pessoa aceitasse participar nós a escutávamos e depois analisávamos sua história. No final, retornávamos ao processo do discriminante por coerência aos objetivos.

A seguir, apresentamos as narradoras.

5.3.1 QUANDO EU ERA... - NARRADORAS POPULARES DE MARAPANIM

A nossa primeira narradora é também a mais velha, a senhora Nazaré Bentes (foto 14) é uma mulher de etnia parda, 94 anos, residente no município de Marapanim desde de sua nascença. A falante não é letrada e, por isso, as autorizações do Termo Consubstanciado de Livre Esclarecido (TCLE) de uso de áudio e imagem foram gravadas e não assinadas. Demos ênfase na apresentação e no propósito de minha

visita, prevalecendo a ética pré-estabelecida, por isso a autorização foi feita de acordo com a exposição oral da falante.

Narradora 1

Dona Nazaré, como é conhecida na região central de Marapanim, nasceu no ano de 1930, no mês de dezembro, um dos meses mais chuvosos no Pará. Segundo a família, a memória da falante está “falhando”, devido à idade, mas as memórias antigas permanecem vivas. O local de nascimento é um lugar chamado Camicipio, dona Nazaré é dona, juntamente com seus familiares, de um espaço marisqueiro que foi evadido durante a transição da beira-mar para centralização. Ela relata que nunca mais voltou ao Paraíso e que não há mais nada lá, sua fala é a respeito de sua moradia no local. Em conjunto com seus irmãos, recebeu de herança um sítio no povoado de Juçateua (imagem 23), terra da juçara, o açaí. Sua profissão foi, até os 90, anos de roceira, a profissão na qual se aposentou.

Foto 14- Dona Nazaré Bentes em entrevista em Marapanim no dia 22 de março de 2025



Fonte: Azevedo Conceição (Acervo pessoal)

Imagem- 21 Sítio Juçateua cenário da narrativa 4



Fonte: Izabela Bentes

Iniciou o trabalho aos oito anos, na plantação de mandioca, nunca frequentou a escola, sabe escrever seu nome e ler em soletração, aprendeu com a neta Izabela, mas preferiu não assinar o termo, pois não se sente segura e ainda confunde as letras. Foi casada e hoje é viúva. Teve cinco filhos, sendo duas mulheres, três homens, dos quais permanecem vivos três filhos. A falante teve 13 netos, apenas das filhas, porém perde as contas dos bisnetos e trinetos.

A escolha por dona Nazaré se deu por motivos antropológicos, devido uma pesquisa inicial na prefeitura de Marapanim e no Censo Nacional, pois fazia parte do critério de inclusão do participante o rastreio por residentes mais velhos de 60 anos e com uma memória vívida, não encontramos censos da cidade e pessoa mais idosa.

Durante essa iniciativa, percebemos que dona Nazaré era a pessoa mais velha da cidade com fluidez memorativa. Como esta pesquisa tem como foco principal as narrativas femininas, então Dona Nazaré é a memória viva feminina de Marapanim.

Em continuação, Nazaré se mudou temporariamente para Ananindeua há mais de 40 anos, lá passou metade de sua vida, retornando a Marapanim onde vive até hoje, a aproximadamente sete anos. Sua infância foi sob a guarda de seus padrinhos, no caso, a madrinha a qual tratava como mãe e por quem sempre foi auxiliada. Lembra com exatidão as datas de falecimento de seus padrinhos, o senhor faleceu em 1945 e a senhora em 1957. Dona Nazaré não comentou sobre seus pais, como nosso propósito era a mínima interferência em suas memórias e relatos, não nos preocupamos com essa informação. Há uma segurança ao narrar suas experiências. Essa conversa demorou três dias, durante as refeições ela contava mais memórias e sempre que estava iniciando a noite, ela contava mais de sua vida, gravamos duas horas entre narrativa de suas vivências e narrativas de suas experiências.

Narradora 2

A segunda narradora, dona Miraci Bentes Monteiro, tem 77 anos, nascida em Marapanim em 1948 no dia 2 de janeiro. Sua profissão atual é do lar, mas já trabalhou como secretária do lar. É alfabetizada e estudou até a 5ª série, atual sexto ano. Mudou-se de um sítio chamado Paraíso, que pertence à família porque lá não havia escolas e veio para área central de Marapanim. Assim como dona Nazaré, mudou-se para Belém, viveu 14 anos trabalhando em casa de família. Retornou a Marapanim onde dedicou-se aos seus filhos e a vida interiorana; teve 11 filhos dos quais 8 são mulheres, porém uma de suas filhas faleceu há mais de 25 anos.

Diferente da narradora 1, a narradora 2 preferiu não contar sua vida em nenhum dos dois lugares, a não ser o que já foi dito, as constatações sobre a descrição de sua vida foi a partir de suas filhas que contribuíam no momento da entrevista. Dona Miraci é a filha mais velha de D. Nazaré. No entanto, preferiu contar mais detalhadamente sua história oral a sua vida. A segunda narradora também não autorizou gravações e fotos apenas apontamentos escritos de suas histórias.

Narradora 3

A terceira narradora é Raimunda Freire Moreira, nascida em 19 e novembro de 1967, em um pequeno interior na divisa de Marapanim e Curuçá (outro município paraense). Sua profissão é Orientadora de Merenda, conseguiu cursar o Ensino Médio

“com muito custo”, não informou os motivos de mudar para Marapanim, para o Surubiju. Chega à parte central da cidade em 15 de novembro de 2000, há vinte e seis anos.

Dona Raimunda foi muito gentil e sorridente, foi difícil convencê-la a ser uma das contribuintes, com uma conversa do porquê estávamos ali, ela se interessou e ao final aceitou a nos contar uma de suas narrativas mais marcantes. A senhora Raimunda nos foi apresentada pela quarta narradora que também foi nossa guia. A vila na qual dona Raimunda reside é a comunidade Novo Camará em Surubiju.

Infelizmente durante as buscas por contribuintes, os dois materiais de áudio e vídeos danificaram e não conseguimos registrar as fotos, vídeos e áudios. Dona Raimunda foi uma das pessoas que achou o trabalho de pesquisa lindo, uma pessoa muito alegre diante de um cenário remoto, recebemos um abraço e um largo sorriso e convites para retornarmos, para “merendar” quando voltarmos à Marapanim.

Narradora 4

A quarta narradora, como dito, era nossa guia e durante as caminhadas pelas vielas abertas para dar acesso às casas, ela comentava sobre as pessoas e as histórias que escutava é filha da narradora Miraci e neta da Narradora Nazaré. Ivaneide Bentes Monteiro (foto 15), nasceu em Marapanim no dia 20 de fevereiro 1976, tem 49 anos, não concluiu o Ensino Médio, sua profissão depende muito, geralmente trabalha como diarista para os mais idosos.

Foto 15- Narradora Ivaneide Bentes Monteiro- Comunidade Abacate



Fonte: Azevedo Conceição (Acervo Pessoal)

Ivaneide narra a história de quando chegou à comunidade Abacate, indica que o local era tomado pelo mato e que a primeira construção foi uma residência do tio de seu ex-marido. Ali, no povoado, não tinha acesso à água, energia e às ruas, após um tempo a população começou a se alojar ali “aí vieram as máquinas e abriram as ruas, logo após veio a iluminação pública”. Depois de muito tempo, segundo o seu relato, conseguiram a “sua água”.

Ivaneide está no seu segundo relacionamento, já é avó, tem filhos e filhas, a quantidade não nos contou. Sua profissão é diarista, principalmente dos idosos, trafega pelas comunidades do Abacate, Surubiju e Marapanim, isso nos auxiliou para “quebrar o gelo” com as pessoas. De excelente relação com os assentados, Ivaneide

se propôs a caminhar conosco de lado a lado. Uma experiência que nos levou a outros narradores.

Na próxima subseção, apresentamos a narrativas.

5. 4 E~~ra uma vez...~~ “Era verdade...” Narravidas do cotidiano no passado de marapanim

Esta seção tem por objetivo retirar o pensamento colonizador expressado na frase “Era uma vez...” comum aos textos de contos de fadas. Neste espaço, estão as histórias selecionadas em um conjunto diverso, confessamos que tivemos que ter cuidados para expor as histórias para manter o compromisso da oralidade em comunicar-se.

Antes da narração, nós fizemos a seguinte pergunta: “E aqui em Marapanim, sobre as histórias que ocorreram ou ocorrem, que a senhora pode nos dizer?

> História 1: Carrocinha/Carroça Tabará
> Aqui tem uma carroça Tabará, era...estava carregando bagagem pra cá (aponta a porta da casa). Aí nós vinha, eu com a (neta). Quando fomos chegando, a carroça tá-tá-tá-tá, vinha danada a carroça, vinha prá cá (aponta a direção oposta da porta). Vinha daí da Quitino pra cá. Aqui, nós morava. Peguei na mão da (neta), mais que depressa virei pra cá e chamei “Comadre!”Aí veio o compadre. “Compadre mandou dizer que é pra senhora ir lá na beira comigo buscar uma marage. Carroça não parou, alí nem frente nem pra trás. A gente, não viu nadinha, só era o barulho(pausa)”.
> Pesquisadora: Não tinha carroça?
> Entrevistada: Não tinha nada!Narro-falante-1(História ocorrida na década de 50) Fonte: Nazaré Bentes – Acervo pessoal.

> História 2: O homem de preto
> Da outra vez (pausa), eu vinha, era meia hora (pausa), saltei lá, quando era, assim, uma meia–noite, onze horas da noite, pois é! Aí ele (compadre) disse “Não vai!”, eu disse “não eu vou, que minha madrinha tá acordada, ela não tá dormindo, não, ela não vai dormir enquanto eu não chegar pra lá. O velho (um vizinho que havia morrido) dali (aponta para a primeira rua da entrada da cidade), tava com poucos tempos de morto. Eu digo, “não eu vou”, a dona Ana disse “Ainda não vai é meia-noite” - “não, minha madrinha não dorme” (paua). Trouxe o saco amarrado na cabeça, assim (faz o gesto) amarrado aqui, um paneiro com três caranguejos dentro (pausa). De longe enxerguei aquele vulto, era luar, parece dia. Era aquele (inaudível) lá no começo do cemitério. Ainda vinha lá, cheguei aqui minha cabeça já cresceu, disse “Oh! Meu jesus, me alivia meu pai do céu, mostra que tô por aqui é por precisão, Deus sabe melhor do que eu!”.

Aí veio, o cachorro todo dormindo aí na beira da calçada, a frente do sapato dele chega brilha, do luar né, sapato preto, brilhava! Aí eu vim, vim, vim, os olhos, lá nele o corpo já começa balançar quando confrontei ele. Ele deu de costa pra mim, quando cheguei aqui no canto que olho, ele já estava direito como eu vi da primeira vez, né, já tinha se endireitado.
Aí minha madrinha disse “tu ainda vais voltar?” eu digo “Ah! Eu não minha madrinha é meia noite e eu vi um vulto ali, não vou mais. Já deixei minha bagagem toda arrumada lá, só vou busca de manhã.
Cinco horas da manhã eu vim embora, aí não facilitei mais de vim qualquer hora andando(risos). Quando dava meia-noite uma pra duas horas da madrugada, já botava todas as coisas, era bem pertinho da beira a casa do finado (nome), já carregava minha bagagem todinha pra lá. Quando era de manhã, que clareava o dia é que eu ia carregar pra cá, já não vinha andando. (História ocorrida na década de 40) Fonte: Nazaré Bentes-Acervo Pessoal.

História 3- A mulher de branco

“Eu trabalhava no edifício Rosa Maria, eu passava fraldas, a mulher tinha tido neném, eu estava passando as fraldas, era assim umas dezoito horas, passava a fralda e só o vento, um vulto passou, eu já fiquei assim e continuei passando.
Deu um vento de novo e o vulto passou de novo eu fui atrás mamãe foi só um espanto, aquilo passou para o lado da rua, caí fora, me benzi três vezes, o vento trouxe ela, depois disso, conversando com o pessoal que trabalhava por lá, disseram que ali tinha morrido uma mulher(olha para confirmar) e aquela casa era alugada.
Eu estava no sítio lá Juçateua, acordada, não tinha energia, os cachorros estavam latindo, quando passou de novo a mulher de branco, passou para o porto de embarque. Os cachorros latiram(pausa) isso foi verdade- confirma ela. (História ocorrida na década de 90) Fonte: Miraci Bentes

História 4 o Vento branco

Eu trabalhava na escola lá para o lado da vila, tinha o senhor que cuidava da escola, era uma vigia. Quando eu cheguei ele tava branco, paralisado. Eu perguntei o que tinha acontecido. Ele falou que antes de eu chegar entrou um vento forte branco que abriu todas as portas da escola e derrubou as cadeiras, como se fosse ela aquela onda gigante, *Tsunami*. Mas não tinha vento em outro lugar e era um vento muito estranho como se caminhasse somente pela escola e sumiu no corredor. Ele se arrepiava e estava muito nervoso, eu nunca tinha visto uma pessoa com tanto medo. Essa é a história que mais me deixou impressionada. Fonte: Raimunda Ferreira Monteiro

História 5 O fogo

Diz a lenda, muito tempo, diz os antigos, minha vó, minha mãe, falaram muito perto de mim sobre o fogo. Nesse dia , era umas sete horas, não umas seis horas da tarde, eu tava por aqui assim, de repente eu olhei, nesse terreno que não tinha casa(aponta o terreno ao lado), as pessoas jogavam, realmente, né, entulhos e ateavam fogo, realmente, eu disse, égua achei diferente a porque a cor dele era diferente.

> E era um fogo que não crescia, era um fogo que ficava do mesmo tamanho, ele subia, abaixava e subia de novo, abaixava. Sabe ele ficava, parece brincadeira de criança, entendeu?
>
> Pesquisadora: Mas era no formato de fogo, bola?
>
> Narradora: Era formato de fogo, fogo verde, aí eu olhei aqui de casa e disse "era aquele fogo não sai nem fumaça, e fiquei com aquele negócio. Depois, veio aquele pensamento das histórias que contavam, aonde tinha fogo, era porque tinha dinheiro e esse fogo era embaixo de um muruci, esses muruci pequenininhos, que chamam muruci pomba, né?! Que os pombos gostam de comer no mato.
>
> Aí eu fui lá, fui vê mesmo se era, não era fogo nenhum que o ser humano tinha feito e tal, não era fogo olhei não tinha nada, nada, nada. Aí eu peguei vim embora, também não fiquei com medo, vim me embora, né?!
> Fonte: Ivaneide Bentes Monteiro

> História 6 O homem de branco
> O homem de branco, também, em noite de luar, como não tinha banheiro aí dentro aí eu vinha sempre fazer xixi aqui fora e nesse dia eu abri a porta, realmente estava que nem um dia aqui fora, que nem um dia mesmo. Aqui assim(aponta para a parte de trás da casa), não tinha essas plantas, aí eu tava fazendo xixi e de repente fui olhar pelo caminho, eu avistei um senhor de branco, não dava para enxergar o rosto, porque eu tava longe. Todo de branco olhando, foi passando o tempo, eu acho que ele percebeu né, eu olhando para lá, ele foi, foi se escondendo atrás das árvores, nisso acabou.
> Fonte: Ivaneide Bentes Monteiro

Registramos as histórias que o gênero popular e os contextos educativos são mais presentes. Algumas marcações da oralidade foram necessárias manter, pois faz parte de uma variação linguística identitária da comunidade.

As fontes foram questionadas sobre a história do Socador (imagem 24), uma história popular no centro de Marapanim, todas confirmaram conhecer a história de um som alto como se fosse um grande socador. No entanto, somente a primeira narradora dona Nazaré, relatou ter escutado, porém não viram o objeto que geralmente vem do cemitério para a PA-318 no horário da meia-noite.

As autoras também foram questionadas sobre Matinta, Boto, Mapinguari, Curupira e a Cobra grande, as respostas foram que só escutaram os relatos, mas dona Nazaré afirmou que a cobra Grande é verdade e da, Matinta, desconfiavam de uma vizinha feiticeira, mas não tinham nenhum relato próprio ou não recordavam a respeito.

Imagem- 22 Socador de acordo com os relatos das narradoras.



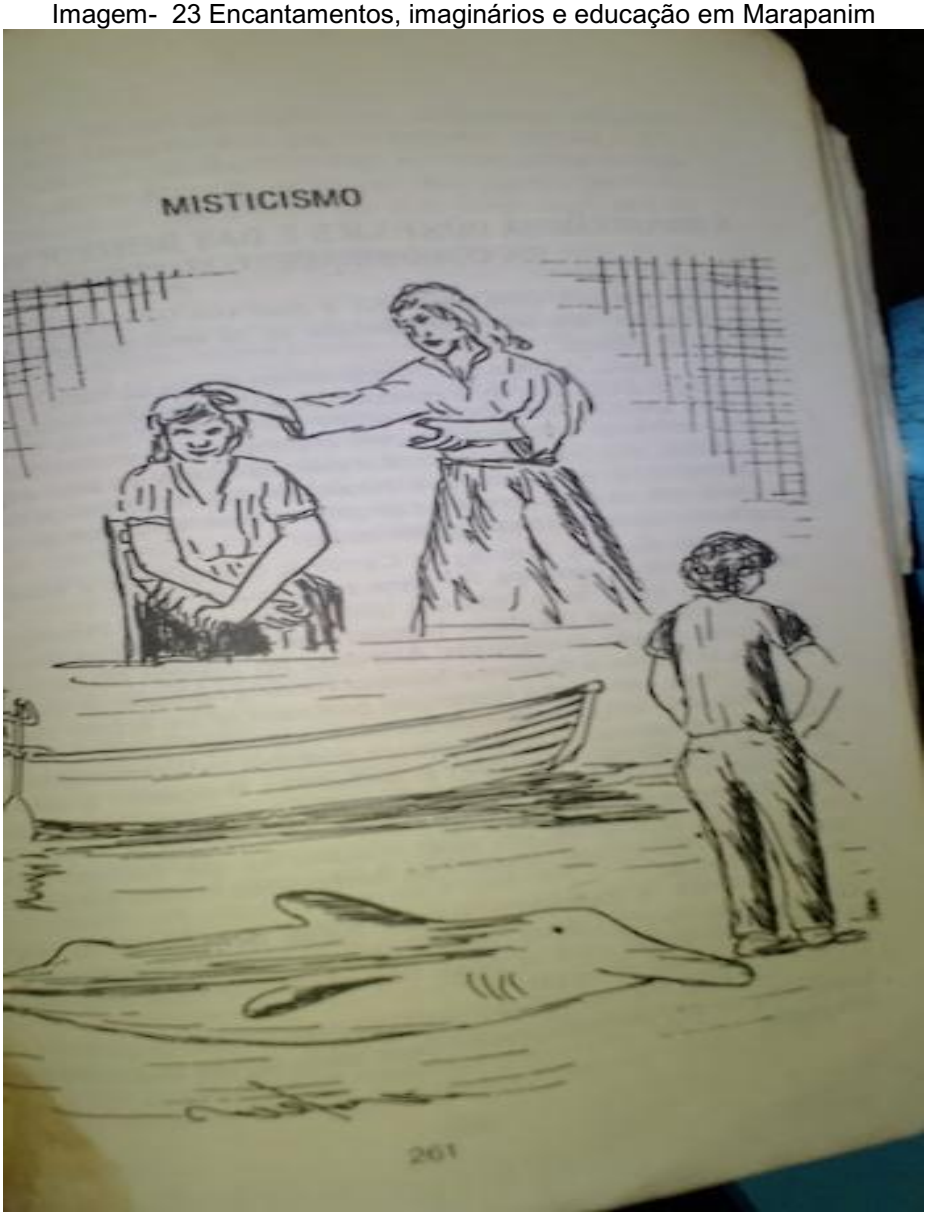
Fonte: Google imagens

Pelos relatos, o Socador é um equipamento grande que serve para bater a terra com intuito de torná-la compactada e firme. Esse equipamento é muito utilizado na urbanização de ruas e terrenos. Tal instrumento foi introduzido à realidade da comunidade de Marapanim no início do “progresso” de Bom Intento.

Outra narrativa popular entre os marapanienses é a história da Feiticeira, para os leigos poderia dizer que tal história é a mesma que a da Matinta. Claro, para entendê-la, seria necessário viver tal crença e realidade, desde a infância, como parte da cultura do aprendiz. Saber lidar com a feiticeira é muito diferente do que com a Matinta. Os relatos é que a feiticeira tende a encantar os homens, principalmente. Os escolhidos são os mais jovens e as crenças são diversas. Ela pode viver seu período real na sociedade urbana, mas quando há a afronta à natureza ela se manifesta.

Há relatos que uma das vizinhas da família Bentes seria uma feiticeira. Contrariando a unificação de que a Matinta é um ser encantado e único. Enquanto a feiticeira pode ser qualquer mulher desde que tenha uma certa idade. As semelhanças entre as entidades são muitas. Contudo, cabe a contadora da família ensinar a diferenciar os seres. (Imagem 25).

Imagem- 23 Encantamentos, imaginários e educação em Marapanim



Fonte: Agripino Conceição

Vemos com o livro de Agripino que as crenças e saberes passam por seus espaços orais como as águas do rio que deixam na margem aquilo que não se leva consigo. A descrença naquela época não era unanime, como hoje. Quando finalizávamos as coletas fazíamos uma última pergunta “você acredita?” Alguns jogavam para o passado “Os antigos diziam né”, outros julgavam impossível tais acontecimentos e colocavam na conta do medo tais situações. Já outros, respondiam, “Mas claro, se eu mesma vi”.

Em continuação para alcançar nossos objetivos “amelisamos” todas as narrativas aqui expostas. Tema da nossa próxima seção.

6 “AMELISANDO II” - ANÁLISE NARRATOLÓGICA E EDUCATIVAS DAS NARRATIVAS POPULARES

Esta seção descreve as análises de acordo com cada objetivo pretendido, além disso, reforçamos que visou compreender as relações dos elementos narrativos na promoção do saber amazônico de forma educativa.

6.1 Análise das narrativas populares de Marapanim no contexto do “Conto de Amélia”

Esta subseção tem como objetivo correlacionar o discurso popular com as narrativas orais de Marapanim. A princípio, serão ressaltadas as características populares. Escolhemos identificar as características no quadro abaixo para realçar a percepção analítica das narrativas.

Quadro 7- Característica dos Contos Marapaniense

História	Característica
Carroça Tabará	A mulher como centro dos afazeres domésticos e de cuidado que precisa enfrentar seus medos. Mesmo sendo a personagem principal no relato, visualiza-se em um ambiente inadequado e a presença da criança, no caso sua neta, demonstra que crianças não devem estar sozinhas durante a noite.
Homem de Preto	Na narrativa do Homem de Preto, temos a presença da desobediência feminina sendo punida com a presença do sobrenatural, com isso, a narradora ensina que tal ato culmina com perigos noturnos, geralmente ocasionado por homens. A figura do homem, também demostra o medo inerente do sexo oposto e o ato do confronto a força que a mulher deve ter diante de situações difíceis.
Mulher de Branco	A narrativa Mulher de Branco é um clássico que não está presente somente em Marapanim ou em Belém, a mulher vestida de noiva geralmente expressa as dores de estar só. Os principais relatos, é depressão, pós-parto, suicídio pós matrimônio, ou viuvez seguida de histeria. A histeria era uma comorbidade feminina, muitas vezes usadas para violão sexual e estigmatização do sexo. Ainda hoje, quando se quer depreciar a voz feminina atribuem a ela está histérica.
O Vento Branco	Esta é a única história que a uma mulher assume o lugar do ouvinte para posteriormente ir para a posição de narradora, o vigia é a personagem principal e a senhora Raimunda é a disseminadora da história. Dentre as histórias contadas essa é a única que não houve semelhança ou relatos parecidos.

Fonte: Produção da Nossa (2026)

Quadro 8- Característica dos Contos Marapaniense Continuação

O fogo	Nesta narrativa, o fogo tem uma explicação lógica como o fogo fato, o que cientificamente descreve uma descarga elétrica na terra formando o fogo andante. Mas o que faz essa história assumir o conto popular é o fato do relato já ter sido exposto no passado pela avó e mãe, o que faz o relato se tornar um repasse "amelítico", em três gerações de mulheres da mesma família que presenciou o mesmo acontecimento. Uma curiosidade, a narradora enfatiza que o fogo não era feito por humano e que ela acreditava veemente na veracidade do ocorrido, não permitindo abertura para duvidar de suas vivências.
O homem de branco	Assim como a mulher de branco, o homem de branco também é uma narrativa conhecida, mas facilmente na região norte como o boto. Aparentemente, a narradora não fez tal relação, pois na continuidade de sua história, ela fala que um dos seus desejos era encontrar o boto transformado de homem, o desejo era tanto que ela sonhou um dia com ele. O boto, para essa narradora era a concretização de sua idealização de homem.

Fonte: Produção da Nossa (2026)

O quadro é uma visualização mais especifica de como ocorrem, nas narrativas, o contexto do popular.

Nas narrativas de Marapanim percebemos que a questão religiosa é base para construir uma narrativa verossímil, é também, ferramenta de ensino do respeito a Deus, construindo a educação religiosa da família, principalmente. O fato dessas narrativas não fazerem parte da mitologia paraense de consumo, também possui elementos que precisaram ser pontuados.

O boto, elemento da construção ribeirinha, nasce nas comunidades indígenas, com a colonização e a urbanização, este elemento também mudou. A metamorfose do rei dos rios se dava na caracterização das pessoas que ali moravam, logo, a narrativa necessitou vestir o homem com a cor da pureza (o branco), uma metáfora sobre a virgindade da mulher também é construto de pecado. Do outro lado do misticismo, está a violência que as mulheres sofriam, principalmente de fazendeiros das proximidades ou remanescentes de outros espaços. Isso, gera nas crianças o cuidado com as marés, com as noites de luar e com a preservação da natureza.

As narro-participantes, em nenhum momento, demonstraram incredulidade, pelo contrário, afirmam a veracidade na fala "É verdade!". Ademais, os aspectos de existência desses elementos amazônicos aparecem descritos na seção três, desta dissertação, o trabalho inicial foi transcrever os textos e identificar se esses elementos estavam presentes.

No entanto, fica mais fácil identificar o momento que a oralidade adentra o maravilhoso na presença dos elementos insólitos, ouvi sem ver, ver e não

reconhecer, como descreve D.Nazaré ao apresentar o som de uma carroça. Para ela, não há dúvidas que era uma carroça, primeiro por ser um som característico de sua vivência, segundo, porque, de acordo com menções, na década de 50, a cidade de Marapanim não tinha outros meios de transporte que não fossem, carroça, cavalos e canoas. Inclusive, essa informação foi apoiada no livro de Agripino que narra a chegada do primeiro automóvel na cidade, na década de 80.

Curiosamente, a animação de seres inanimados é comum em narrativas onde esses objetos fazem parte da cultura social. Em relatos das netas de D.Nazaré, duas já tiveram o mesmo contato com o sobrenatural, porém o objeto em questão era uma bicicleta. Tais relatos, demonstraram que cada experiência foi relatada no mesmo contexto de inserção que as “aparições” presenciadas pela avó, neste caso, auditivas, correlacionam com o período vivido.

Cientificamente, como descreve a neurociência, a mente humana pode e muitas vezes faz com que o medo do momento faça você projetar sonoramente e visualmente situações. Algumas experiências, podem fazer parte de memórias ou algo construído no momento. Ainda que, cientificamente, haja uma possibilidade de explicar, para o contador não terá importância, pois ele se vale da sua realidade. Por isso, a expressão usada pelas duas falantes “É VERDADE!” tem um peso crucial para que cada ouvinte acredite, contudo, duvidar também é um aspecto dessas histórias.

Os elementos da natureza, como o vento e a lua, são representações memoráveis dessas narrativas, uma vez que eles representam a potencialidades dos fatos ocorridos e acabam se tornando prenúncios dos acontecimentos. A lua pode ser referência tanto à noite em contradição ao dia, quanto aos aspectos metamórficos representados pela lua cheia, como o homem que vira lobo na lua cheia e boto que vira homem na lua cheia. Como vimos, não é difícil perceber que nessas duas narrativas a lua tem o poder de mudar fisiologicamente os seres encantados.

A presença do cemitério e dos relatos de morte, na primeira e na segunda narrativas, pontuam que tanto o espaço quanto o elemento ainda são referência do desconhecido e, por isso, constroem o medo daquilo que não se tem contato comum. Esses relatos buscam influenciar a percepção que por ser o lugar dos mortos, o imaginário sobre eles é cotidianamente presente.

A presença do sagrado, as contadoras recorrem ao sagrado como meio de segurança. A religião, principalmente em décadas passadas, são atos primordiais de

segurança e fé, ou seja, diante do imaterial somente outro imaterial, que no caso das narrativas está na presença de Deus, entidade que faz parte do conceito religiosos de várias sociedades milenares. É muito comum, que pessoas, principalmente em contexto social ribeirinho ou em proximidades ao mar, tenham uma fé inabalada em Deus e a ele recorra em momentos de dor, fraqueza ou medo.

O Horário em que as narrativas acontecem são fundamentais na oralidade. Chiampi (1997) cita em seus escritos que os horários que esses fatos ocorrem fazem parte de uma construção social de relação com a natureza, isto é, tais horários mostram que você respeita o sagrado, são consideradas horas mortas **meio-dia** e **meia-noite**, **seis da tarde** e **três da madrugada**.

Essas comunidades, aprenderam a ler esses horários de forma natural. Não questionei as participantes se elas tinham certeza de que a hora era aquela mesma, pois tal fator corresponde ao saber que cada uma trazia de suas experiências na roça e no lugar onde vivem até hoje. A mais idosa, viu seu pequeno lugar ganhar forma de cidade, mas deixa claro que o horário, muitas vezes repetidos na sua fala, era exatamente aquele. Não caberia, então, a nós duvidar, pois esse não era o objetivo.

O duo é outro elemento da narrativa que aparece na narrativa da narro participante 1. Conforme disse a participante, na narrativa *O homem de preto*, ao longe, ele parecia com os olhos vermelhos e destorcidos, como se seus ossos estivessem quebrados e durante o confronto, ele já parecia com a postura e o olhar “normal’. Em um momento do relato, ela expõe que ele era um “vulto” silhueta de algo não identificado, pois nunca mais viu tal figura, deixou-nos apenas pistas que após entrar em sua casa, não o encontrou mais.

Por fim, o último ponto a ser analisado é a construção da urbanização e do progresso para o mantimento dessas ocorrências sobrenaturais em Marapanim. As duas falantes, bem como, os presentes, relataram que naquela época, isso acontecia porque não tinha energia elétrica, não era moderno e a noite era bem mais “breu”. Essa afirmação, confirma o que é descrito em Chiampi (1997), a cidade leva para mais interno essas histórias, antes essas histórias ocorriam ali, onde elas moravam, agora é necessário atravessar a cidade para um dos lugares relatados, já modernizado, o vilarejo de Juçateua.

O fato é que para essas histórias tomarem formas o discurso foi o elemento fundamental para pré-existência do popular, sobre essa temática, apresentamos a análise do discurso a seguir.

6.2 A importância do discurso nas narrativas populares da Princesa do Salgado

Esta subseção tem como objetivo uma análise sobre a ferramenta comunicacional nas narrativas.

Por várias épocas, o discurso foi o único meio de diminuir distâncias entre povos. A comunidade dos Pacajás, tinham no Nhengatu suas ferramentas linguísticas de ensinar seu povo suas histórias, sua cultura, seu artesanato, ensinar a sua religião e o respeito à natureza, aliás, mais do que isso, ensinar que o ser humano faz parte da natureza. Como foi visto anteriormente, Marapanim não deixou de sentir os reflexos coloniais, isso moldou a fala e a estrutura de comunicação das narradoras que oralizam um discurso miscigenado e de vocabulário próprio.

6.2.2 ANÁLISE DO DISCURSO DA NARRATIVA FEMININA MARAPANIENSE

Amelisar as narrativas foi a tarefa mais gloriosa da pesquisa, pois as falas pareciam concretizar os objetivos que nos propomos a alcançar. Os diversos elementos encontrados, ainda no século XXI. As histórias selecionadas constroem no cuidado das palavras o discurso voltado para a fé e para a família. Apesar dos relatos demonstrarem coragem diante do desconhecido, não é uma pontualidade a ocorrência do medo, ele surge como uma regra.

O suplicio em momentos de aflição é uma inserção construída durante a colonização, por meio das originalidades religiosa indígena, o divino sempre é aquele que irá socorrer. Esse reforço nas histórias, principalmente da carroça Tabará e do Homem de preto passa de mãe para filha como mantra a ser seguido.

Para a organização analítica, primeiro expomos trechos das narrativas e após a análise do discurso e quais características são mais perceptíveis.

Ex.: 1- História 1: Carrocinha/Carroça Tabará- “Aqui tem uma carroça Tabará, era...estava carregando bagagem **pra** cá (aponta a porta da casa).”

No discurso da narrativa 1, encontramos as reduções fonéticas em “pra” essas escolhas são, na maioria das vezes inerentes, uma vez que recorrer as palavras de aprendizagem oral é a característica dessas narrativas.

Ex.: 2- - História 1: Carrocinha/Carroça Tabará **- "**Compadre mandou dizer que é pra senhora ir lá na beira comigo buscar uma **marage**. Carroça não parou, ali nem frente nem pra trás. **A gente**, não viu nadinha, só era o barulho(pausa)".

No discurso, o léxico é um dos elementos identitários de maior contexto histórico e tem a função de identificar um povo ou uma comunidade por meio da variação linguística. É o caso da palavra "marage", que a narradora repete, no contexto utilizado e na análise performática das narrativas, esse léxico designa o processo de deixar a mandioca para ser lavada a beira rio ou mar em feixes.

Já o uso da locução prepositiva "a gente" é um elemento substitutivo gramatical, alguns estudiosos como Azevedo Conceição (2024) indicam que essa substituição linguística se dá pelo acomodamento linguístico a locução exige menos uso de elementos concordativos como verbos em primeira pessoa do plural, isso faz com que o uso do pronome nós seja frequentemente negado em prol dos verbos em terceira pessoa que se juntou ao A gente. De fato, a recorrência usada pela narradora foi bem maior do que a transcrição feita, uma vez que transcrevemos as histórias, mas estivemos ali no uso livre da comunicação para visualizar o discurso de diferentes lados.

Ex.: 3- História 2: O homem de preto- Da outra vez (pausa), eu vinha, era meia hora (pausa), saltei lá, quando era, assim, uma **meia–noite**, onze horas da noite, pois é!

Este trecho marca um importante elemento das narrativas populares mágicas ou maravilhosas o comprometimento com o horário das ocorrências, para essas narrativas o sobrenatural pode ocorrer a qualquer momento, mas os horários mais comuns são as horas mortas: Esses horários, são relacionadas às culturas tanto originárias quanto colonizadoras.

Nas originárias, o sagrado era e é muito importante, então a hora em que a natureza fica em silêncio e que você ver o sol no ponto mais alto e central do céu, confere respeito ao horário do meio-dia. Outro horário de silêncio é quando o sol se põe e a noite chega, na Amazônia Equatorial. Esse horário é muito específico no fim da tarde que são às dezoito horas.

As horas de meia-noite e três da manhã, foram introduzidas nessas histórias com a chegada da Religião Católica, onde o pior dos manifestos ocorriam, a hora do diabo. Mesmo que a narradora não tenha conhecimento histórico do porquê essas

horas são usadas, seu fato narrativo as descreve como parte do seu contexto discursivo.

Ex.: 4 História 2: O homem de preto **-** Eu digo, “**não eu vou**”, a dona Ana disse “Ainda não vai é meia-noite” - “**não, minha madrinha não dorme**” (pausa).

A preocupação com seguir as ordens dadas, também faz coerência com os atos de respeito aos mais velhos e nunca provocar desconsolos a eles. Neste discurso, há uma pertinência em manter a confiança e a obediência da mulher às ordens descritas, recordando que a narradora estava viúva e morava com a madrinha, mesmo sendo adulta, o que aprendera quando criança se manteve.

O discurso de D. Maria se apoia integralmente em sua juventude vivida logo no início da cidade de Marapanim. Suas falas são produzidas com sintáticas próprias de comunidades ribeirinhas como a falta de concordância verbal. Percebemos, nas duas primeiras narrativas, que a falante recorre ao vocabulário de sua juventude para discursar sobre o acontecimento na história.

A respeito da semântica, os enunciados são construídos de forma que não comprometem a compreensão. Conseguimos depreender cada uma das palavras sem prejuízo comunicativo. Ainda que não conhecêssemos o vocabulário, o contexto permitiu que entendêssemos a moral da história. Nos recortes acima, os enlaces oracionais da narrativa são representativos. O uso de substantivos, adjetivos, pronomes e expressões do uso da época, não soam estranhas aos ouvidos, nem discutem com a gramática normativa, apenas cumprem a sua função fundamental de existir e comunicar.

Ex.: 5 -História 4: O Vento branco- **Quando** eu cheguei ele tava branco, paralisado.

Ex.: 6 História 5: O fogo- **Diz a lenda**, **muito** tempo, diz os antigos, minha vó, minha mãe, falaram muito perto de mim sobre o fogo. **Nesse dia,** era umas sete horas [...]

São histórias de vida e cotidiano provadas pela credulidade de seu povo, como na foto 17.

Foto 16- Local onde apareceu o fogo no Abacate



Fonte: Azevedo Conceição (Acervo Pessoal)

Um dos marcadores discursivos das narrativas orais são os advérbios e locuções adverbiais de tempo e de lugar, eles são organizadores de veracidade e contrapõem-se a ideia de imaginação. A partir deles, as narrativas começam a formar a identidade popular.

O uso regular do verbo após o advérbio é uma relação sintática de alto grau, construída nos conceitos estruturais das conexões morfológica. A escolha do verbo ter ao invés do verbo **haver** no sentido de existência é, particularmente, uma variação utilizada como reforço vocabular e muito recorrida na oralidade.

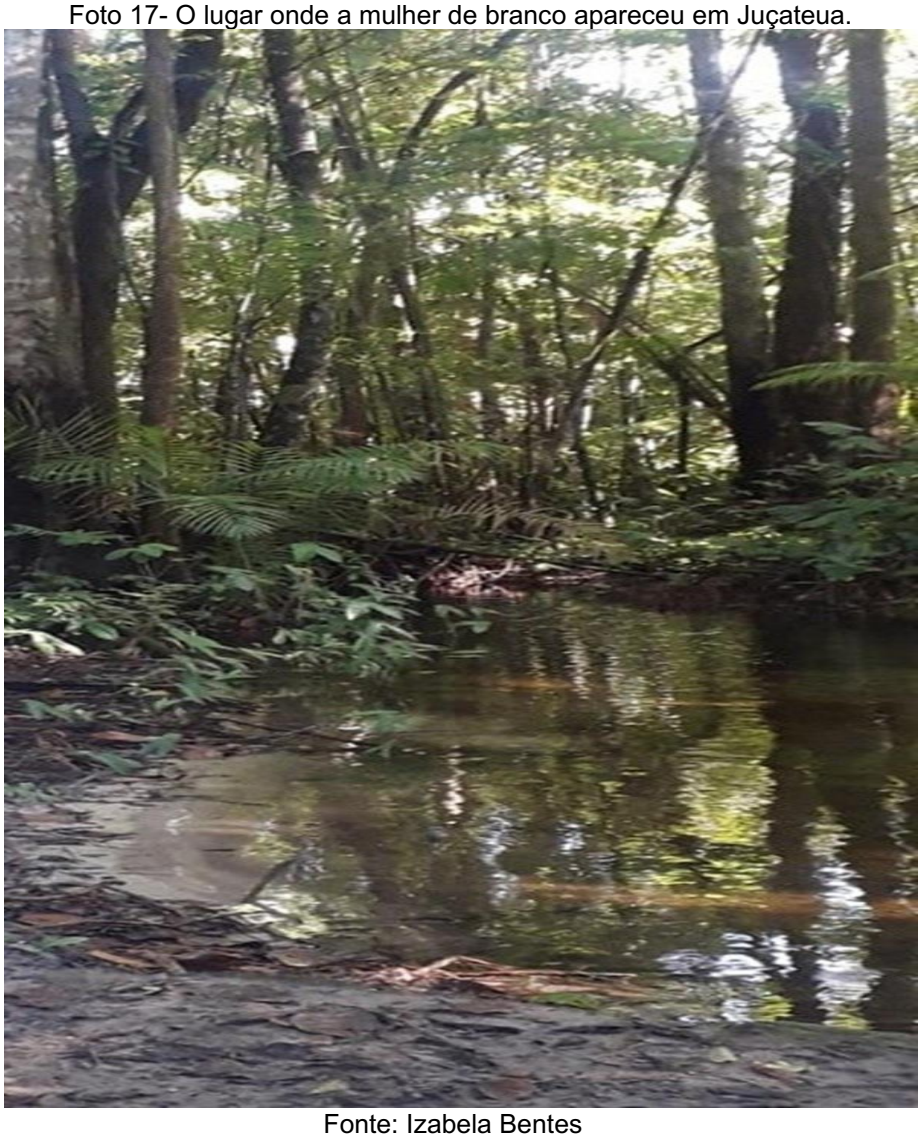
O uso da repetição do verbo **ser** no pretérito é uma forma de construção de falas rápidas e tem como objetivo intensificar a história contada. Não à toa, os contos de fadas iniciam pela expressão “era uma vez” porque ela distancia os fatos presentes e até mesmo permitem que o ouvinte eleja a veracidade da história. A

mesma análise é feita quando a narradora recorre ao nome da neta, esse é um recurso linguístico de narradores orais para dar testemunhos dos fatos ocorridos. É fácil perceber, quando nos lembramos de alguma história contada por alguém mais velho, há a presença de alguém que testemunhou o fato.

Em paralelo, a narrativa 3 traz um enunciado mais elaborado, porém com um reconhecimento linguístico maior. Para a narradora 2, apoiamos a análise no texto de Bakhtin (2010), pois o contexto de produção das duas histórias é inicialmente diferente, isso produz na oralidade interações sociais da narradora que moldaram sua forma de falar.(Foto 18)

Ex.:7- História 3 A mulher de branco (FOTO) -Deu um vento de novo e o **vulto** passou de novo eu fui atrás mamãe foi só um espanto, aquilo passou para o lado da rua, caí fora, me **benzi** três vezes.

Foto 17- O lugar onde a mulher de branco apareceu em Juçateua.



Fonte: Izabela Bentes

Nesta história, a inter-historicidade é um reflexo da urbanização e das tradições colonizadoras. A mulher de branco é uma história disseminada em várias culturas medievais e chegam ao discurso pelo trançado das culturas e das histórias. “Eu mesma já a vi diante de mim quando era criança”. A presença das visagens em narrativas populares são indicações de que algo está em conflito no natural e/ou no sobrenatural

Ex.: 8- História 4 O vento branco- Mas **não tinha vento** em outro lugar e era um vento muito estranho como **se caminhasse** somente pela escola e sumiu no corredor.

Essa história foi relatada com uma satisfação e uma dor, pois ficamos penalizados por ter permissão para documentação de áudio e vídeo e os dois terem sido corrompidos na tecnologia atual. Dona Raimunda, foi uma senhora que nos convidou para seu pátio e perguntou com um sorriso o que fazíamos, pela percepção vimos a própria descrição de uma mulher que trabalha, que é mãe, que é esposa. Ela relata uma história que por pouco não viu, mas sentiu, seu discurso surge como coadjuvante, trazendo para si o papel de falar sobre as ações do homem como feito heroico.

Mas na narrativa de Raimunda, o homem é visto como um ser mortal que diante do insólito (o vento) demonstra pavor e resignação, ou seja, não há soberania masculina, apenas uma pessoa com medo daquilo que não tem conhecimento. (foto 19)

Ex.: 9 História 5 O homem de branco-- “Diz a lenda, muito tempo, diz os antigos, minha vó, minha mãe, falaram muito perto de mim sobre o fogo?!”

Foto 18- Lugar onde o homem de branco apareceu e desapareceu



Fonte: Azevedo Conceição (Acervo Pessoal)

Todas as narravidas apresentadas aqui, foram vividas por mulheres, que fazem parte da construção da memória de Marapanim. Agripino (1995) já as exortavas em suas próprias memórias. Mas somente essa, traz no próprio ato de contar os antepassados, os seus ancestrais. D. Ivaneide menciona avó e mãe, não há menção de homens que não estejam do outro lado da história, ou seja, aquele que lhes causam medo. Algo que nos faz refletir é: que a coragem vem devido ao preparo colhido nas histórias ouvidas de seus ancestrais, logo, a jovem senhora manteve calma e assim como a sua avó, enfrentou ao desconhecido.

Ao apontar tal história, percebíamos no falar de Ivaneide o quanto havia coragem ao relatar este encontro sobrenatural. Entretanto, não pudemos deixar de pontuar que a sua história repete uma expressão popular parodiada “reza a lenda/diz a lenda” essa expressão foi introduzida na língua paraense por meio da comparação das narrativas com as rezas africanas, pois diferente da religião a católica, as

religiões africanas faziam seus pedidos ao sagrado por meio de rezas. É uma expressão mais fácil de ser ouvida em oralidades matriarcais, em relação às oralidades patriarcais. Ivaneide foi mais além, personalizou sua expressão trocando a “reza” pelo “diz”, destaco que nenhuma outra oralizadora usou tal expressão.

Ex.: 10- História 6 O homem de branco-eu avistei um senhor de branco, não dava para enxergar o rosto, porque eu tava longe.

Das quinze narrativas, entre elementos da natureza e manifestações sobrenaturais, a figura do homem aparece constantemente. Nesta segunda história de Ivaneide, destacamos que a presença do homem, não lhe é estranha e soa até natural, colocando a mulher na posição de destaque, não gostaria de usar heroína para não descaracterizar o sentido popular do discurso da narradora.

Outro destaque que essa história deve ter, é a performance que os gestos fazem para amparar o discurso. Não fica claro quem é tal homem, as suposições ficaram para nossa fértil imaginação. Vínhamos pela pequena estrada supondo quem era, talvez o boto, talvez a entidade Zé, ou somente alguém pregando uma peça, uma vez que no relato a autora diz que ele volta pela mata.

Analisamos o discurso de cada narradora conforme as características e objetivos de cada narrativa, fica claro, portanto, que para análise do discurso as circunstâncias em que cada narrativa existiu é fundamental para que ela se caracterize como pertencente aquele espaço. Temos uma diferença de dois séculos entre a primeira e a última história e 60 anos de evolução tecnológica e urbana, mas as diferenças entre a ótica que era narrada cada história era sútil.

Dona Nazaré e Dona Ivaneide (a primeira e a última) narradoras não tiveram narrativas que estivessem distantes em seu contexto social. As diferenças mais marcantes estão na linguagem usada para narrar. Bakhtin (2010), descreve esse fenômeno linguístico como o contexto particular do gênero discursivo, no caso a narrativa popular. Isso, mostra-nos que cada uma participou de um momento diferente da cidade, cada uma viu uma história diferente da sua cidade e cada uma internalizou experiências diferentes, colaborando de imediato para sua cultura, saberes, língua e educação.

Os resultados apresentados a seguir foram de acordo com o objetivo geral e somente específicos foram voltados para responder à questão motivadora de nossa pesquisa.

7 APRENDI ASSIM, COM AS CRÔNICAS DE MARAPANIM- RESULTADOS

Esta seção expõe a importância das narrativas para contexto educacional ancestral a partir das narrativas orais femininas “amelisadas” anteriormente, estas conclusões partem da análise dos discursos das autoras que aceitaram realizar esta pesquisa.

No memento que definimos os objetivos da pesquisa, sabíamos que haveria uma pequena possibilidade de eles não serem alcançados. No entanto, com a gerência de um novo foco, os resultados, com base naquilo que já havia sido definido, foram satisfatórios, cremos que o agrupamento de colaboradores foi mínimo, dificultado pelas negativas das gravações e falta de *corpus,* substanciados.

Os “resultados” são, na verdade, uma aprendizagem que encontramos desde a primeira visita ao município de Marapanim. Uma pesquisa etnográfica nos imerge às percepções nostálgicas, com um olhar acadêmico e conceitos que durante nossas vivências anteriores não tínhamos. Dividimos os resultados dos objetivos específicos para o geral e ao final respondemos à questão problema que motivou à pesquisa.

Para identificar a existência de métodos educativos populares “amelisando” narrativas orais de autoria feminina marapaniense foi necessário olhar para lugares distantes da própria pesquisa, ou seja, não podíamos usar as autoras como simples doadoras de histórias. Ao escutar a primeira história, que não trouxemos para este texto, foi como se entendêssemos o que escutávamos quando criança.

Tais narrativas ainda, neste século, transmitem conhecimentos sobre cuidados e como a comunidade entendia os fatos e as horas. Por meio dessas histórias, as crianças, como pudemos ver na relação de Dona Nazaré e Dona Ivaneide (avó e neta) conseguiam ter a noção de tempo. O saber dispensava o uso de tecnologias como relógios, apenas as descrições astrais e naturais, vimos que tanto uma quanto outra aprenderam a reconhecer as horas perigosas com seus “antigos” .

Outros saberes que as narrativas ensinam é o conhecimento sobre a formação da cidade. Nas narrativas vemos citações a respeito do processo de estruturação da comunidade Abacate.

Diante de evidências na falta de documentos escritos e materiais didáticos compromissados em ensinar tais textos orais, fez-se do trabalho doméstico uma estratégia de informações perenes, repassadas às crianças até mesmo durante os

afazeres diários, o que deixa claro que tanto as narradoras quanto os ouvintes eram em maior parte mulheres, pois a elas eram delegadas as tarefas do lar.

Em uma visão de educação linguística, há uma naturalidade na evolução da língua que permite com que os falantes as modifiquem por fenômenos linguísticos como metaplasmos, apagamentos e acréscimos. Algumas formas desses apagamentos são institucionalizadas por famílias, escolas e governos, por isso, para as falantes, concluiu-se que diante dos expostos, que o apagamento se deve ao acesso à escolarização e ao contato por anos com outra comunidade de fala a língua materna não foi conservada.

Em contraponto aos saberes linguísticos, os saberes narrativos, no que se trata a oralidade da narrativa amazônica, permanece latente, porém mais criteriosos, ou seja, a migração, a educação e a urbanização requer fatores mais elaborados, pois o véu da verdade está cada vez mais fino perante a ciência e a tecnologia.

Ademais, na manutenção linguística do povo, percebemos que há um decréscimo natural conforme as gerações e os relatos cada vez menos usados como recurso de interação. As crianças, por exemplo, eram poucas nos três espaços, o abandono dos mais velhos foi uma realidade que implicou em acessos cada vez menores aos descendentes. Não há quem reproduza se não há quem escute. Esses conhecimentos acabam se perdendo no silenciamento dessas vozes.

Para definir a existência de “Contos de Amélia” em narrativas de Marapanim de autoria ou narração feminina, apoiamo-nos em relatos cronistas das “Amélias”, como visto, essas narrativas nascem no cotidiano dos trabalhos. Apenas a narrativa 4 não apresentou uma sustentabilidade do contexto de protagonismo, a narradora esteve à margem da ação da história e o enredo demonstrou que ela tinha uma presença menos ativa no texto.

A narrativa 4 tem poucos elementos que configurasse como um conto de produção feminino, pois os envolvidos estavam em planos sequenciais diferente. A narradora, neste caso, não foi expectadora do ocorrido, seu trabalho era fora do lar e ela surge como um guardião do feito masculino, tendo a finalidade de repassar o ocorrido.

Ao registrar e analisar o discurso das narrativas no contexto popular como forma de identidade local, ficou pautado na seção anterior que todas as narrativas partiam do contexto de uma Marapanim de 1950 até os anos 2000. Nelas, vimos o discurso sendo adaptado para cada narradora, mas elementos como os espaços

naturais eram constantes naquele triangular. Esse objetivo foi o mais difícil de ser alcançado, pois o discurso é mutável e os contextos socioespaciais são influenciadores diretos na metamorfose discursiva.

No que diz respeito a correlacionar o papel da narradora com o estigma da educadora primordial no contexto da Amélia, ficou claro que tais narrativas nascem como um efeito do *status* da mulher perante o trabalho estigmatizante do lar. Não houve, porém, nenhum relato de violência ou abusos, isso quer dizer que ou esses fatos foram mascarados ou de fato não ocorreram. Levamos em consideração que toda história relatada de fato ocorreu como contada pelas mulheres.

A princípio, acreditávamos que as histórias seriam focadas em espaços de constrangimento e talvez de submissão. Mesmo que percebêssemos nuances desses fatos, priorizamos por manter o fato narrado. Não cabia induzir algo que as mulheres não estavam dispostas a relatar. Isso se deve ao fato de se sentir segura na própria história, um lugar onde o mal acontece, mas você consegue escapar.

No que se trata da questão motivadora “quais as relações das narrativas populares femininas marapaniense no contexto educacional ancestral? Concluímos que hoje a atuação das mulheres ainda é de primeira escola, onde seu papel é fundamental na primeira infância. Contudo, os ensinos estão fixados em atividades modernas nem tanto ancestrais, mesmo que Marapanim ainda tenha, em seu espaço geográfico, título de interior, os avanços contemporâneos da urbanização, principalmente, as necessidades de a mulher construir e alcançar outros espaços, abriu-se essa lacuna.

Há o fator de que a educação se tornou mais abrangente, com isso, a tarefa de ancestralizar fica a cargo do objeto educacional. Não obstante, a escola assumiu esse espaço de narradora para as crianças, entra neste espaço o papel da professora e do município enquanto provedores da multiplicidade e compromisso educacional dos mais jovens. Inclusive as atividades das coletividades começaram a ter horários específicos e a educação acadêmica passou a ser prioridade nas casas do município.

Para que pudéssemos compreender o funcionamento discursivo dessas narrativas, elaboramos um resultado específico de acordo com o conceito de dialogismo, formulado por Bakhtin (2010), aliado, sobretudo às contribuições da Análise de Discurso desenvolvida por Orlandi (2020), que enfatiza as condições de produção e a historicidade dos sentidos.

7.1 Resultados bakhtinianos e orlandianos

Esta subseção, tem por objetivo mostrar os resultados com base na análise do discurso de Bakhtim (2010) e Orlandi (2020).

> O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (Bakhtin, 2010, p. 117)

Para esta lógica da Estética da Criação Verbal as falantes estão na esfera marapaniense, porém, não fazem partem das mesmas internalizações de língua, a primeira mantém seus traços da fala da década de 30 enquanto a segunda mantém a identidade linguística da década de 50 a terceira e a quarta na década de 90. Percebemos que, neste caso, manteve-se a língua comunicativa como uma produção enunciativa e diversa, tal qual as suas necessidades de comunicação.

As narrativas de marapanim constituem importantes práticas discursivas por meio das quais seus coletivos produzem, preservam e transformam sentidos sobre o mundo. Os contos, os causos, os relatos e as crônicas formam as narrativas descritas acima e foram transmitidas coletivamente e não se limitavam à função de entretenimento, mas atuavam como espaços de construção simbólica, nos quais se articulam linguagem, memória, ideologia, experiência histórica e saberes ancestrais.

Segundo Bakhtin, a linguagem é essencialmente social e ideológica, o que implica reconhecer que nenhum enunciado é neutro ou autônomo. O autor afirma que “a palavra é um fenômeno ideológico por excelência” (Bakhtin, 2010, p. 36), pois se constitui no interior das relações sociais e carrega marcas das condições históricas em que é produzida. Nesse sentido, toda enunciação se organiza a partir do diálogo com outros dizeres, anteriores ou simultâneos e orienta-se para possíveis respostas. O dialogismo, portanto, não é um recurso estilístico, mas um princípio constitutivo da linguagem.

Nas narrativas populares da Princesa do Salgado, o dialogismo manifesta-se de forma particularmente evidente, uma vez que essas narrativas se estruturam a partir da circulação oral e da repetição transformadora. Embora preservem traços reconhecíveis, como personagens, enredos e fórmulas narrativas, elas nunca são

reproduzidas de maneira idêntica. Cada narradora reinscreveu a história a partir de sua posição social, de suas experiências e do contexto histórico em que se encontravam. Essa dinâmica confirma a afirmação de Bakhtin de que “não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico” (Bakhtin, 2010, p. 410), pois todo dizer se insere em uma cadeia infinita de discursos.

Outro conceito fundamental em Bakhtin (2010) para a análise das narrativas populares marapaniense é o de polifonia, entendido como a presença de múltiplas vozes sociais em um mesmo discurso. Nessas narrativas, cruzam-se vozes da tradição, da moral religiosa, do senso comum, da autoridade e da contestação. Essas vozes não se organizaram de forma homogênea, mas entraram em tensão, revelando conflitos e disputas ideológicas. Assim, o dialogismo não se restringe ao plano linguístico, mas se estende às relações sociais e às posições ideológicas que atravessam o discurso narrativo.

Em contribuição, Orlandi (2020) aprofundou essa compreensão ao deslocar o foco do texto para as condições de produção do discurso, as épocas que as narrativas se concretizaram como reais. Para a autora, o sujeito não é a origem do sentido, mas um efeito da linguagem e da ideologia, a autora complementa o discurso de Bakhtin (2010) nas formações de discursos condicionado ao campo de construção. Para as narrativas, aqui analisadas as comunidades de Surubiju e Abacate estavam sociolinguísticamente ligadas pelo fator fala.

Orlandi (2020) afirma, ainda, que “o sentido não está na palavra, mas se produz nas relações que ela mantém com a história e com a ideologia” (ORLANDI, 2020, p. 42). Essa perspectiva permite compreender as narrativas populares dos Contos de Amélia como as práticas discursivas historicamente situadas, ditas em Bakhtin (2010), produzidas em condições específicas que determinaram o que pode ou não ser dito. Observamos isso, também, ao nos atentarmos para como as narradoras se movimentavam e indicavam os locais. Muito do que foi dito, não foi falado, pois a leitura corporal foi um elemento de formação dos discursos das narradoras.

Um conceito central na obra de Orlandi (2020) é o de memória discursiva, entendida como o conjunto de dizeres já ditos que sustentam todo novo dizer. Segundo a autora, “o dizer sempre se faz a partir de outros dizeres, que o precedem e o determinam” (Orlandi, 2020, p. 31). Nas narrativas populares dos Contos de Amélia, essa memória discursiva manifestou-se na recorrência de temas sobrenaturais, valores religiosos e estruturas narrativas autorais que fizeram parte do

imaginário coletivo, como na narrativa 5 em que a narradora, primeiro enfatiza que os antigos já falavam sobre o fenômeno do fogo vivo.

Como dito anteriormente, essa recorrência de temas ou de estilo não implica em repetição mecânica, mas reinscrição, pois os sentidos são atualizados conforme as condições históricas e ideológicas de cada enunciação. Cada uma assumiu uma função dentro do seu momento de realização.

Outra constatação sustentada em Orlandi (2020) a importância do silêncio na produção de sentidos. Para a autora, “o silêncio não é ausência de sentido, mas lugar de sua produção” (Orlandi, 2020, p. 13). Nas narrativas populares, o não-dito e o implícito desempenham papel fundamental, sugerindo sentidos que não são explicitados, todavia dialogam com discursos socialmente conhecidos. Esses silêncios revelam interdições, naturalizações e relações de poder, mostrando que o dialogismo também se constrói a partir daquilo que é excluído ou silenciado no discurso. Encontramos isso nas narrativas 3 e 4, onde há uma resistência maior em falar de suas vidas e aprofundar outras histórias.

Ao articular as contribuições de Bakhtin (2010) e Orlandi (2020), findamos por compreender que tais narrativas populares como espaços privilegiados de circulação, confronto e estabilização de sentidos seguem um trajeto preocupante de apagamento e silenciamento. As narrativas populares funcionavam como arquivos simbólicos de uma coletividade, preservando saberes e valores ao mesmo tempo em que se abrem à transformação histórica. O que as levam ao declínio meso-social.

Essas práticas discursivas não apenas refletiam a realidade social, mas participavam ativamente de sua constituição. Ao mobilizarem múltiplas vozes (as mulheres) e memórias discursivas (da sociedade), essas narrativas reafirmavam, e transformavam sentidos, demonstrando que a linguagem é sempre um espaço de disputa ideológica e de produção histórica de significação.

Nossos resultados foram baseados nos objetivos alcançados com as narrativas “amelisadas”. Para finalizar, apresentamos nossas considerações finais.

8 CHEGAMOS AO FIM, SERÁ? - CONCLUSÕES

Durante a formação acadêmica, aprendemos que as considerações finais não devem ser de forma alguma presunçosa, alienada ou acreditar que é a solução de todas as pesquisas, porque se fosse assim, as investigações não seriam necessárias. Devido a esse pensamento, com o qual concordamos, apresentamos nossas considerações finais da pesquisa “CONTOS DE AMÉLIA” - narrativas populares marapaniense no contexto de apagamento dos saberes ancestrais.

Tivemos como tema principal as narrativas populares marapaniense no contexto de apagamento do saber ancestral, com o foco nas narrações das mulheres. Nosso objetivo foi responder à questão problema “quais as relações das narrativas populares femininas marapaniense no contexto educacional ancestral?” Por meio dos objetivos elaborados, com exclusividade, para sustentar nossas motivações, a pesquisa demonstrou, devido aos eixos de produção da história oral em Marapanim, que o papel da mulher era essencial na formação inicial de coletivos minoritários tanto da terra(roceiros) quanto do mar (pescadores).

Essa relação já existia com os povos originários que habitaram a região praieira antes da colonização. Relações exploratórias mantiveram a Princesa do Salgado como refém de um instrumento desprovido de conscientização e preservação da ancestralidade. No entanto, tal constatação já era concretizada devido à colonização brasileira e a manutenção do “escanteio da sofisticação”. Isso fica claro, com a estruturação luxuosa que a cidade recebe e tenta manter como culto a história e não estão errados, a história necessita de alicerce de memória.

Os saberes ancestrais receberam um espaço de importância única no século passado, sendo o único método de ensino, contudo, neste século, mesmo com a produção de narrativas em mídias tecnológicas, a finalidade se mostrou diferente. O contexto atual da oralidade surge como entretenimento, muito se deve as contestações científicas.

Etnograficamente, as mulheres que contribuíram para a pesquisa demonstraram outra perspectiva, o papel da mulher afrodescendente carregou nas suas oralidades o preconceito racial e religioso. Com base nisso, suas narrativas eram constantemente modificadas, colocando-as em constantes reformulações até o apagamento total. A única mulher preta que contribui com a pesquisa, preferiu contar uma história vivida por um homem que as suas.

Com a institucionalização de unidade estatal, como é o caso de Marapanim, a mulher não teve espaços amplificados, seu reinado era seu lar, fosse em um ambiente étnico como nas comunidades indígenas, num objeto opressor como as senzalas ou os espaços quilombolas, ou nas estruturas arquitetônicas dos pequenos palacetes construídos na época áurea da cidade. Por isso, ao olhar para as narrativas orais neste século, os pensamentos confluíram para o papel educativo que elas desempenham.

Mesmo encontrando muitos objetos de pesquisas (dissertações, livros e artigos) que discutissem esse papel instrutivos, notamos que há uma parcialidade entre o popular e o erudito, transformando a realização de textos orais em produções marginalizadas quando fogem ao canônico. O fato de não conseguirmos desestigmatizar as narrativas orais populares, mesmo porque não era um de nossos objetivos, fez com que esta pesquisa abrisse uma reflexão de como os contextos da palavra popular está associado àquilo que é contraposto e regulamentado pelo governo.

De forma geral, constatamos que os métodos educativos dos “Contos de Amélia” têm um espaço cada vez mais distante, o que implica na utilização da educação formal (escolar) como única possível em Marapanim. Definimos, igualmente que a existência dos textos orais era divinatória e não eram bem vistos pela religião vigente, o que tratava qualquer figura feminina que estava envolta do encantado como “feiticeira” todos os entrevistados fizeram menções a esta figura popular em Marapanim, principalmente na zona costeira e aos arredores dos igarapés.

Registrar e “amelisar” o discurso das narrativas no contexto popular como forma de identidade local, colocou-nos em um ambiente pluralistas, todavia menos diversos. Mesmo que o discurso fosse diferente na sua verticalidade (avó para neta) ele também não se mantinha na horizontalidade (nos grupos de inclusão 40 e 60 anos). Portanto, a presença de discursos mais escolarizados não foi suficiente para definir pontos de apagamentos, para isso, era necessário que tivéssemos representantes de maior concentração de cada espaço social que compunha Marapanim. O que não foi o caso. No que se trata do triangular analisado, a língua ancestral se mostra quase imperceptível na fala e, ainda, esse fato se deu mais pelo processo natural da urbanização e evolução educativa que por ações pragmática e epistemológica.

Correlacionar o papel da narradora com o estigma da educadora primordial no contexto da Amélia pertence ao ato da mulher assumir esse papel, menos usual, de fato, porém é quase unânime que este lugar é preenchido por mulheres, seja na sala de casa ou na sala de aula. Ficou claro, diante das epistemologias apresentadas que saber da oralidade feminina não é um simples ato de contar uma história é, sim, um saber que se constrói na perspectiva social de cada indivíduo, transformado em identidade as vivências.

Essa pesquisa assumiu um papel transcendental do que muitos consideram insignificantes na academia. Tornou-se claro, para nosso pequeno grupo que a história educacional e tradicional de Marapanim poderia ser outra se não houvesse pensamentos instrumentalizado na colonização daquilo que é pesquisa nas universidades ou importantes. A atualidade nos mostra, corriqueiramente, que a preservação da natureza, os conhecimentos médicos e contexto de povo são desvalorizados diante das ciências técnicas formais, por um simples entendimento de superioridade de pensamento.

É possível que, diante desta pesquisa, haja mudanças sobre nossas conclusões com base em mais informações, mas se algo ficou claro neste início, é que a ancestralidade não só sofreu um apagamento substancial como construiu em si a tarefa de se perpetuar como um marco do passado histórico. Fenômeno que nós queremos se não abolir, mas fazê-lo demorar para que ocorra definitivamente. Não podemos deixar, assim como nossos antepassados, morrer em um esquecimento evolutivo a educação de um povo como o de Marapanim, pois assim como a história resiste na “Borboletinha do Mar” as narrativas das mulheres poderão resistir à modernização, sem que uma seja imposta a outra.

9 REFERÊNCIAS

ABREU, Walber Lopes de. **Território e gestão da pesca em coletividades locais no Nordeste Paraens**e: estudo de caso no município de Marapanim-PA- 2011.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B; FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro G.S.A de; BUECKE, Jane Elisa O. Trilhas da história da educação na Amazônia colonial. *In*: ALBUQUERQUE, Maria Betânia B; FRANÇA, Maria do Pérpetuo Socorro G.S.A de; BUECKE, Jane Elisa O.(org). **História da Educação na Amazônia Colonial: instituições e práticas educativas**. Curitiba : CRV, 2021. 132 p

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BARBOSA, Joaquim O. F. **Narrativas orais: performance e memória**. Manaus: UFAM, 2011. 143 f.; il. color. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) —- Universidade Federal do Amazonas, 2011. Orientador: Prof. Dr. Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque 1. Literatura Disponível em : ttps://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/ 2340/1/ Disserta%c3%a7%c3%a3o% 2020Joaquim% 20On%c3%a9simo%2 0Ferreira% 20 Barbosa.pdf. Acesso em: 25 Jun 2024.

BATTIBUGLI, Thaís; COIMBRA, Julia Beatriz Rodrigues; COSTA, Nataly Rosa da; ASSIS, Nathália Vitória de Oliveira; CÉFALO, Matheus Luiz de Souza. História oral e protagonismo feminino: caminhos pedagógicos para o Ensino Fundamental I. Revista de Educação, v. 18, 2025. ISSN 2177-2185. Disponível em: Revista de Educação – v. 18 (2025). Acesso em: 23 jun. 2026

BRASIL. Ministério da Cultura. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Brasilia: MEC, 150_/1969.Disponível em: https://www.gov.br/cultura/pt-br. Acesso em 20 de jan de 2025.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996.
BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Nacional Comum BNCC**, Brasília-DF, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/ images /BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 10 de Jun. de 2024.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. In: FREIRE, Tâmara. **Rádio nacional**. Disponível em om-br.cdn.amprojetoct.org. Acesso em 02 de ABR 2024.

BRANDÃO, Carlos. **O que é Educação? (Coleção Primeiros Passos – n 20)**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CHARLOT, Bernard. **A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber**. Cortez Editora, 2016. 826, 2000.

CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

CONCEIÇÃO, Agripino. A. da. **Marapanim - Reconstituição Histórica Cultural Mística e Chistosa**. Marapanim. 1. ed. 1995.

DORNELLES, Olívia Maurício; SAUERBRONN, Fernanda Filgueras. Revisitando narrativas em busca de definição e usos em contabilidade. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, 2019. Edição Especial - Qualitative, Critical and Interpretive Accounting Studies. Disponível em: DOI:https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v14. Acesso em 30 de Jun de 2024

DIANA, Rodrigo. **Algodoal Pará: O que fazer na ilha mais charmosa do Pará c/ lindas praias, muita natureza e Carimbó**. You Tube. Disponível em: https://www.youtube. com/watch? v=gW4Ir0Wvzdw. Acesso em: 20 de jan 2026.

DIAS, Ronilson. **Regata de Marapanim/pa 2025.uma tradição há mais de 100 anos**. You Tube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uY6amAHsEeQ. Acesso em 29 de jan de 2026.

FERNANDES, Frederico. **Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas referem “estado da arte”. **Educação & Sociedade** , 79, 2002.

FERRERAS, Ulpiano Lada. El proceso comunicativo de la narrativa oral literaria. Culturas Populares**. Revista Electrónica 5** (julio-diciembre 2007). Disponível em: http://www.culturaspopulares.org/textos5/articulos/lada.pdf. Acesso em: 13 de Jun 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed.- São Paulo: Atlas, 2002.

GOOGLE. *Google Maps*. Disponível em: https://www.google.com/maps/place/Marapanim,+PA. Acesso em: 20 jan. 2026.

GUINSBURG, Jacó; NETTO, J. Teixeira Coelho. (ORGs.). **Semiologia do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica. Uma poética do imaginário. Belém**: Cejup, 1995

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. **A Amazônia na era pombalina: Correspondência do governador e capitão-general do estado do Grão-Pará e Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado**: 1751-17592. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005, v. 49-A-B-C. disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf /handle/id/1101. Acesso em: 20 Abr 2024.

MINAYO, Cecília de Souza(org.).et,al. **Pesquisa social:teoria, método e criatividade**.21.ed. Petrópolis.RJ. Vozes, 2002.

MONTEIRO, Izabela Bentes. **Fotografias de acervo pessoal.** 2024

PERROT, M. **Escrever uma história das mulheres**: relato de uma experiência. Cadernos Pagu, Campinas, n. 4, p. 9-28, 1995. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733. Acesso em: 19 dez 2025.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020. 100 p. ISBN: 9788571131316.

REZENDE, Tânia Ferreira. Políticas de apagamento linguístico em contexto brasileiro. *In*: BARROS, Débora Magalhães de*;* SILVA*,* Kleber Aparecido da*;* CASSEB-GALVÃO*,* Vânia Cristina*. (Orgs.).* **O ensino em quatro atos: interculturalidade, tecnologia de informação, leitura e gramática***.* Campinas-SP: Pontes Editores, 2015, p. 63-77.

RICHARDSON, J. A pesquisa qualitativa crítica e válida. *In*: RICHARDSON, R. J. et al. (Org) Pesquisa Social. 3ª ed. **Revista e Ampliada**. São Paulo: Atlas, 2012, p. 90 – 103.

RINALDO, Mestre. **Pescaria no Rio Marapanim-Pará de Caranguejo**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wj4nBpmQ1eI. Acesso em: 20 de jan de 2026.

SEM DESTINO360. **Visitamos Matapiquara PA**. You Tube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CARbe9Pp1vg. Acesso em: 20 de jan 2026.

SILVA, Adson Manoel Bulhões da; OLIVEIRA, Caroline do Socorro Silvestre. **A apresentação da Alma feminina no imaginário dos povos da Amazônia**. Ambivalência. Dossiê - Migrações: corpo, gênero e sexualidade - v. 10 n. 19, jan-jun, 2022 (ISSN 2318-3888). Disponível em: 10.21665/2318-3888.v10n19p254-282. Acesso em: 27 de dez 2025.

SILVA, Thaís C.A. Racionalidade teológica medieval e as práticas educativas da ordem De n. Sra das Mercês no Grão-Pará. ALBUQUERQUE. Maria Betânia B., FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de; BUECKE Jane Elisa Otomar (organizadoras). **História da Educação na Amazônia Colonial: instituições e práticas educativas**. Curitiba : CRV, 2021. 132 p. Disponível em:

https://www.editoracrv.com.br/uploads/pdfs/1623264399-historia-da-educacao-na-amazonia-colonial.pdf. Acesso em: 14 de Abr 2024.

SODRÉ, Muniz. **Best-Seller***: a Literatura de Mercado*. São Paulo: Ática, 1988. Série Princípios.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. de Maria Clara Correa Castello São Paulo: Perspectiva, 1989. (Título original: Introduction à la littérature fantastique)

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997**.**

GLOSSÁRIO

Ajuntar-reunir ou pegar algo do chão.

Contos de Amélia- crônicas produzidas por mulheres, sendo narradoras ou protagonistas.

Amelisar-neologismo parodiando a palavra analisar

Demo- designação para diabo

Escangalhado- quebrado

Finado- pessoa falecida.

Narravidas- aglutinação de narrativa com vida (neologismo criado por nós).

Marage- Ato de colocar as mandiocas para amolecer a beira mar.

Maré de lanço- Maré própria para pescaria

Pajé- curandeiro

Paneiro- cesto feito com palha ou junco, ou caule da árvore do miriti.

Piolho do caranguejo- parasitas ou larvas do caranguejo.

Pirapema- reprodução de peixes na subida do rio.

Roda de pau- rodas usadas em carroças no século XX.

Samuameira- árvore típica

Tapera- casa na beira do rio ou praias feitas de madeira ou barro.

Visagem- aparição sobrenatural

ANEXO A- REFERÊNCIA DO ESTADO DA ARTE

ALMEIDA, NATASHA DE QUEIROZ. **ENTRE O CONTO E O CANTO:** os diálogos entre Tema e Memória em narrativas orais e narrativas cantadas dos Mestres de Carimbó da Amazônia Paraense' 05/12/2022 142 f. Doutorado em LETRAS: LINGÜÍSTICA E TEORIA LITERÁRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém Biblioteca Depositária: Biblioteca - ILC/UFPA Acesso em 12 de nov de 2025.

BRASILEIRO, Margareth da Silva. **Saberes afro-brasileiros e educação sensível em cartografias amazônicas**: vozes de Jambuaçu-Pa / Margareth da Silva Brasileiro; orientador Josebel Akes Fares, 2019.

CÂMARA, Fábio da Conceição. **Narrativas de moradores da Baia do Sol-Mosqueiro-PA**: posicionamentos éticos e saberes culturais. / Fábio da Conceição Câmara; orientador José Anchieta de Oliveira Bentes. – 2021.

CARDOSO, Josiane Sousa. **Artífices do dizer, caminhos que levam a ler**: a cultura da contação de narrativas orais amazônicas / Josiane Sousa Cardoso. - Santarém, 2019. 124f.: il.

COZZI, Andréa Lima de Souza. **Tessituras poéticas**: educação, memória em saberes e narrativas da Ilha grande/Belém-PA/ Andréa Lima de Souza Cozzi. Belém, 2015.

DIAS, Maírna Costa. **A matinta tem a cor da chuva**: ludicidade como estratégia de ensino-aprendizagem para educação ambiental / Maírna Costa Dias. - 2015.

FAVACHO, Dia Ermínia da Paixão. **Poesia da voz presente sob o regime crepuscular: um ensaio epistemológico da educação sensível na Amazônia**.TESE PPGED - Belém, 2023.

FERNANDES, Natália Passos. **Práticas de letramento e educação nas vozes de crianças : ler e escrever entre os sentidos e os bens culturais na Ilha de Caratateua-PA.** Orientador Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva; 2018.

LOBATO, Marcia Daniele dos Santos. **Texto e Pretexto: tessituras sensíveis de fruição das poéticas amazônicas.** 2018, 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Pará, Belém – Pará, 2018.

MUINHOS, Breno Pauxis. **Entidades e identidades no diálogo entre seres fantásticos das narrativas orais tradicionais da Amazônia e dos RPGS**. 2021. 200 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/handle/2011/14377. Acesso em: 20 de out de 2025.

OLIVEIRA, Evelim Mendes dos Santos de. **A poética de Eneida; cultura, imaginário e educação na Amazônia** / Evelim Mendes dos Santos de Oliveira; orientadora Josebel Akel Fares. – Belém, 2022.

RIBEIRO, Eva Pereira; AMARAL, Paulo Murilo Guerreiro Do. **Literatura Regional E Ensino**: Leitura E Escrita De Microcontos Na Educação Básica1, 2021

SABOIA, Cínthia Bastos. **Narrativas orais na comunidade do Julião**. Manaus, 2016.

SANTOS, Maria Mírley Farias dos. **Narrativas orais: vestígios da história da Comunidade da Praia do Crispim-PA. 2023** Dissertação– Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém. Disponível em: https://ppgcom.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias/557-turma-2021-dissertacoes-de-2023. Acesso em 10 de jan de 2026.

SILVA, Antonio Gomes Da. **Navegando nas águas dos poemas**: Prática de Leitura e Escrita no Rio Urumajó, 2023.

SILVA, Maria José Borges da. **Narrativas orais de mulheres pretas e quilombolas sobre o empoderamento feminino negro no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Cametá-PA**. 2023. Dissertação (Mestrado em Linguas e artes) – Instituição, Cametá, 2023

TRINDADE, Joelma da Silva. **Monte Serrat e o desejo de ser**: intelectual, escritora e educadora negra abaetetubense / Joelma da Silva Trindade; orientadora Maria do Perpétuo Socorro G. de S. Avelino de França. – Belém, 2023.

ANEXO B-Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Do Estado Do Pará
Pró-Reitoria De Pesquisa E Pós-Graduação
Centro De Ciências Sociais E Educação
Programa De Pós-Graduação Em Educação- Mestrado

Título do Estudo: FORMAS DE APAGAMENTOS DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA AMAZÔNICA NAS NARRATIVAS ORAIS DO REALISMO MARAVILHOSO MARAPANIENSE

Pesquisador Responsável: KARLA KAROLINA AZEVEDO DA CONCEIÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (A) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa. Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Caso haja alguma palavra ou frase que o (a) senhor (a) não consiga entender, converse com o pesquisador responsável pelo estudo ou com um membro da equipe desta pesquisa para esclarecê-los.

A proposta deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o estudo e solicitar a sua permissão para participar do mesmo.

O objetivo desta pesquisa é coletar histórias sobrenaturais que ocorrem no município e tem como justificativa a relevância da fala dos moradores para a educação não escolar permitindo o conhecimento linguístico, a comunicação, a relação de cultura e tradição da comunidade de Marapanim, podendo ocorrer a criação de espaços para manutenção da contação das histórias sobre o Município..

Se o(a) Sr.(a) aceitar participar da pesquisa, os procedimentos envolvidos em sua participação são os seguintes: Ser gravada, fotografada, transcrever suas falas, analisar suas falas e seu espaço (casa, rua, sítio, praia) para a pesquisa presente e para futuros materiais que possam surgir a partir desta pesquisa.

Toda pesquisa com seres humanos envolve algum tipo de risco. No nosso estudo, os possíveis riscos ou desconfortos decorrentes da participação na pesquisa: o senhor(a) poderão ser reconhecido pelo espaço ou áudio, mesmo que asseguremos a não divulgação de nome e imagem nítida. Podem haver transtornos de espaço, pessoas poderão vir ao seu espaço para conhecer ou com intensões não amistosas. Além de possibilitar danos, morais, psíquicos, intelectuais, físicos, cultuais e sociais. Tal situação poderá ocorrer em qualquer etapa da pesquisa inclusive na divulgação midiática, caso a pesquisa chegue a tal meio de comunicação.

Contudo, esta pesquisa também pode trazer benefícios. Os possíveis benefícios resultantes da participação na pesquisa são a amplitude do desenvolvimento cultural, linguístico e social dos jovens marapanienses. Além de fomentar o turístico pelo acesso a outras formas de produção e criação de espaços voltados a tradição oral de pessoas idosas que possuem saberes que a comunidade mais novas desconhecem. Não há nenhum fim beneficiário direto ao participante, contudo, a participação será essencial para abrir reflexões na área de linguística para a área de saberes amazônicos. Após a pesquisa, haverá o retorno à Marapanim para divulgar o trabalho e fazer a entrega da dissertação à comunidade, bem como a divulgação das histórias em meio digital para futuros acessos.

Sua participação na pesquisa é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Caso o(a) Sr.(a) decida não participar, ou ainda, desistir de participar e retirar seu consentimento durante a pesquisa, não haverá nenhum prejuízo ao atendimento que você recebe ou possa vir a receber na instituição.

Não está previsto nenhum tipo de pagamento pela sua participação na pesquisa e o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo com respeito aos procedimentos envolvidos, porém, poderá receber por despesas decorrentes de sua participação caso precise se locomover ou despesas alimentares. Essas despesas serão pagas pelo orçamento da pesquisa.

Karla Karolina Azevedo da Conceição
Rubrica do pesquisador

F1-Autozização em vídeo
Rubrica do participante/responsável

Caso ocorra algum problema ou dano com o(a) Sr.(a), resultante de sua participação na pesquisa, o(a) Sr.(a) receberá todo o atendimento necessário, sem nenhum custo pessoal e garantimos indenização diante de eventuais fatos comprovados, com nexo causal com a pesquisa.

Solicitamos também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto, bem como em todas fases da pesquisa.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como é garantido ao Sr.(a), o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que o(a) Sr.(a) queira saber antes, durante e depois da sua participação será devidamente assegurado, por meio do pesquisador e acompanhante.

Caso o(a) Sr.(a) tenha dúvidas, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Karla Karolina Azevedo da Conceição, pelos telefones (91)982149476 e(91)982848468, nos horários de 8h às 18h nos dias indicados (segunda: sábado e domingo) e de 11h às 20h nos dias indicados (terça, quarta e sexta) endereço e/ou pelo e-mail Karla.k.azevedo@hotmail.com com o pesquisador ou com o Comitê de Ética em Pesquisa Município: Belém Coordenador(a): Ana D'arc; Vice-Coordenador: Mauro Emilio Costa Silva; Secretária: Maria Edilene Paiva dos Santos; Endereço: Tv.Djalma Dutra,s/n-Telégrafo-66050-540. Bloco I, térreo,sl09 CONCEN/CCSE; Telefone: (91)4009-9534; E-mail: cep.ccse@uepa.brEsse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) e a outra para os pesquisadores.

Declaração de Consentimento

Concordo em participar do estudo intitulado FORMAS DE APAGAMENTOS DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA AMAZÔNICA NAS NARRATIVAS ORAIS DO REALISMO MARAVILHOSO MARAPANIENSE

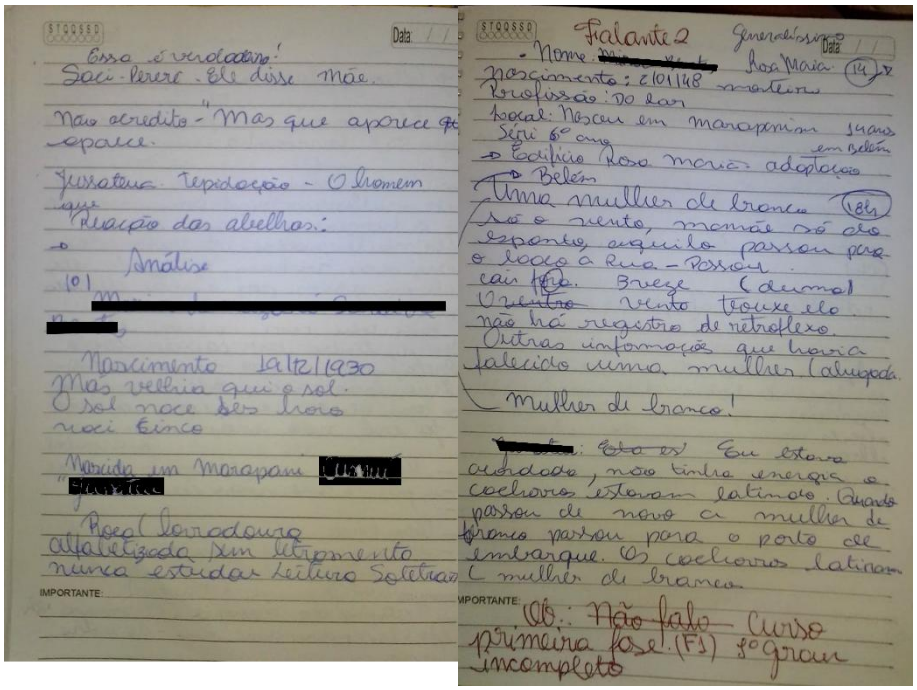
Maria de N..... S..... B..... Nome do participante ou responsável	
M.N.S.B(autorizado em vídeo) Assinatura do participante ou responsável	Data: 30 / 4 /2025

Eu, Karla Karolina Azevedo da Conceição, declaro cumprir as exigências contidas nos itens IV.3 e IV.4, da Resolução nº 466/2012 e 510/2026 CONEP/CNS/ MS.

Karla Karolina Azevedo da Conceição Assinatura e carimbo do Pesquisador	Data: 30 / 4 / 2025

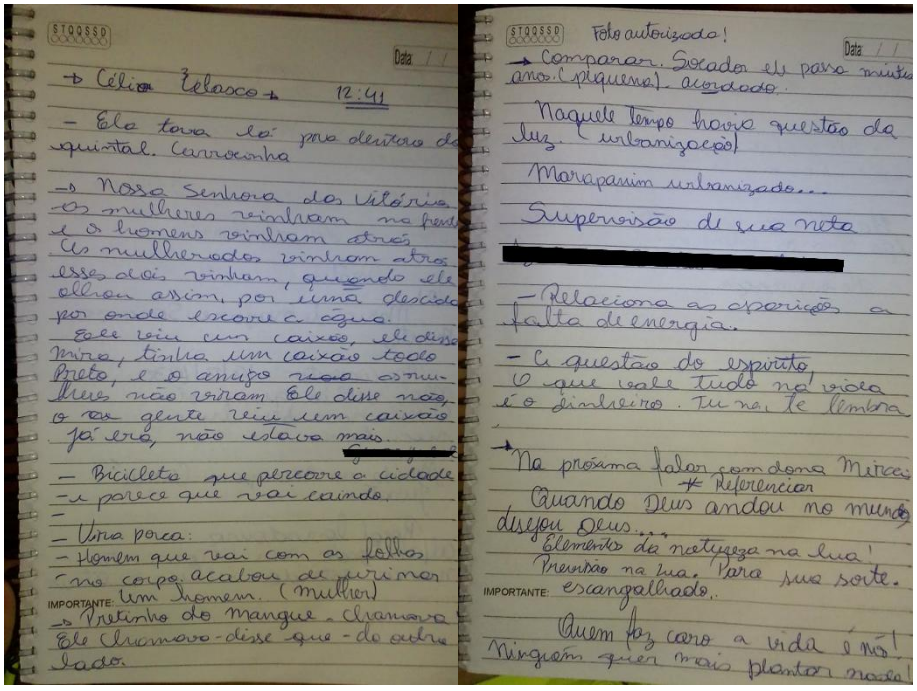
Orientador: gov.br Documento assinado digitalmente MARIA DO PERPETUO SOCORRO PEREIRA GARC verifique em https://validar.iti.gov.br

ANEXO C- Diário de Bordo



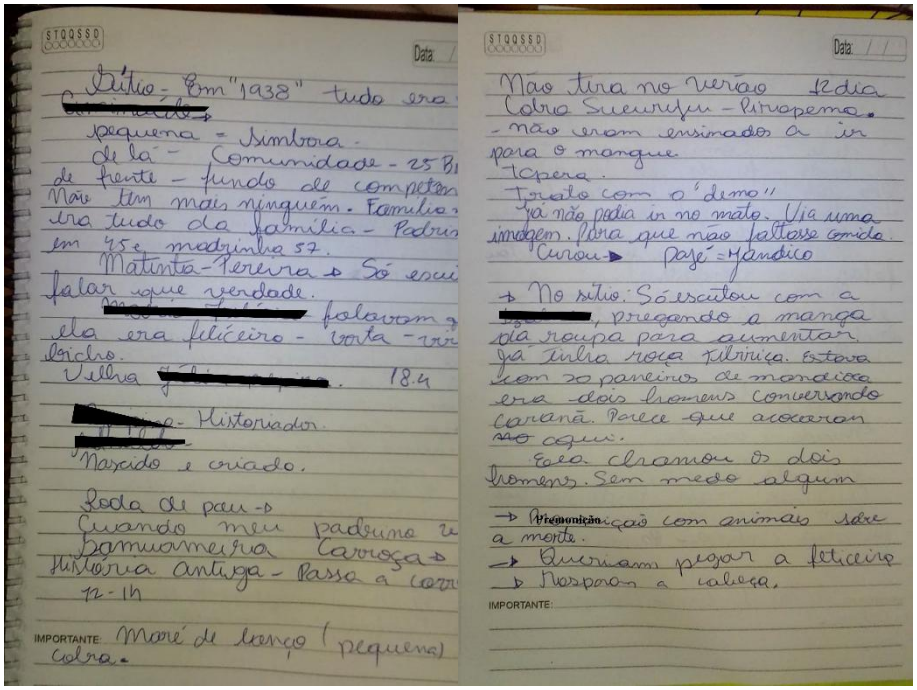
Essa é verdadeira!
Saci-Pererê. Ele disse Mãe.
Não acredito "Mas que aparece e
some.
Jurupiara. Tepidação - O homem
que
Ataque das abelhas:
Análise
101
[redacted]
Nascimento 19/12/1930
Mas velhice que o sol
O sol nace dos livros
vaci Cinco
Nascida em Marapanim [redacted]
[redacted]
Roça/ lavradoura
Atualizada sem letramento
nunca estudar Leitura Soletrar
IMPORTANTE:

Falante 2 Generalíssima
- Nome: [redacted] Rosa Maria (14)
Nascimento: 2/01/48 mentira
Profissão: Do lar
Local: Nascer em Marapanim 14 anos
Série 6º ano em Belém
→ Edifício Rosa Maria adaptação
→ Belém
Uma mulher de branco (18h)
Só o vento, mamãe só ela
espanto, aquilo passou para
o lado a Rua - Passou.
cair [redacted]. Brisa (de uma)
Vento trouxe ela
não há registro de retroflexo.
Outras informações que houve
falecido uma mulher (alugada
Mulher de branco!
[redacted]: Ela era! Eu estava
acabado, não tinha energia e
cachorros estavam latindo. Quando
passou de novo a mulher de
branco passou para o porto de
embarque. Os cachorros latiram
[redacted] mulher de branco.
IMPORTANTE:
Obs.: Não fala Curso
primeira fase (F1) 1º grau
incompleto



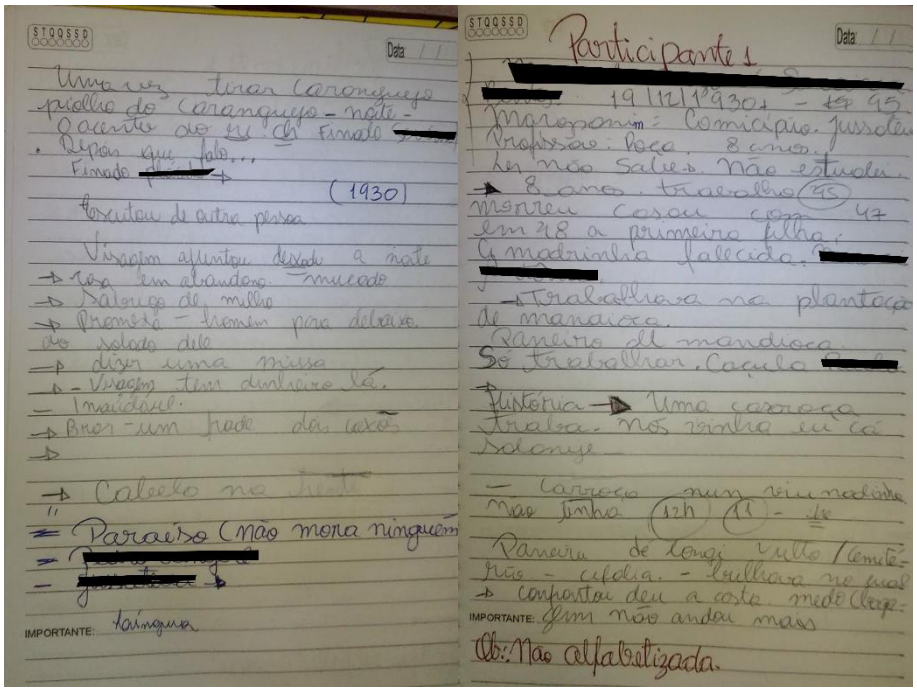
→ Célia Teloxo → 12:41
- Ela tava lá pra dentro do
quintal. Carrocinha
→ Nossa Senhora dos Vitórios
Os mulheres vinham na frente
e o homens vinham atrás
Os mulheres dos vinham atrás
esses dois vinham, quando ele
olhou assim, por uma descida
por onde escorre a água.
Ele viu um caixão, ele disse
Mira, tinha um caixão todo
Preto, e o anjo nua assim
Deus não viram Ele disse não,
o ra gente viu um caixão
já era, não estava mais.
[redacted]
- Bicicleta que percorre a cidade
- e parece que vai caindo.
-
- Uma porca:
- Homem que vai com os Folhos
- no corpo acabou de furinar
IMPORTANTE: um homem. (Mulher)
→ Pretinho do Mangue - Chamava
Ele Chamava - disse que - do outro
lado.

Foto autorizado!
→ Comparar. Socado ele passo minuto
amo. (pequena). acordado.
Naquele tempo havia questão da
luz. (urbanização)
Marapanim urbanizado...
Supervisão de sua rota
[redacted]
- Relaciona as aparições a
falta de energia.
- Questão do espírito,
O que vale tudo na vida
é o dinheiro. Tu na, te lembra
→ Na próxima falar com dona Mirca
* Referenciar
Quando Deus andou no mundo
disseu Deus...
Elemento da natureza na lua!
Prensão na lua. Para sua sorte.
IMPORTANTE: escangalhado.
Quem faz caro a vida é nós!
Ninguém quer mais plantar roça!



Sítio - Em "1938" tudo era [redacted]
pequena = Sumbora.
de lá - Comunidade - 25 B
de frente - fundo de completo
Não tem mais ninguém. Família
era tudo da família - Pedro
em 45 e madrinha 57.
Matuntá - Pereira → Só escu
falar que verdade.
[redacted] falavam
ela era feiticeiro - volta -
bicho.
Velha [redacted]. 18.4
[redacted] - Historiador.
Nascido e criado.
Roda de pau →
Quando meu padrinho
Samumeira Carroça →
História antiga - Passa a
12 - 1h
IMPORTANTE: Maré de lançó (pequena)
Cobra.

Não tira no verão 12 dia
Cobra Sucuruju - Pirapema.
- não eram ensinados a ir
para o manguezal.
Tapera.
Trato com o "demo"
Já não podia ir no mato. Via uma
imagem. Para que não faltasse comida.
Curou → pajé = Fandico
→ No sítio: Só escutou com a
[redacted], prestando a manga
da roupa para aumentar
já tinha roça fabrica. Estava
com os paneiros de mandioca
era dois homens conversando
coreano. Parece que aconteceu
aqui.
Foi chamou os dois
homens. Sem medo algum
→ Premonição com animais sobre
a morte.
→ Queriam pegar a feiticeira
→ Nasparam a cabeça.
IMPORTANTE:



Uma vez tinha Caranguejo
pitiu do Caranguejo - noite -
O acento do [redacted] Ch Finado [redacted]
. Depois que fala...
Finado [redacted]
(1930)
Escutou de outra pessoa
Visagem apareceu deixado a noite
→ roça em abandono - mucado
→ Palanque de milho
→ Promessa - tronco para deixar
do soldado dele
→ dizer uma missa
→ - Visagem tem dinheiro lá.
- Inacabável.
→ Bnes - um frade dois caixões
→
→ Caleeko na [redacted]
= Paraíso (não mora ninguém
= [redacted]
- [redacted]
IMPORTANTE: Caimgura

Participante 1
[redacted]
19/12/1930 - [redacted] 95
Naturalidade: Comicípio. Jussolân
Profissão: Roça. 8 anos.
Ler não Sabe → Não estudei
→ 8 anos. Trabalho (95)
Morreu Casou com 47
em 78 a primeira filha.
Madrinha falecida. [redacted]
→ Trabalhava na plantação
de mandioca.
Paneiro de mandioca.
Só trabalhar. Caçula [redacted]
Pintura → Uma carroça
Fraiza. Nós vinha eu cá
Solange
- Carroça muy vinculada
Não tinha (12h) (11) - 12
Paneira de tengi Culto / Cemitério
- cafdia. - Trabalhava no mato
→ confortou deu a costa medo Carga
IMPORTANTE: Gm não andou mais
Ob.: Não alfabetizada.

ANEXO D- MODELO DA ENTREVISTA

Dados pessoais	
Nome	
Local de nascimento	
Data de nascimento	
Pergunta 1	**O Senhor(a) poderia me contar um pouco de sua vida?**
Pergunta 2	**O senhor(a) conhece, já viveu ou ouviu falar de histórias sobrenaturais?**

ANEXO E- CATÁLAGOS DAS HISTÓRIAS

1. **O SOCADOR**
2. **A CARROCINHA**
3. **A BICICLETINHS**
4. **A FETICEIRA**
5. **O VENTO BRANCO**
6. **O HOMEM DE PRETO**
7. **AS DUAS COBRAS QUE ENGRAVIDOU DE DUAS VCOBRAS**
8. **O FOGO**
9. **O HOMEM DE BRANCO**
10. **A MULHER DE BRANCO**
11. **A PACA**
12. **O VIRA PORCOS**
13. **O HOMEM QUE ENCONTROU SÃO BENEDITO**
14. **A MULHER QUE SE APAIXONOU POR DEUS QUANDO ELE VEIO A MARAPANIM**
15. **A FOGUEIRA SAGRADA DE SÃO JOÃO**
16. **A PISA DO CURUOPIRA**
17. **A COBRA DA LAGOA**
18. **VIRA BICHO**
19. **A COBRA SUCURIJU**
20. **O PAJÉ QUE CURA**
21. **OS DOIS HOMENS NA ROÇA TIBIRIÇA**
22. **PREMONIÇÃO**



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Matemática
Travessa Djalma Dutra, s/n – Telégrafo
66113-200 Belém-PA
www.uepa.br/pmpem